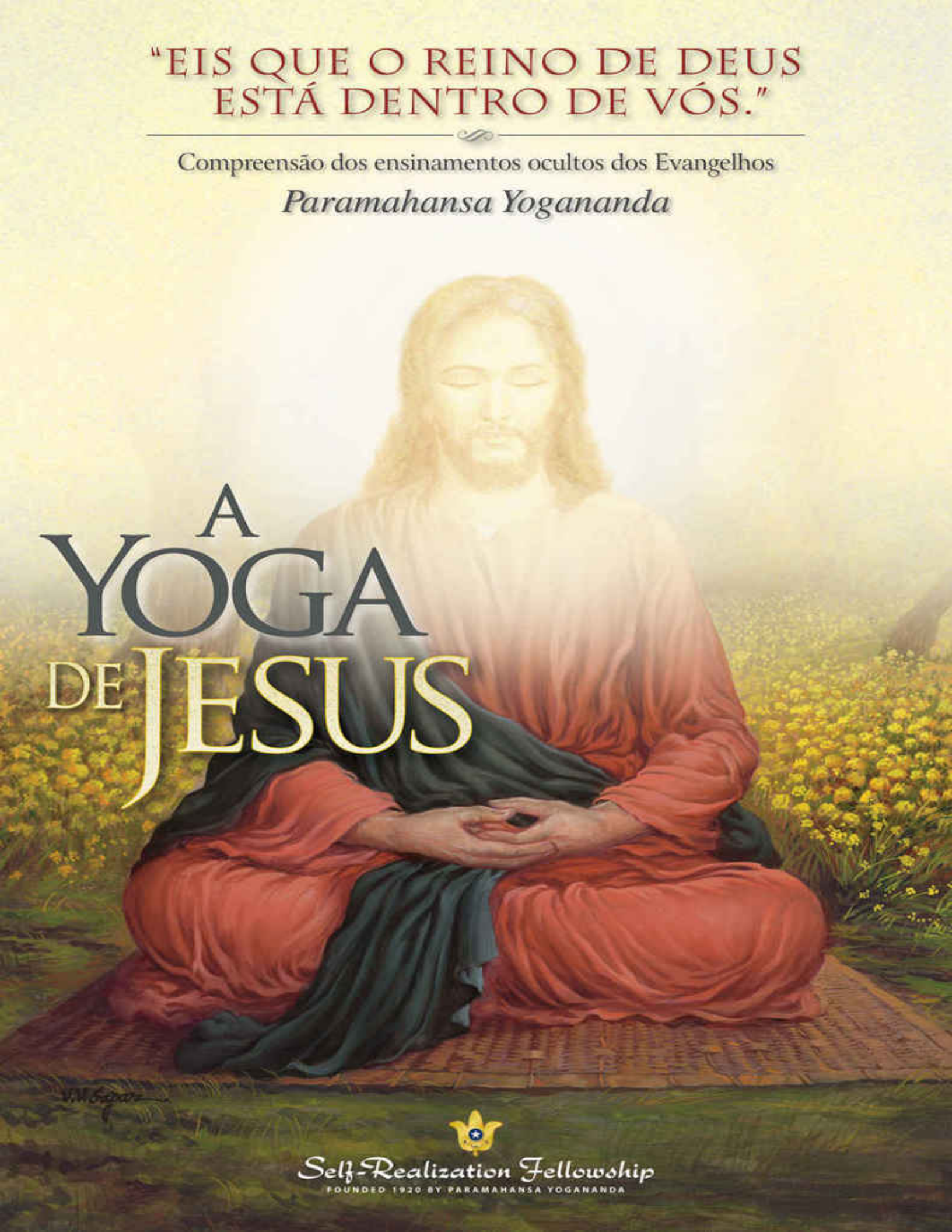


"EIS QUE O REINO DE DEUS
ESTÁ DENTRO DE VÓS."

Compreensão dos ensinamentos ocultos dos Evangelhos

Paramahansa Yogananda



A YOGA DE JESUS



Self-Realization Fellowship

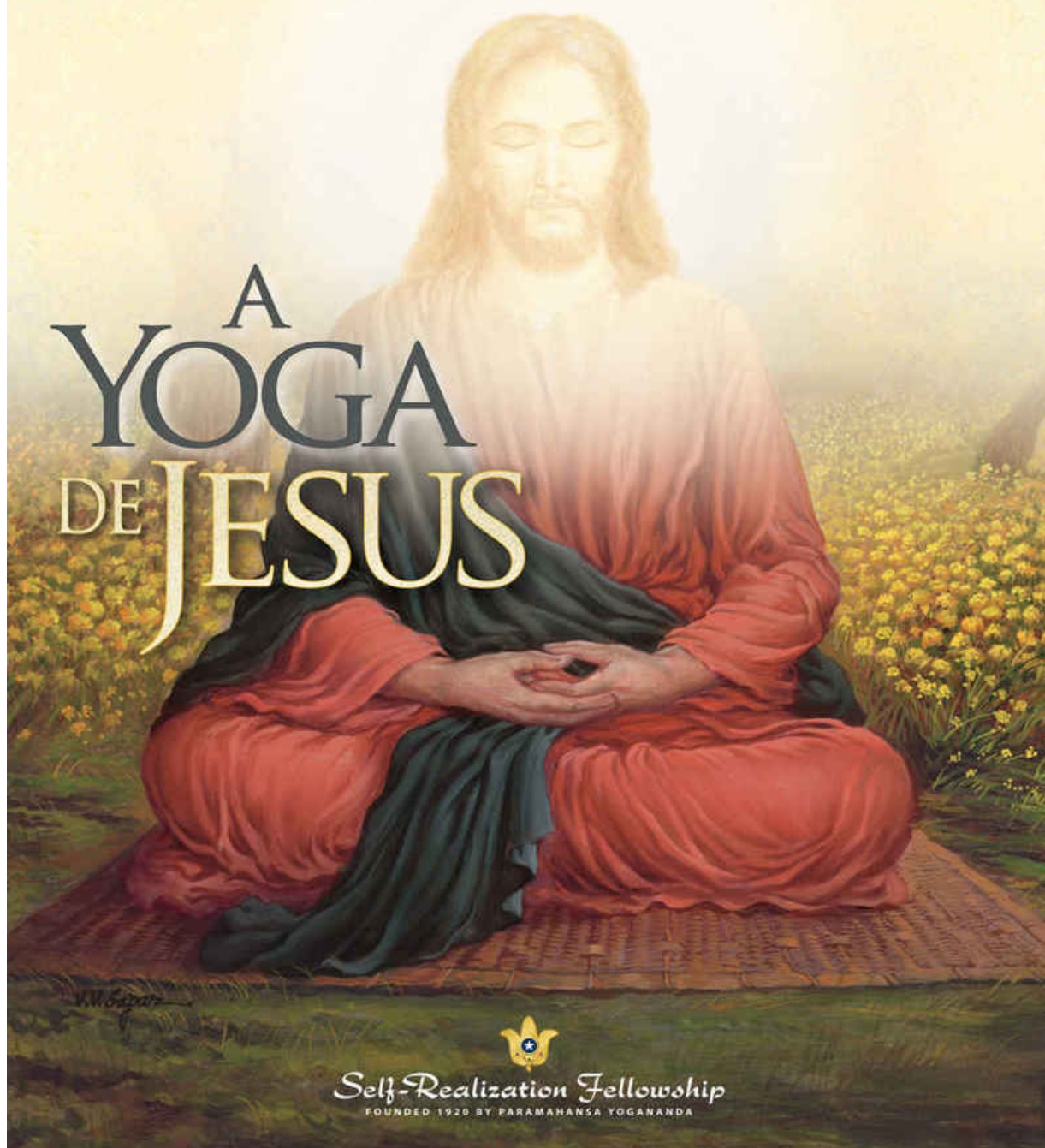
FOUNDED 1920 BY PARAMAHANSA YOGANANDA

"EIS QUE O REINO DE DEUS
ESTÁ DENTRO DE VÓS."

Compreensão dos ensinamentos ocultos dos Evangelhos

Paramahansa Yogananda

A YOGA DE JESUS



Self-Realization Fellowship
FOUNDED 1920 BY PARAMAHANSA YOGANANDA



Apreciações do comentário completo de Paramahansa Yogananda aos ensinamentos de Jesus...

*The Second Coming of Christ:
The Resurrection of the Christ Within You*
[“A Segunda Vinda de Cristo: A ressurreição do Cristo interior”]
(publicado primeiro em inglês pela *Self-Realization Fellowship* em 2004)

“Traz ideias surpreendentes a respeito do significado mais profundo dos ensinamentos de Jesus e sua unidade essencial com a *yoga*, um dos mais antigos e sistemáticos caminhos religiosos para se alcançar a união com Deus. (...) Vem sendo elogiado como uma obra revolucionária por estudiosos do campo das religiões comparadas.” **Los Angeles Times**

“Uma obra de arte em revelação espiritual. (...) À medida que Yogananda se aprofunda na vida e no contexto de Jesus, torna-se claro que os Evangelhos contêm uma mensagem esotérica universal, que aguardava uma explicação completa e sistemática desde a época dos apóstolos. Nos comentários de Yogananda, o que era oculto, obscuro e evasivo é plenamente revelado.” **Yoga International**

“A publicação de *A Segunda Vinda de Cristo*, de Paramahansa Yogananda, tem todas as credenciais de uma contribuição que marcará época. (...) Um quadro majestoso de profundidade e universalidade. (...) Uma obra excepcional.” **Dayton Daily News**

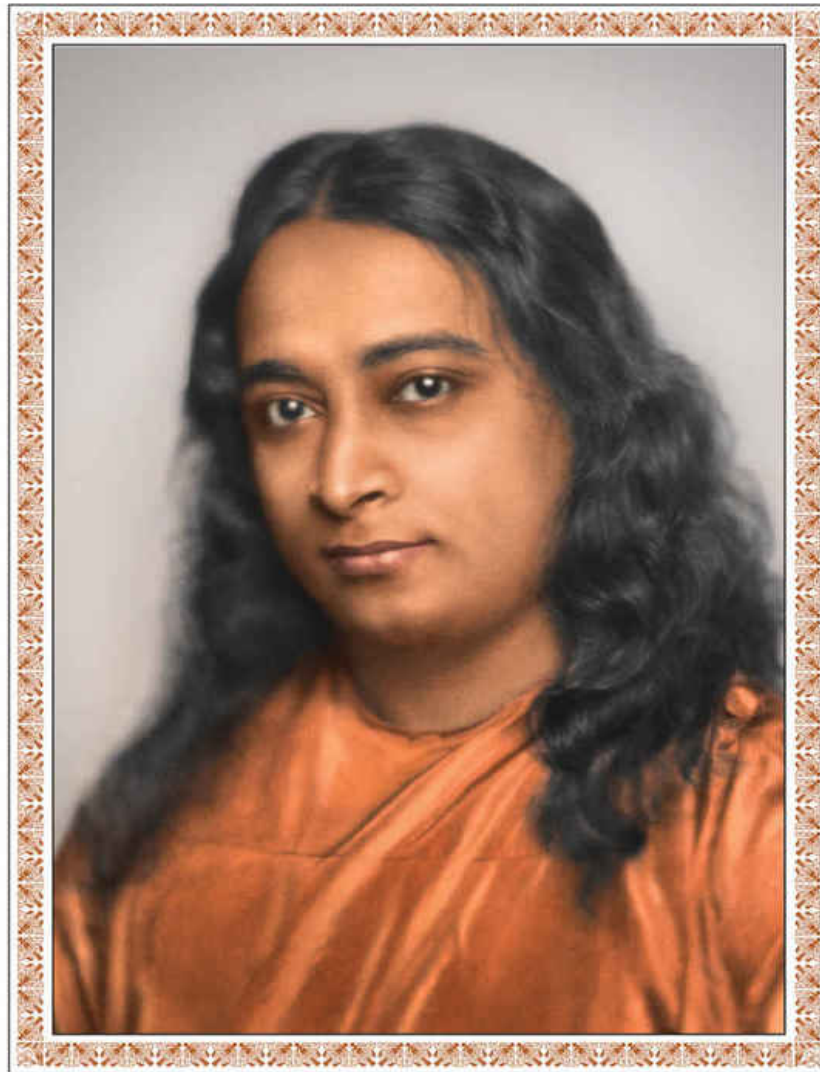
“Uma obra nova, extraordinária, em dois volumes (...), *A Segunda Vinda de Cristo: A ressurreição do Cristo interior* oferece descortinos que podem ajudar os cristãos a considerar sua fé de novas formas.” **Kansas City Star**

“Em um mundo repleto de ódio, violência, ira e trevas, o lançamento de *A Segunda Vinda de Cristo: A ressurreição do Cristo interior*, de Paramahansa Yogananda, sincroniza-se com a necessidade de nossa época.” **India Post**

“Yogananda remove as divisões e o tratamento dogmático que se acumularam em torno dos ensinamentos de Jesus, e afirma que é possível para cada indivíduo – independentemente de sua tradição religiosa – ter o mesmo relacionamento que Jesus tinha com a Divindade.” **Sacred Pathways**

“Paramahansa Yogananda demonstra a verdade universal da Autorrealização, oculta nos Evangelhos, que é relevante para todos e pode contribuir para unificar todas as religiões em uma compreensão mais elevada, para além de qualquer limitação sectária. Este livro pode transformar a humanidade nesta época de crise global, caso venha a ser estudado e praticado sinceramente.” **Dr. David Frawley, diretor do American Institute of Vedic Studies**

“Este comentário revelador (...) traz o mesmo alento de genuína sabedoria e sutil beleza que associamos à *Autobiografia de um Iogue*. Se, por qualquer motivo, você perdeu contato com a mensagem de Jesus, Yogananda é uma companhia ideal para despertar novamente em você a compreensão daquele significado e grandiosidade.” **Adyar Booknews** (Austrália)



Paramahansa Yogananda (1893 – 1952)

A YOGA DE JESUS

Compreensão dos
ensinamentos ocultos
dos Evangelhos

Excertos de uma obra de
Paramahansa Yogananda



“Eis que o reino de Deus está dentro de vós.”



Self-Realization Fellowship
FOUNDED 1920 BY PARAMAHANSA YOGANANDA

Copyright © 2010 Self-Realization Fellowship
Todos os direitos desta edição digital de *A Yoga de Jesus* são reservados pela *Self-Realization Fellowship*.

NOTA AO LEITOR

A *Self-Realization Fellowship* tem o prazer de lhe dar a permissão para baixar esta edição para seu uso individual, não comercial, e imprimir, para consulta, quaisquer excertos que possam atender às suas necessidades pessoais.

Tenha a bondade de observar, todavia, que ao adquirir esta edição, o leitor concorda em cumprir as leis de direitos autorais nacionais e internacionais aplicáveis e abster-se de distribuir, reproduzir ou transmitir o conteúdo para outros indivíduos ou entidades, por quaisquer meios (mecânico, eletrônico ou outros), sem a autorização prévia, por escrito, da *Self-Realization Fellowship*. Agradecemos sua consideração em ajudar a preservar a integridade da obra do autor, defendendo esses princípios.

Obrigado por apoiar nossos esforços de publicação, sem fins lucrativos, em conexão com o legado de Paramahansa Yogananda.



Autorizado pelo *Conselho de Publicações Internacionais* da
SELF-REALIZATION FELLOWSHIP
3880 San Rafael Avenue • Los Angeles, California 90065-3219 USA

O nome *Self-Realization Fellowship* e o emblema (mostrados acima) aparecem em todos os livros, gravações e demais publicações da SRF, sendo, para o leitor, a garantia de que a obra provém da sociedade estabelecida por Paramahansa Yogananda e transmite fielmente seus ensinamentos.

Primeira edição, 2010. E-book edição, 2023.

Kindle edição

978-0-87612-986-9

ePub edição

978-0-87612-987-6

ÍNDICE

Prefácio

Parte I: Jesus, o Cristo – Avatar e Iogue

1. Jesus, o Avatar

A manifestação de Deus nas encarnações divinas

Consciência Crística: unidade com a Inteligência Infinita e Bem-aventurança Divina permeando toda a criação

O principal ensinamento de Jesus: como tornar-se um Cristo

2. Jesus e a Yoga

Os “anos desconhecidos” de Jesus

Os ensinamentos perdidos dos Evangelhos

A ciência universal da religião

3. Os ensinamentos secretos de Jesus, o Iogue

De que modo toda alma pode alcançar a Consciência Crística

A importância do Consolador ou Espírito Santo

O Verbo: a Vibração Cósmica Inteligente de Deus

Pai, Filho e Espírito Santo conforme a Yoga

Como receber, na meditação, a Consciência Crística por meio da comunhão com o Espírito Santo

A ciência iogue da coluna vertebral: “Endireitai o caminho do Senhor”

A yoga confere o verdadeiro batismo no Espírito

Parte II: “Único caminho” ou universalidade?

4. “Segundo nascimento”: o despertar da intuição da alma

A verdade oculta nas parábolas de Jesus

5. “Levantar o filho do homem” para a Consciência Divina

6. O verdadeiro significado de “crer em seu nome” e de salvação

Parte III: A Yoga do Amor Divino ensinada por Jesus

7. *As Bem-aventuranças*
8. *Amor Divino: o objetivo supremo da religião e da vida*
9. *O reino de Deus dentro de você*

A respeito do autor

Glossário

PREFÁCIO

- *Terá Jesus, como os antigos mestres e sábios do Oriente, ensinado meditação como o caminho para entrar no “reino dos céus”?*
- *Existem “ensinamentos ocultos” transmitidos a seus discípulos próximos e, depois, perdidos ou ocultados ao longo dos séculos?*
- *Terá ele realmente ensinado que todos os que não são cristãos estão excluídos do reino de Deus? Pode uma leitura literal do Evangelho verdadeiramente sondar as profundezas de sua mensagem que inaugurou uma nova era para a humanidade?*

Essas e outras questões são respondidas por Paramahansa Yogananda, com reverente compreensão e com uma visão sem precedentes, em *A Segunda Vinda de Cristo: A ressurreição do Cristo interior*. E suas conclusões estão em notável concordância com as contínuas pesquisas dos estudiosos contemporâneos, no campo da religião, a respeito das profundas dimensões esotérica e experiencial do Cristianismo original, reveladas nos “Evangelhos Gnósticos” e outros manuscritos recentemente descobertos e que estiveram perdidos desde o segundo e terceiro séculos.

Paramahansa Yogananda é reconhecido como “Pai da *Yoga* no Ocidente” e um dos expoentes espirituais de nossa época. *A Segunda Vinda de Cristo* – sua obra monumental a respeito dos “ensinamentos originais de Jesus” – foi publicada primeiro em inglês em dois grandes volumes (totalizando mais de 1.700 páginas) em 2004. Conduzindo o leitor, versículo por versículo, através dos quatro Evangelhos, os 75 discursos do livro fornecem profundas discussões a respeito do verdadeiro significado das palavras de Jesus, demonstrando como elas podem ser plenamente compreendidas somente quando consideradas à luz de seu propósito original: como um caminho para a experiência pessoal, direta, do “reino de Deus [que] está dentro de vós”.

Referindo-se ao lançamento dessa obra revolucionária, o *Los Angeles Times* (11 de dezembro de 2004) escreveu: “*A Segunda Vinda de Cristo: A ressurreição do Cristo interior* traz ideias surpreendentes a respeito do significado mais profundo dos ensinamentos de Jesus e sua unidade essencial com a *yoga*, um dos mais antigos e sistemáticos caminhos religiosos para se alcançar a união com Deus. (...) O livro visa recuperar

ensinamentos que Yogananda acreditava serem de grande importância e que foram perdidos para o Cristianismo institucional. Entre eles estava o conceito de que cada aspirante pode conhecer Deus – não pela simples crença, mas pela experiência direta, por meio da meditação iogue.”

Outra resenha, na revista *Sacred Pathways* (dezembro de 2004), destaca: “Yogananda remove as divisões e o tratamento dogmático que se acumularam em torno dos ensinamentos de Jesus, e afirma que é possível para cada indivíduo – independentemente de sua tradição religiosa – ter o mesmo relacionamento que Jesus tinha com a Divindade. (...) Ele descreve os métodos de comunhão divina que Jesus ensinou a seus discípulos diretos mas que se perderam ao longo dos séculos e explica tópicos como Espírito Santo, batismo, meditação, perdão dos pecados, reencarnação, céu e inferno e ressurreição. Ao fazê-lo, revela a unidade subjacente que existe entre os ensinamentos – tanto morais quanto esotéricos – de Jesus e a antiga ciência da Índia: *yoga*, meditação e união com Deus.”

Autoridades nos campos da religião, história e cura também elogiaram a obra: “Este é um dos raros livros que abrem caminhos e que podem verdadeiramente modificar nossa maneira de compreender uma eminente personagem que julgávamos conhecer bem”, escreveu Dr. Robert Ellwood, Professor Emérito de Religião, *University of Southern California*.

“A *Segunda Vinda de Cristo*, de Paramahansa Yogananda, é uma das mais importantes análises existentes dos ensinamentos de Jesus”, disse Dr. Larry Dossey, M.D., reconhecido autor e pesquisador no campo da medicina holística. “Muitas interpretações das palavras de Jesus causam divisão entre povos, culturas e nações; mas estas promovem unidade e cura, e é por isso que são vitais para o mundo de hoje.”

A revista *Yoga International* (março de 2005) iniciou sua resenha do livro com estas palavras: “A *yoga* globalizou-se no século vinte. Agora, no século vinte e um, parece que uma ponte será finalmente construída sobre o abismo que separa os ensinamentos cristãos e a antiga ciência espiritual da Índia. O novo livro de Paramahansa Yogananda, *A Segunda Vinda de Cristo*, encerra essa promessa, demonstrando que a divisão sempre foi superficial. As implicações para os praticantes de *yoga* no Ocidente – e para a sociedade em geral – são enormes.”

Este livro se propõe a ser um primeiro vislumbre da reveladora exposição de Paramahansa Yogananda a respeito da *yoga* oculta dos

Evangelhos – explicada em muito maior detalhe em *A Segunda Vinda de Cristo*.

O que é realmente a *Yoga*?

As pessoas, em sua maioria, estão acostumadas a procurar a realização fora de si mesmas. Vivemos num mundo que nos condiciona a acreditar que realizações externas nos podem dar aquilo que queremos. Contudo, repetidas vezes nossas experiências nos demonstram que nada externo pode satisfazer por completo o profundo anseio interno por “algo mais”.

Na maior parte das vezes, entretanto, esforçamo-nos por atingir o que sempre parece estar além de nosso alcance. Enredamo-nos em *fazer* em vez de *ser*, em *agir* em vez de *perceber*. É difícil para nós imaginarmos um estado de completa tranquilidade e repouso, em que os pensamentos e os sentimentos deixem de dançar em perpétuo movimento. Todavia, é por meio de tal estado de quietude que podemos entrar em contato com um nível de alegria e entendimento impossível de se alcançar de outra maneira.

A Bíblia diz: “Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus”. Nessas poucas palavras está a chave para a ciência da *yoga*. Essa antiga ciência espiritual oferece meios diretos para acalmar a turbulência natural dos pensamentos e a inquietude do corpo que nos impedem de conhecer o que realmente somos.

Nossa percepção e nossas energias estão comumente dirigidas para o exterior, para as coisas deste mundo, que percebemos através dos instrumentos limitados de nossos cinco sentidos. Como a razão humana tem de contar com os dados parciais e frequentemente enganosos fornecidos pelos sentidos físicos, precisamos aprender a explorar níveis mais sutis e profundos de percepção se quisermos resolver os enigmas da vida: *Quem sou eu? Por que estou aqui? Como posso conhecer a Verdade?*

A *yoga* consiste em um processo simples de reversão do fluxo de energia e consciência, habitualmente dirigido ao exterior, de forma que a mente se converta em um centro dinâmico de percepção direta – não mais dependente dos sentidos falíveis, mas capaz de conhecer de fato a Verdade, por experiência direta.

Pela prática dos métodos graduais da *yoga* – nada aceitando como pressuposto, em bases emocionais ou pela fé cega –, chegamos a conhecer

nossa união com aquela Inteligência, Poder e Alegria Infinita que confere vida a todas as coisas e que é a essência de nosso próprio Eu.¹

Em séculos passados, muitas das técnicas mais elevadas da *yoga* eram pouco compreendidas ou praticadas, devido ao limitado conhecimento, por parte da humanidade, das forças que governam o universo. Mas a investigação científica moderna está rapidamente transformando a visão que temos de nós mesmos e do mundo. A concepção materialista tradicional a respeito da vida desapareceu, com a descoberta de que a matéria e a energia são essencialmente uma só: toda substância existente pode ser reduzida a um padrão ou forma de energia que interage e está interconectada a outras formas. Alguns dos mais célebres físicos modernos dão um passo adiante, identificando a *consciência* como o fundamento de tudo o que existe. Dessa maneira, a ciência moderna está confirmando os antigos princípios da *yoga* que proclamam uma unidade permeando todo o universo.

A própria palavra *yoga* significa “união” da consciência individual, ou alma, com a Consciência Universal, ou Espírito. Embora muitas pessoas imaginem que a *yoga* seja apenas exercícios físicos – as posturas ou *asanas* que obtiveram, nas décadas recentes, ampla popularidade –, eles são, na verdade, apenas o aspecto mais superficial de uma ciência profunda e um desenvolvimento dos potenciais infinitos da mente e da alma humanas.

Existem diversos caminhos de *yoga* que conduzem a essa meta, cada um deles um ramo especializado de um sistema abrangente:

Hatha Yoga – Sistema de posturas físicas ou *asanas*, cujo propósito superior é purificar o corpo, dando à pessoa consciência e controle de seus estados interiores, tornando-a apta para a meditação.

Karma Yoga – Serviço isento de egoísmo aos outros como partes do Eu mais amplo da pessoa, sem apego aos resultados, e prática de todas as ações com a consciência de que Deus é o Fazedor.

Mantra Yoga – Concentração da consciência no interior por meio de *japa*, ou repetição de certos sons de palavras-raízes universais que representam aspectos particulares do Espírito.

Bhakti Yoga – Devoção de entrega total, por meio da qual a pessoa empenha-se em ver e amar a divindade em todas as criaturas e em todas as

coisas, sustentando, desse modo, um culto incessante.

Jnana Yoga (pronuncia-se “gyana ioga” [“gy” como “gui” em “guitarra”]) – Caminho da sabedoria, que dá ênfase à aplicação da inteligência discernidora para alcançar a libertação espiritual.

Raja Yoga – O caminho “régio” ou supremo da *Yoga*, que combina a essência de todos os outros caminhos, sistematizado formalmente, no segundo século a.C., pelo sábio indiano Patânjali.

No cerne do sistema de *Raja Yoga*, equilibrando e unificando essas diferentes abordagens, está a prática de métodos científicos definidos de meditação – como *Kriya Yoga* – que capacitam a pessoa a perceber, desde o início mesmo de seu esforço, vislumbres da meta final: a união consciente com o Espírito inexaurivelmente bem-aventurado.

A abordagem mais rápida e eficaz do objetivo da *yoga* aplica os métodos de meditação que lidam diretamente com a energia e a consciência. É esse tipo de tratamento direto que caracteriza *Kriya Yoga*,² a forma específica de meditação da *Raja Yoga* ensinada por Paramahansa Yogananda.

A mais reverenciada das escrituras da Índia a respeito da *yoga* é o *Bhagavad Gita* – um profundo tratado acerca da união com Deus e uma prescrição intemporal para a felicidade e o êxito equilibrado na vida diária. Que Jesus conhecia e ensinou essa mesma ciência universal da realização divina e os preceitos para a vida espiritual – eis a revelação trazida ao mundo inteiro por Paramahansa Yogananda, conforme demonstrado nas páginas deste livro.³

Uma obra resumida como esta pode apenas fornecer um vislumbre introdutório da profunda e inspiradora unidade entre os ensinamentos de Jesus, o Cristo, e a *yoga*. Os leitores que se sintam inspirados por esta seleção de excertos encontrarão uma abundância de maiores detalhes e ensinamentos práticos para a vida diária nos três volumes em português de *A Segunda Vinda de Cristo*. Como escreveu Paramahansa Yogananda na introdução dessa obra:

“Nestas páginas, ofereço ao mundo uma interpretação espiritual, revelada pela intuição, das palavras proferidas por Jesus – verdades que recebi por meio da autêntica comunhão com a Consciência Crística. Tais

verdades serão reconhecidas como universalmente válidas se forem estudadas conscienciosamente e se nelas meditarmos com a percepção intuitiva desperta pela alma. Elas demonstram a perfeita unidade entre as revelações da Bíblia cristã, do *Bhagavad Gita* da Índia e de todas as outras grandes escrituras que subsistiram ao longo dos tempos.

“Os salvadores do mundo não vêm alimentar divisões doutrinárias hostis, e seus ensinamentos não devem ser utilizados para esse fim. Chega a ser impróprio referir-se ao Novo Testamento como a Bíblia ‘cristã’, pois ele não pertence exclusivamente a nenhuma seita. A verdade destina-se a promover a bênção e a elevação espiritual de toda a raça humana. Assim como a Consciência Crística é universal, Jesus Cristo também pertence a todos.”

*Self-Realization Fellowship*⁴

Nota da Editora:

Os versículos bíblicos na edição original em inglês de *A Yoga de Jesus* foram extraídos da versão *King James* da Bíblia. Como equivalentes em português, optamos pelos versículos de *A Bíblia Sagrada* (traduzida para o português por João Ferreira de Almeida – 9ª edição, 1955, Rio de Janeiro – Imprensa Bíblica Brasileira). As seguintes modificações foram, entretanto, necessárias:

- Para corresponder aos versículos em inglês utilizados por Paramahansa Yogananda em seu comentário, algumas palavras ou frases da edição de 1955 de *A Bíblia Sagrada* foram alteradas, tornando-se assim mais próximas do significado transmitido pela versão *King James*. O seguinte símbolo foi usado para indicar tais alterações: “†”.
- Com o propósito de ajudar o leitor de hoje a melhor compreender os versículos bíblicos, alguns erros gramaticais daquela edição foram corrigidos para o português atualizado, sem que se comprometesse o seu sentido.

Para aqueles que não estejam familiarizados com os conceitos e terminologia da *Yoga* e da filosofia oriental, um glossário está disponível ao final do livro. O glossário traz definições, facilmente localizáveis, da maioria dos termos importantes para que se compreenda a exposição de Paramahansa Yogananda dos ensinamentos de Jesus – tais como “Consciência Crística”, “Espírito Santo”, “olho espiritual”, “*Om*”, “*Kriya Yoga*” e os vários termos iogues aplicáveis à experiência da meditação e da realização divina.

¹ “Eu” traz a inicial maiúscula para indicar a alma, a verdadeira identidade do homem, em contrapartida ao ego, ou pseudoalma, o ser inferior com o qual o homem se identifica temporariamente, por causa da ignorância de sua verdadeira natureza.

² “*Kriya* é uma ciência antiga”, escreveu Yogananda em *Autobiografia de um Iogue*. “Lahiri Mahasaya a recebeu de seu grande guru, Babaji, que redescobriu e tornou mais clara a técnica depois das Idades Obscuras, época em que esteve perdida. Babaji batizou-a de novo, simplesmente, de *Kriya Yoga*.”

“– A *Kriya Yoga* que estou transmitindo ao mundo por seu intermédio neste século 19 – dissera Babaji a Lahiri Mahasaya – é o ressurgimento da mesma ciência que Krishna deu há milênios a Arjuna; e que foi mais tarde conhecida por Patânjali e Cristo, e por São João, São Paulo e outros discípulos.”

³ Além deste livro, um pequeno volume, “*A Yoga do Bhagavad Gita*: Introdução à ciência universal da Índia para a

realização divina”, foi publicado, com excertos da obra de dois tomos – *Deus Fala com Arjuna: O Bhagavad Gita* – que apresenta os abrangentes ensinamentos do *Gita*, com os aclamados comentários de Paramahansa Yogananda.

[4](#) Literalmente, “Associação de Autorrealização”. Paramahansa Yogananda explicou que o nome *Self-Realization Fellowship* significa “Associação com Deus por meio da Autorrealização e amizade com todas as almas que buscam a verdade”.



PARTE I



JESUS, O CRISTO – AVATAR E IOGUE





*– O senhor crê na divindade de Cristo? –
perguntou um visitante.*

Paramahansa Yogananda respondeu:

*– Sim. Gosto de falar dele porque foi um
homem de perfeita Autorrealização. Entre-
tanto, ele não foi o único filho de Deus, nem
afirmou que o fosse. Em vez disso, ensinou
claramente que aqueles que cumprem a von-
tade do Senhor tornam-se, assim como ele,
um com Deus. Acaso não foi a missão de Je-
sus na Terra lembrar aos homens que Deus
é o Pai Celestial de todos e mostrar-lhes o
caminho de volta para Ele?*

Assim Falava Paramahansa Yogananda



CAPÍTULO 1

JESUS, O AVATAR

A manifestação de Deus nas encarnações divinas

Em um universo inescrutável, confrontar-se com uma vida de mistérios não solucionados e insolúveis seria, na verdade, um desafio avassalador para meros mortais, não fosse pelos emissários divinos que vêm à Terra falar com a voz e a autoridade de Deus, para orientação do homem.

Há milênios, nas remotas idades superiores da Índia, os *rishis* proclamaram a manifestação da Beneficência Divina, do “Deus conosco”, como encarnações divinas, avatares: Deus encarnado sobre a Terra em seres iluminados. (...)

Muitas são as vozes que serviram de intermediários entre Deus e o homem: os avatares *khanda*, ou encarnações parciais em almas que conhecem Deus. Menos comuns são os avatares *purna*, seres libertos que se unificaram totalmente com Deus; seu retorno à Terra visa cumprir uma missão designada por Deus.

Na sagrada Bíblia hindu, o *Bhagavad Gita*, o Senhor declara:

“Sempre que a virtude declina e o vício predomina, Eu Me encarno como Avatar. Apareço em forma visível, era após era, para proteger os virtuosos e destruir a prática do mal, a fim de restabelecer a justiça.”

A mesma – e única – gloriosa consciência infinita de Deus, a Consciência Crística Universal, *Kutastha Chaitanya*, assume roupagens familiares na individualidade de uma alma iluminada, com os adornos de uma personalidade peculiar e de uma natureza divina adequadas à época e ao propósito dessa encarnação.

Sem tal intercessão do amor de Deus – que vem à Terra no exemplo, na mensagem e na mão orientadora de Seus avatares – seria praticamente impossível para a humanidade, em sua busca tateante, encontrar o caminho para o reino de Deus, em meio ao sombrio miasma da ilusão mundana, que é o substrato cósmico da morada do homem. A fim de que Seus filhos, envoltos em trevas, não se percam para sempre nos labirintos enganosos da criação, o Senhor vem, muitas vezes, na forma de profetas divinamente

iluminados, para aclarar o caminho. (...)

Jesus foi precedido por Gautama Buda, o “Iluminado”, cuja encarnação relembrou a uma geração negligente o *Dharma Chakra* ou a roda do *karma* em constante rotação – ações iniciadas pela própria pessoa e os efeitos dessas ações, que fazem com que cada homem, e não um Ditador Cósmico, seja responsável por suas condições atuais. Buda trouxe nova vida a uma teologia árida e a rituais mecânicos – a que decaíra a antiga religião védica da Índia ao findar uma idade superior em que Bhagavan Krishna, o mais amado de seus avatares, pregara o caminho do amor de Deus e da realização divina por meio da prática da suprema ciência espiritual da *yoga*, união com Deus.



A intercessão divina para mitigar a lei cósmica de causa e efeito (*karma*), pela qual o homem sofre por causa de seus erros, estava no âmago da missão de amor que Jesus veio cumprir. (...)

Jesus veio para demonstrar o perdão e a compaixão de Deus, cujo amor nos protege até mesmo da rigorosa lei.



O Bom Pastor de almas abriu seus braços a todos, a ninguém rejeitando, e com amor universal incitou o mundo a segui-lo no caminho da libertação, por meio do exemplo de seu espírito de sacrifício, renúncia, perdão, amor tanto pelos amigos quanto pelos inimigos e, acima de tudo, supremo amor por Deus.

Como um pequenino bebê na manjedoura de Belém e como o salvador que curava os doentes, ressuscitava os mortos e aplicava o bálsamo do amor sobre as chagas dos erros, o Cristo em Jesus viveu entre os homens como um deles, para que também eles pudessem aprender a viver como deuses.

Consciência Crística: unidade com a Inteligência Infinita e Bem-aventurança Divina permeando toda a criação

A fim de perceber a magnitude de uma encarnação divina, é necessário compreender a fonte e a natureza da consciência que se encarna no avatar.

Jesus falou dessa consciência quando proclamou: “eu e o Pai somos um” (João 10:30) e “estou no Pai, e o Pai em mim” (João 14:11). Aqueles

que unem sua consciência com Deus conhecem a natureza transcendente e imanente do Espírito – a singularidade da Bem-aventurança sempre-existente, sempre-consciente e sempre nova do Absoluto Incriado, e as miríades de manifestações do Ser divino como a infinidade de formas nas quais Ele Se diversifica, no panorama da criação.



Há uma diferença característica de significado entre *Jesus* e *Cristo*. Seu nome era Jesus; seu título honorífico era “Cristo”. Em seu pequeno corpo humano chamado Jesus nasceu a vasta Consciência Crística, a onisciente Inteligência de Deus, presente em toda parte e em cada partícula da criação.

A ciência descobre a ordem inteligente

“O surgimento da ciência serviu para alargar o alcance de nossa percepção das maravilhas da natureza, de modo que hoje descobrimos ordem nos mais profundos recessos do átomo e entre as maiores coleções de galáxias”, escreve Paul Davies, Ph.D., renomado escritor e professor de física matemática, em *Evidence of Purpose: Scientists Discover the Creator* (Nova York: Continuum Publishing, 1994).

Ervin Laszlo, teórico de sistemas, relata em *The Whispering Pond: A Personal Guide to the Emerging Vision of Science* – Boston: Element Books, 1999: “A justa afinação do universo material com os parâmetros da vida constitui uma série de coincidências – se é que são mesmo coincidências (...), em que mesmo o menor afastamento em relação a esses parâmetros implicaria o fim da vida ou, mais precisamente, criaria condições sob as quais a vida jamais poderia ter surgido em primeiro lugar. Se, no núcleo do átomo, o nêutron não superasse o próton em peso, a vida ativa do Sol e de outras estrelas seria reduzida a apenas algumas centenas de anos; se as cargas elétricas de elétrons e prótons não se equilibrassem perfeitamente, todas as configurações da matéria seriam instáveis e o universo consistiria em nada mais que radiação e uma mistura de gases relativamente uniforme. (...) Se a grande força que mantém unidas as partículas de um núcleo fosse apenas uma fração

mais fraca, então o núcleo do deutério não poderia existir e estrelas como o Sol não poderiam brilhar. E se essa mesma força fosse minimamente *maior* do que é, o Sol e outras estrelas em atividade inflariam e, talvez, explodiriam. (...) Os valores das quatro forças universais [eletromagnetismo, gravidade e forças nucleares forte e fraca] são precisamente os necessários para que a vida pudesse se desenvolver no cosmos.”

O professor Davies avalia que se não houvesse – como alguns cientistas defendem – nenhuma inteligência-guia intrínseca e a evolução cósmica fosse governada apenas pela operação aleatória de leis estritamente mecânicas, “o tempo necessário para alcançarmos o nível de ordem em que nos encontramos hoje no universo, segundo processos puramente aleatórios, seria da ordem de pelo menos 10^{80} anos” – um número inconcebivelmente maior do que a atual idade do universo. Citando esses cálculos, Laszlo observa obliquamente: “Uma casualidade dessa magnitude abusa da credibilidade”; e conclui: “Precisamos encarar, então, a possibilidade de que o universo que testemunhamos seja o resultado do desenho intencional de um onipotente mestre de obras?” (*Nota da Editora*)



O universo não é o mero resultado de uma combinação fortuita de forças vibratórias e partículas subatômicas, como propõem cientistas materialistas – uma excrescência aleatória de sólidos, líquidos e gases, convertendo-se em terra, oceanos, atmosfera, plantas... todos eles interrelacionados harmoniosamente para prover os seres humanos de um lar habitável. Forças cegas não podem se organizar em objetos estruturados de forma inteligente. Assim como a inteligência humana é necessária para deitar água nos pequenos compartimentos cúbicos de uma bandeja de gelo e produzir cubos de gelo, também na coalescência da vibração em formas que se desenvolvem progressivamente por todo o universo vemos os resultados de uma oculta Inteligência Imanente.



O que poderia ser mais milagroso do que a evidente presença da Inteligência Divina em cada partícula da criação? Como as árvores frondosas emergem de uma minúscula semente! Como mundos sem conta giram no espaço infinito, sustentados em uma determinada dança cósmica pelo ajuste preciso de forças universais! Como o corpo humano, maravilhosamente complexo, é criado a partir de uma simples célula microscópica, dotado de inteligência autoconsciente e mantido, curado e animado por um poder invisível! Em cada átomo deste impressionante universo, Deus está operando milagres o tempo todo, ainda que o homem obtuso não lhes dê a devida importância.



Cristo é a Inteligência Infinita de Deus presente em toda a criação. O Cristo Infinito é o “Filho unigênito” de Deus-Pai, o único Reflexo puro do Espírito no domínio da criação. Essa Inteligência Universal – *Kutastha Chaitanya* ou Consciência de Krishna nas escrituras hindus – manifestou-se plenamente na encarnação de Jesus, de Krishna e de outros seres divinos; e também pode manifestar-se em sua própria consciência.



Apenas imagine! Se você estivesse vivendo nesse quarto por toda a sua vida, sem contato ou conhecimento algum do que estaria além dessas paredes, diria que essa é a totalidade do seu mundo. Se, porém, alguém o levasse para o mundo lá fora, você entenderia quão infinitesimal era o seu “mundo”. É o mesmo com a percepção da Consciência Crística. Compará-la com o escopo da consciência mortal é como observar somente a área de um pequenino grão de mostarda, excluindo todo o resto do universo. Consciência Crística é a Onipresença, o Senhor espalhado por cada poro do espaço infinito e permeando todos os átomos.¹



A consciência de uma formiga é limitada às sensações de seu pequeno corpo. A consciência de um elefante estende-se por toda a sua grande massa corporal, de maneira que dez pessoas tocando dez partes diferentes de seu corpo despertariam percepções simultâneas no animal. Mas a Consciência Crística (...) estende-se até as fronteiras de todas as regiões vibratórias.

Toda a criação vibratória é uma exteriorização do Espírito. O Espírito

Onipresente oculta-Se na matéria vibratória, assim como o azeite está oculto na azeitona. Quando se espreme a azeitona, gotículas de azeite surgem em sua superfície; de modo parecido, o Espírito, como almas individuais, por um processo de evolução, gradualmente emerge da matéria. O Espírito Se expressa como beleza e poder químico e magnético nos minerais e nas pedras preciosas; como beleza e vida nas plantas; como beleza, vida, poder, movimento e consciência nos animais; como compreensão e poder em expansão no ser humano; e então retorna à Onipresença no super-homem.²

Portanto, cada fase evolutiva manifesta mais plenamente o Espírito. O animal é livre da inércia dos minerais e da fixidez das plantas, para experimentar, com a locomoção e a consciência perceptiva, uma porção maior da criação de Deus. O ser humano além disso, por sua autoconsciência, pode compreender os pensamentos de seus semelhantes e projetar sua mente sensorial pelo espaço pontilhado de estrelas – no mínimo pelo poder de sua imaginação.

O super-homem expande sua consciência e energia vital desde o corpo para o espaço inteiro, sentindo realmente, como seu próprio eu, a presença de todos os universos no imenso cosmos, assim como em cada minúsculo átomo da Terra. No super-homem, a perda onipresença do Espírito, presa na alma como Espírito individualizado, é readquirida. (...)

A consciência de Jesus foi transferida da circunferência do corpo para a fronteira de toda a criação finita, na região vibratória da manifestação: a esfera do espaço e do tempo, abarcando universos planetários, estrelas, a Via Láctea e a pequena família do nosso sistema solar, do qual a Terra é parte e na qual o corpo físico de Jesus era apenas uma partícula. O homem Jesus, pequena partícula sobre a Terra, tornou-se Jesus, o Cristo, com sua consciência permeando todas as coisas, em unidade com a Consciência Crística.

O principal ensinamento de Jesus: como tornar-se um Cristo

O trabalho de Deus na criação é chamar todos os seres, por meio de sugestões evolutivas da Inteligência Crística, a retornar conscientemente para a união com Ele Próprio. (...) Quando há sofrimento generalizado na Terra, Deus responde ao chamado da alma de seus devotos enviando um

filho divino que, por sua vida espiritual exemplar, expressando a Consciência Crística, pode ensinar as pessoas a cooperar com o trabalho divino da salvação em sua própria vida.



Foi a respeito dessa Consciência Infinita, plena de amor e bem-aventurança divina, que São João falava ao dizer: “A todos quantos o receberam [a Consciência Crística], deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”. Assim, de acordo com o próprio ensinamento de Jesus – conforme registrado por João, seu discípulo mais adiantado –, todas as almas que se tornem unificadas com a Consciência Crística, por meio da Autorrealização intuitiva, são corretamente chamadas filhos de Deus.



Receber Cristo não se dá por simples afiliação a uma igreja, nem por rituais externos de reconhecimento de Jesus como salvador sem contudo o conhecer de fato por meio do contato com ele em meditação. Conhecer Cristo significa fechar os olhos, expandir a consciência e aprofundar a concentração de tal modo que, através da luz interior da intuição da alma, se possa participar da mesma consciência que Jesus tinha.

São João e outros discípulos adiantados de Jesus que verdadeiramente “o receberam” sentiram-no como a Consciência Crística presente em cada partícula do espaço. Um verdadeiro cristão – alguém unificado a Cristo – é aquele que liberta sua alma da consciência do corpo material e a une com a Inteligência Crística que permeia toda a criação.



Um pequeno cálice não pode conter o oceano. Da mesma maneira, a taça da consciência humana, circunscrita pelos instrumentos físicos e mentais de percepções materiais, não pode abarcar a Consciência Crística universal, não importa o quanto a pessoa deseje fazê-lo. Por meio da ciência definida da meditação, conhecida há milênios pelos iogues e sábios da Índia – e por Jesus também –, qualquer um que busque Deus pode alargar o calibre de sua consciência até à onisciência, para receber dentro de si a Inteligência Universal de Deus.



O poder divino da percepção de Cristo é uma experiência interior; ele pode ser recebido através da imaculada devoção por Deus e por seu puro reflexo como o Cristo. O poder dos templos e das igrejas desaparecerá. A verdadeira espiritualidade virá dos templos das grandes almas que, dia e noite, vivem no êxtase de Deus. Almas como as que vi na Índia ultrapassam a glória de todos os templos. Lembre-se: Cristo busca os templos das almas verdadeiras. Ele ama o silencioso santuário da devoção em seu coração, onde você mora com Ele, lá no nicho iluminado pela vela votiva de seu amor. Aqueles que meditam com dedicação receberão a Cristo no altar da tranquilidade de sua própria consciência.



Ao intitular esta obra *A Segunda Vinda de Cristo*,³ não me estou referindo a um retorno literal de Jesus à Terra. Ele veio há dois mil anos e, após legar um caminho universal para o reino de Deus, foi crucificado e ressuscitou; seu reaparecimento para as multidões, hoje, não é necessário para a concretização de seus ensinamentos. O necessário é que a sabedoria cósmica e a percepção divina de Jesus falem novamente por meio da experiência e do entendimento que cada um tenha da Consciência Crística infinita que estava encarnada em Jesus. Essa será a sua verdadeira Segunda Vinda.



Verdadeiros seguidores de Cristo são aqueles que acolhem em sua própria consciência, por meio da meditação e do êxtase divino, a sabedoria cósmica e a bem-aventurança onipresente de Jesus Cristo. (...) Devotos que queiram ser *cristãos* de verdade, e não apenas membros do “igrejismo cristão”, precisam conhecer e verdadeiramente sentir a presença do Cristo Onipresente o tempo todo; precisam comungar com Ele em êxtase e ser guiados por Sua Sabedoria Infinita.



Estes ensinamentos foram enviados para explicar a verdade da forma como Jesus pretendeu que ela fosse conhecida no mundo – não para trazer um novo Cristianismo, mas para trazer o verdadeiro ensinamento de Cristo: como tornar-se semelhante a Cristo, como ressuscitar o Cristo Eterno dentro do próprio Eu.

¹ A contraforça na criação, que produz desarmonia, enfermidade, separação e ignorância, é personificada na Bíblia como Satã. Na filosofia iogue, essa força ilusora é chamada [Maya](#) ou *Apara-Prakriti*. Uma explicação abrangente é dada por Paramahansa Yogananda em *A Segunda Vinda de Cristo: A ressurreição do Cristo interior*.

² Esses cinco estágios evolutivos são mencionados na filosofia iogue como *koshas*: “invólucros”, que são progressivamente despidos conforme a criação se desenvolve a partir da matéria inerte até o Espírito puro. Ver *Deus Fala com Arjuna: O Bhagavad Gita*, págs. 69 ssq, comentário aos versículos I:4-6. (*Nota da Editora*)

³ A obra mais extensa de Paramahansa Yogananda, da qual *A Yoga de Jesus* foi extraída.

CAPÍTULO 2

JESUS E A YOGA

A continuidade da palavra de Deus expressa através de Seus avatares [foi] belamente simbolizada no intercâmbio espiritual entre Jesus, por ocasião de seu nascimento, e os sábios da Índia que vieram honrar sua encarnação.



Existe uma tradição muito forte na Índia – conhecida de forma convincente entre eminentes metafísicos, em histórias referidas e registradas em antigos manuscritos – de que os “magos do Oriente” que empreenderam sua jornada até o menino Jesus em Belém foram, na verdade, grandes sábios da Índia. Não só os mestres indianos vieram a Jesus, como também ele retribuiu sua visita.

Durante os anos desconhecidos da vida de Jesus – as escrituras silenciam acerca dele desde aproximadamente a idade de 14 até os 30 anos –, ele viajou para a Índia, provavelmente trilhando a rota comercial bem estabelecida que unia o Mediterrâneo à China e à Índia.

Sua própria realização divina, reavivada e reforçada na companhia dos mestres e no ambiente espiritual da Índia, propiciou-lhe uma experiência do caráter universal da verdade, a partir da qual ele pôde pregar uma mensagem ampla e simples, compreensível para as pessoas comuns de sua terra natal – todavia, com significados subjacentes que viriam a ser reconhecidos por gerações futuras, à medida que a mentalidade humana rudimentar amadurecesse em compreensão.

Os “anos desconhecidos” de Jesus

No Novo Testamento, uma cortina de silêncio desce sobre a vida de Jesus após seus doze anos, para erguer-se novamente apenas dezoito anos mais tarde, na oportunidade em que ele recebe o batismo de João e começa a pregar às multidões. Ouvimos apenas: “*E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens*” (Lucas 2:52).

Que os contemporâneos de uma personagem tão extraordinária nada tenham encontrado digno de nota desde a infância de Jesus até seus trinta anos é por si só surpreendente.

Índia: mãe da religião

Abundante evidência da primazia da cultura espiritual da Índia no mundo da antiguidade é apresentada por Georg Feuerstein, Ph.D., Subhash Kak, Ph.D., e David Frawley, O.M.D., em *In Search of The Cradle of Civilization: New Light on Ancient India* (Wheaton, Ill.: Quest Books, 1995): “O antigo ditado *ex oriente lux* (‘do Oriente vem a luz’) não é um mero lugar-comum, pois a tocha da civilização, especialmente o cerne da tradição sagrada da eterna sabedoria, foi transmitida pelo hemisfério oriental. (...) As criações advindas do Oriente Médio, do Judaísmo e do Cristianismo, que em grande parte modelaram nossa civilização em sua forma atual, foram influenciadas por ideias originárias de países mais ao leste, especialmente a Índia.”

As escrituras da Índia “são a mais antiga filosofia e psicologia de nossa raça a subsistir”, afirma o renomado historiador Will Durant, em *Our Oriental Heritage (The Story of Civilization, Part I)*. Robert C. Priddy, professor de História da Filosofia na Universidade de Oslo, escreveu em *On India's Ancient Past* (1999): “O passado da Índia é tão antigo e de tal forma influenciou o surgimento da civilização e da religião, pelo menos para quase todos os povos do Velho Mundo, que a maioria pode afirmar que ele constitui, com efeito, os primórdios de nossa própria odisseia. (...) A mãe da religião, com os primeiros ensinamentos espirituais do mundo pela tradição védica, contém a mais sublime e abrangente das filosofias.”

Em sua obra de dois volumes *India and World Civilization* (Michigan State University Press, 1969), o historiador D. P. Singhal reúne documentação abundante acerca da nutrição espiritual concedida pela Índia ao mundo antigo. Ele descreve a descoberta de um vaso, em escavações próximas a Bagdá, que levou os pesquisadores à conclusão

de que “em meados do terceiro milênio a.C., um culto indiano já era praticado na Mesopotâmia. (...) Assim, a Arqueologia demonstrou que, dois mil anos antes das primeiras referências em textos cuneiformes a algum contato com a Índia, ela já enviava seus produtos manufaturados à terra onde estão as raízes da civilização ocidental.” (*Nota da Editora*)

Entretanto, relatos notáveis existem, não na terra natal de Jesus, porém mais ao leste, onde ele passou a maior parte de seus “anos desconhecidos”. Registros preciosos encontram-se ocultos em um monastério tibetano. Eles se referem ao Santo Issa de Israel, “em quem estava manifestada a alma do universo”; que, dos 14 aos 28 anos, ele permaneceu na Índia e regiões do Himalaia, entre santos, monges e sábios; que pregou sua mensagem naquela região e então retornou para ensinar em sua terra natal, onde foi tratado de forma vil, sentenciado e condenado à morte. Com exceção do relato nesses antigos manuscritos, nenhuma outra história dos “anos desconhecidos” da vida de Jesus foi jamais publicada.

Providencialmente, esses antigos registros foram descobertos e copiados [no monastério Himis do Tibete] por um viajante russo, Nicholas Notovitch. (...) Ele próprio publicou suas anotações em 1894, sob o título *The Unknown Life of Jesus Christ* [“A vida desconhecida de Jesus Cristo”]. (...)

Em 1922, Swami Abhedananda, discípulo direto de Ramakrishna Paramahansa, visitou o monastério Himis e confirmou todos os detalhes relevantes acerca de Issa publicados no livro de Notovitch.

Nicholas Roerich, em uma expedição à Índia e ao Tibete durante a década de 1920, examinou e copiou versículos de antigos manuscritos que eram iguais, pelo menos em conteúdo, aos publicados por Notovitch. Ele também se sentiu profundamente impressionado pela tradição oral daquela região. “Em Srinagar foi onde primeiro encontramos a curiosa história a respeito da visita de Cristo a esse lugar. Mais tarde, percebemos como era difundida – na Índia, em Ladakh e na Ásia Central – a história da visita de Cristo a essas regiões durante sua longa ausência referida no Evangelho.”



A Índia é a mãe da religião. Sua civilização foi reconhecida como muito

mais antiga do que a legendaria civilização egípcia. Ao estudarmos essa questão, vemos como as antigas escrituras da Índia, antecedendo todas as demais revelações, influenciaram o egípcio Livro dos Mortos, o Antigo e o Novo Testamentos da Bíblia, assim como outras religiões. Todas entraram em contato com a religião da Índia, e dela muito auferiram, pois a Índia especializou-se na religião desde tempos imemoriais.

E foi assim que o próprio Jesus viajou à Índia. O manuscrito de Notovitch nos diz: “Issa ausentou-se secretamente da casa de seu pai; deixou Jerusalém e, numa caravana de mercadores, viajou para o Sindh, com o objetivo de aperfeiçoar-se no conhecimento da Palavra de Deus e no estudo das leis dos grandes budas”.¹



Não significa que Jesus tenha aprendido tudo o que ensinou de seus mentores espirituais e daqueles com quem se associou na Índia e regiões vizinhas. Os avatares já vêm com seu cabedal de sabedoria. O tesouro de realização divina de Jesus foi meramente reavivado e moldado de forma a adequar-se à sua missão singular, durante sua permanência entre os sábios hindus, monges budistas e particularmente os grandes mestres da *yoga*, de quem recebeu iniciação na ciência esotérica da união divina por meio da meditação. Do conhecimento que acumulara e da sabedoria que brotara de sua própria alma em meditação profunda, ele destilou para as multidões parábolas simples acerca dos princípios ideais pelos quais se deve dirigir a vida aos olhos de Deus. Todavia, ele ensinou os mistérios mais profundos aos discípulos mais próximos, que estavam prontos para recebê-los, como está evidenciado no livro do Apocalipse de São João, no Novo Testamento, cuja simbologia tem correspondência exata com a ciência iogue da realização divina. [Ver [aqui](#).]



Os documentos descobertos por Notovitch concedem apoio histórico à minha afirmativa, compilada em meus primeiros anos na Índia e que venho sustentando há longo tempo, de que Jesus estava vinculado aos *rishis* indianos por meio dos magos (sábios) que visitaram seu local de nascimento, e ao encontro dos quais ele foi à Índia, a fim de receber suas bênçãos e com eles conferenciar a respeito de sua missão mundial. O que

procurarei tornar evidente nas páginas deste livro é que seus ensinamentos, interiormente oriundos de sua realização divina e exteriormente nutridos por seus estudos com os mestres, expressam a universalidade da Consciência Crística que não conhece fronteiras de raça ou credo.

Tal como o Sol, que nasce no Oriente e viaja para o Ocidente difundindo seus raios, também Cristo surgiu no Oriente e veio ao Ocidente para ser consagrado em uma vasta cristandade, cujos membros o consideram seu guru e salvador. Não foi uma casualidade que Jesus tenha preferido nascer um Cristo oriental na Palestina. Esse local era o eixo ligando o Oriente com a Europa. Ele viajou à Índia para honrar seu vínculo com os *rishis* indianos, pregou sua mensagem por toda aquela região e então voltou para difundir seus ensinamentos na Palestina – que, em sua grande sabedoria, ele percebia como a porta de entrada pela qual seu espírito e suas palavras teriam acesso à Europa e ao restante do mundo. Esse grande Cristo, irradiando a força e o poder espiritual do Oriente ao Ocidente, é um elo divino a unir os povos que amam a Deus – orientais e ocidentais.

A verdade não é monopólio do Oriente ou do Ocidente. Os puros raios prateados e dourados da luz solar parecem vermelhos ou azuis quando observados através de vidros vermelhos ou azuis. Assim, também, a verdade apenas parece ser diferente quando colorida por uma civilização oriental ou ocidental. Considerando-se a simples essência da verdade expressa pelos grandes mestres de diversas épocas e latitudes, encontram-se diferenças muito pequenas em suas mensagens. O que recebi de meu Guru e dos venerados mestres da Índia, percebo ser o mesmo que recebi dos ensinamentos de Jesus, o Cristo.

Os ensinamentos perdidos dos Evangelhos

Cristo foi muito mal interpretado pelo mundo. Mesmo os princípios mais elementares de seus ensinamentos foram deturpados, e suas profundidades esotéricas, esquecidas. Foram crucificados nas mãos dos dogmas, dos preconceitos e do entendimento restrito. Guerras de genocídio foram travadas e pessoas queimadas como bruxas ou hereges, sob uma presumida autoridade de doutrinas cristãs fabricadas pelo homem. Como resgatar das mãos da ignorância os ensinamentos imortais? Precisamos

conhecer Jesus como um Cristo oriental, um supremo iogue que manifestou plena maestria sobre a ciência universal da união divina e pôde assim falar e agir como um salvador, com a voz e a autoridade de Deus. Ele tem sido excessivamente ocidentalizado.

Jesus foi um oriental – de nascimento, família e educação. Separar um mestre do contexto de sua nacionalidade significa nublar o entendimento por meio do qual ele é percebido. Independentemente do que Jesus Cristo era em sua própria alma, ele nasceu e se desenvolveu no Oriente; e assim, teve de utilizar os meios da civilização, das peculiaridades, dos costumes, da linguagem e das parábolas orientais para difundir sua mensagem. Portanto, a fim de compreender Jesus Cristo e seus ensinamentos, é preciso ter receptividade à visão oriental – particularmente no que se refere à antiga e atual civilização da Índia, suas escrituras religiosas, tradições, filosofia, crenças espirituais e experiências metafísicas intuitivas. Embora, compreendidos esotericamente, os ensinamentos de Jesus sejam universais, eles estão impregnados da essência da cultura oriental – enraizados em influências orientais que foram adaptadas ao ambiente ocidental.

Os Evangelhos podem ser corretamente compreendidos à luz dos ensinamentos da Índia – não as interpretações distorcidas do Hinduísmo, com a opressão de castas e a idolatria, mas a sabedoria filosófica, espiritualmente libertadora, de seus *rishis*: o cerne, e não o invólucro exterior dos Vedas, dos *Upanishads* e do *Bhagavad Gita*. Essa essência da Verdade – *Sanatana Dharma*, ou princípios eternos da retidão que sustentam o homem e o universo – foi conferida ao mundo milhares de anos antes da era cristã e preservada na Índia com uma vitalidade espiritual que fez da busca de Deus a quintessência da vida, e não um entretenimento teórico.

A ciência universal da religião

A experiência pessoal da verdade é a ciência por trás de todas as ciências. Mas, para a maioria das pessoas, a religião tornou-se uma questão apenas de crença. Alguns creem no catolicismo, outros creem em alguma religião protestante e outros afirmam sua crença de que a religião hindu, ou muçulmana, ou budista, seja o caminho correto. A ciência da religião identifica as verdades universais comuns a todos – o fundamento da religião

– e ensina como as pessoas podem, por meio da aplicação prática de tais verdades, construir sua vida de acordo com o Plano Divino. O ensinamento indiano de *Raja Yoga*, a ciência “régia” da alma, supera a ortodoxia da religião ao descrever sistematicamente a prática dos métodos universalmente necessários para a perfeição de cada indivíduo, independentemente de sua raça ou credo.

Evangelhos gnósticos: o Cristianismo perdido?

Com a notável descoberta de antigos textos gnósticos cristãos em Nag Hammadi, no Egito, em 1945, pôde-se vislumbrar algo do que foi perdido pelo Cristianismo tradicional durante esse processo de “ocidentalização”. Elaine Pagels, Ph.D., escreve em *The Gnostic Gospels* (Nova York: Vintage Books, 1981):

“Os textos de Nag Hammadi, e outros semelhantes a eles, que circularam no início da era cristã, foram denunciados como heréticos pelos cristãos ortodoxos em meados do século II. (...) O fato é, porém, que aqueles que escreviam e distribuíam esses textos não se consideravam *eles mesmos* ‘hereges’. A maioria desses autores utiliza terminologia cristã, inconfundivelmente associada a uma herança judaica. Muitos afirmam apresentar tradições a respeito de Jesus que são secretas, ocultas “dos muitos” que constituíram o que no século II passou a ser chamado de “igreja católica”. Esses cristãos são hoje chamados gnósticos, da palavra grega *gnosis*, geralmente traduzida por ‘conhecimento’. Assim como aqueles que afirmam nada saber acerca da realidade absoluta são chamados agnósticos (literalmente, “não conhecedores”), o indivíduo que afirma saber tais coisas é chamado gnóstico (‘conhecedor’). Mas a *gnose* não é primordialmente um conhecimento racional. (...) Da maneira como os gnósticos usam o termo, poderíamos traduzi-lo por percepção interior, pois a *gnose* envolve um processo intuitivo de conhecer-se a si mesmo. (...) [De acordo com mestres gnósticos,] conhecer-se no nível mais profundo é simultaneamente conhecer Deus; este é o segredo da *gnose*. (...)”

“O ‘Jesus vivo’ que aparece nesses textos fala em ilusão e iluminação, não em pecado e arrependimento, como o Jesus do Novo Testamento. Em vez de ter vindo para nos salvar do pecado, ele veio como um guia que abre o acesso para o entendimento espiritual. (...)”

“Os cristãos ortodoxos acreditam que Jesus é o Senhor e o Filho de Deus de uma maneira única e singular: ele permanece eternamente distinto do resto da humanidade que veio salvar. No entanto, o gnóstico *Evangelho de Tomé* narra que tão logo Tomé o reconhece, Jesus diz a ele que ambos receberam o seu ser, ou existência, da mesma fonte: ‘Já não sou teu mestre, pois bebestes da fonte borbulhante que distribuí, e te inebriaste. (...) Quem beber de minha boca se tornará como eu, e eu mesmo me tornarei como ele, e as coisas ocultas lhe serão reveladas.’”

“Tais ensinamentos – a identidade do divino e do humano, a preocupação com a ilusão e a iluminação, o fundador que é apresentado não como Senhor, mas como um guia espiritual – não soam mais orientais que ocidentais? (...) Teriam as tradições hindu e budista influenciado o gnosticismo? (...) No século I, ideias que nós associamos às religiões do Oriente surgiram no Ocidente por intermédio do movimento gnóstico, mas foram suprimidas e condenadas por polemistas como Irineu.” (*Nota da Editora*)



O necessário é reunir a ciência da religião com o espírito ou a inspiração da religião – o esotérico com o exotérico. A ciência iogue ensinada por Senhor Krishna – que apresenta métodos práticos para a autêntica experiência interior de Deus em substituição às crenças fugazes – e o espírito do amor crístico e fraternidade pregado por Jesus – única panaceia segura para impedir que o mundo se destrua com suas obstinadas divergências – são a mesma e única verdade universal, ensinada por esses dois Cristos, o do Oriente e o do Ocidente.



Os salvadores do mundo não vêm alimentar divisões doutrinárias hostis, e seus ensinamentos não devem ser utilizados para esse fim. Chega a ser

impróprio referir-se ao Novo Testamento como a Bíblia “cristã”, pois ele não pertence exclusivamente a nenhuma seita. A verdade destina-se a promover a bênção e a elevação de toda a raça humana. Assim como a Consciência Crística é universal, Jesus Cristo também pertence a todos.

Embora enfatize a mensagem do Senhor Jesus no Novo Testamento e a ciência iogue da união divina apresentada por Bhagavan Krishna no *Bhagavad Gita* como sendo o *summum bonum* do caminho da realização divina, eu honro as diversas expressões da verdade, que fluem do Deus Único através das escrituras de Seus vários emissários.



A verdade, em si mesma e por si só, é a “religião” definitiva. Embora a verdade possa expressar-se de diferentes maneiras por meio de “ismos” sectários, estes não podem jamais exauri-la. Ela tem infinitas manifestações e ramificações, mas uma só consumação: a experiência direta de Deus, a Realidade Única.

Os rótulos humanos de afiliação sectária têm pouco significado. O que nos confere salvação não é a seita religiosa em que tenhamos nosso nome registrado, nem a cultura ou credo em que nascemos. A essência da verdade transcende toda forma exterior. Essa essência é o fator supremo para compreendermos Jesus e seu chamado universal às almas para que entrem no reino de Deus que está “dentro de vós”.



Todos somos filhos de Deus, desde nossa origem até a eternidade. As diferenças surgem de preconceitos, e o preconceito é fruto da ignorância. Não devemos nos identificar orgulhosamente como americanos, indianos, italianos, ou qualquer outra nacionalidade, pois isso é apenas um acidente de nascimento. Acima de tudo, devemos nos orgulhar de sermos filhos de Deus, feitos à Sua imagem. Não é essa a mensagem de Cristo?

Jesus, o Cristo, é um excelente modelo a ser seguido tanto pelo Oriente quanto pelo Ocidente. O divino selo “filho de Deus” está oculto em cada alma. Jesus citou as escrituras: “Sois deuses”.

Retirem as máscaras! Revelem-se como filhos de Deus – não por meio de proclamações vãs e preces decoradas, demonstração de sermões formulados intelectualmente e planejados para glorificar a Deus e angariar

convertidos, mas por meio da *realização*! Identifiquem-se não com o intolerante fanatismo disfarçado de sabedoria, mas com a Consciência Crística. Identifiquem-se com o Amor Universal, expresso no serviço material e espiritual a todos; então saberão quem foi Jesus Cristo e poderão afirmar, em suas almas, que somos todos uma só família, filhos do Deus Único!

¹ Ver a tradução deste versículo tibetano por Swami Abhedananda: “Naquela época, seu grande desejo era alcançar pleno conhecimento do Ser Supremo e aprender a religião aos pés daqueles que haviam se aperfeiçoado por meio da meditação.” *Journey into Kashmir and Tibet*.



– Gosto de seus ensinamentos, mas o senhor é cristão? – perguntou alguém que conversava pela primeira vez com Paramahansaji. O Guru respondeu:

– Acaso Cristo não nos disse: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”?

– Na Bíblia, o termo pagão significa idólatra: alguém que tem a atenção focalizada não no Senhor, mas nas atrações do mundo. Um materialista pode ir à igreja aos domingos e, ainda assim, ser um pagão. Aquele que mantém sempre acesa a lâmpada da lembrança do Pai Celestial e que obedece aos preceitos de Jesus é um cristão. – E acres-

centou:

– Deixo a seu critério decidir se você me considera ou não um cristão.

Assim Falava Paramahansa Yogananda



CAPÍTULO 3

OS ENSINAMENTOS SECRETOS DE JESUS, O IOGUE

De que modo toda alma pode alcançar a Consciência Crística

A importância do Consolador ou Espírito Santo

“Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos (...).

“Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14: 15-18, 26-27).

O mesmo conselho que Jesus deu a seus discípulos diretos aplica-se aos dias de hoje. Se um devoto o ama (quer dizer, ama o contato com a Consciência Crística presente em Jesus), então precisa seguir fielmente os mandamentos – as leis da disciplina física e mental e da meditação – que são necessários para manifestar a Consciência Crística na própria consciência de cada indivíduo.



No mundo cristão, poucos compreenderam a promessa de Jesus de que, depois que tivesse partido, ele enviaria o Espírito Santo. O Espírito Santo é o invisível e sagrado poder vibratório de Deus, que sustenta ativamente o universo: o Verbo ou *Om* [Aum], a Vibração Cósmica, o Grande Consolador, o Salvador de todas as tristezas.

O Verbo: a Vibração Cósmica Inteligente de Deus

A evolução científica da criação cósmica a partir do Deus-Criador é sumariamente descrita, em terminologia arcana, no livro do Gênesis do Antigo Testamento. No Novo Testamento, os primeiros versículos do

Evangelho de São João podem ser corretamente denominados “Gênesis Segundo São João”. Esses dois profundos relatos bíblicos, quando claramente apreendidos por meio da percepção intuitiva, correspondem exatamente à cosmologia espiritual apresentada nas escrituras da Índia, legadas desde a Idade de Ouro por seus *rishis*, que tinham o conhecimento de Deus.

São João foi possivelmente o maior entre os discípulos de Jesus. Assim como um professor escolar encontra entre seus alunos alguém cuja compreensão superior o classifica como o primeiro da classe e a outros que devem necessariamente obter uma classificação inferior, também entre os discípulos de Jesus havia diferentes graus de habilidade para avaliar e absorver a profundidade e a amplitude dos ensinamentos do homem-Cristo. Os registros deixados por São João, entre os vários livros do Novo Testamento, evidenciam o mais elevado grau de realização divina, revelando as profundas verdades esotéricas que Jesus conhecia por sua própria experiência e que transmitiu a João. Não apenas em seu evangelho, mas também em suas epístolas e, especialmente, nas profundas experiências metafísicas descritas simbolicamente no Apocalipse, João apresenta as verdades ensinadas por Jesus, do ponto de vista da percepção intuitiva interior. As palavras de João são precisas; por esse motivo, seu evangelho – embora o último entre os quatro do Novo Testamento – deveria ser considerado em primeiro lugar quando se procura o verdadeiro significado da vida e dos ensinamentos de Jesus.

O “Verbo” no Cristianismo original

Embora, durante séculos, a doutrina oficial da Igreja tenha considerado “o Verbo” (*Logos*, no original grego) como uma referência ao próprio Jesus, essa não foi a interpretação pretendida originalmente por São João para essa passagem. De acordo com os estudiosos, o conceito expresso por João pode ser melhor compreendido não pela exegese de uma ortodoxia muito posterior da Igreja, mas pelos textos das escrituras e os ensinamentos de filósofos judeus contemporâneos a João – por exemplo, o livro dos Provérbios (com o qual João e qualquer

outro indivíduo de origem judaica de seu tempo devia estar familiarizado). Em *A History of God: The 4,000 Year Quest of Judaism, Christianity and Islam* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1993), Karen Armstrong escreve: “O autor do livro de Provérbios, que o escreveu no terceiro século a.C., (...) personifica a Sabedoria, de modo que ela parece ser uma pessoa individualizada:

“ ‘Iahweh me criou [a Sabedoria], primícia de suas obras, de seus feitos mais antigos. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes da origem da terra (...), quando assentava os fundamentos da terra, eu estava junto com ele como mestre de obras, eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo brincava em sua presença: brincava na superfície da terra, e me alegrava com os homens’ (Provérbios 8:22-23, 30-31; *A Bíblia de Jerusalém*). (...)”

“Nas traduções em aramaico das escrituras hebraicas, conhecidas como *targums*, compostas naquela época [isto é, quando foi escrito o Evangelho de João], o termo *Memra* (verbo) é utilizado para descrever a atividade de Deus no mundo. Esse tem a mesma função de outros termos técnicos como ‘glória’, ‘Espírito Santo’ e ‘*Shekinah*’, que enfatizavam a distinção entre a presença de Deus no mundo e a incompreensível realidade do próprio Deus. Como divina Sabedoria, o ‘Verbo’ simbolizava o plano original de Deus para a criação.”

Os escritos dos primeiros Pais da Igreja também indicam que esse era o significado pretendido por São João. Em *Clement of Alexandria* (Edimburgo: *William Blackwood and Sons*, 1914), John Patrick afirma: “Clemente identifica, repetidas vezes, o Verbo com a Sabedoria de Deus”. E dra. Anne Pasquier, professora de Teologia da Universidade Laval, em Quebec, escreve em *The Nag Hammadi Library After Fifty Years* (editores John D. Turner e Anne McGuire; Nova York: Brill, 1997): “Fílon, Clemente de Alexandria e Orígenes – todos associam o *Logos* com o verbo de Deus, que consta dos relatos do Antigo Testamento acerca da criação, quando ‘Deus disse e assim se fez’. Os valentinianos pensavam de modo idêntico. (...) De acordo com os valentinianos, o prólogo do Evangelho de João descreve uma gênese espiritual, modelo para a gênese material, e é considerado uma

interpretação espiritual dos relatos do Antigo Testamento a respeito da criação.”

Entretanto, foi somente por meio de uma evolução gradual da doutrina – promovida por complexas influências teológicas e políticas – que o “Verbo” (bem como “o Filho unigênito”) veio a significar a pessoa de Jesus. Foi apenas no quarto século, escreve a historiadora Karen Armstrong em *A History of God*, que a Igreja passou a “adotar como verdade religiosa um conceito restrito: Jesus era o primeiro e último Verbo de Deus para a raça humana”. (*Nota da Editora*)



“*No princípio...*” Com essas palavras têm início as cosmogonias tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. “Princípio” refere-se ao surgimento da criação finita, pois no Absoluto Eterno – o Espírito – não há princípio nem fim. (...)

O Espírito, sendo a única Substância existente, não tinha senão a Si Mesmo com que criar. O Espírito e Sua criação universal não poderiam ser essencialmente diferentes, pois cada uma dessas duas Forças Infinitas, sempiternas, seria conseqüentemente absoluta – o que, por definição, é uma impossibilidade. Uma criação ordenada requer a dualidade de Criador e objeto criado. Assim, o Espírito primeiro fez surgir uma Ilusão Mágica, *Maya*, a Medidora Mágica do Cosmos,¹ que produz a ilusão de que uma porção do Infinito Indivisível esteja dividida em objetos finitos independentes, assim como o oceano tranquilo torna-se distorcido em ondas individuais em sua superfície, por obra de uma tempestade.

Toda a criação é apenas o Espírito – aparente e temporariamente diversificado pela atividade vibratória criadora desse mesmo Espírito.



No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens (João 1:1-4).

“Verbo” significa vibração inteligente, energia inteligente, emanando de

Deus. A pronúncia de qualquer palavra, como “flor”, expressa por um ser inteligente, consiste em energia sonora ou vibração, mais o pensamento que impregna essa vibração de um significado inteligente. De maneira parecida, o Verbo, que é o princípio e a fonte de todas as substâncias criadas, consiste na Vibração Cósmica [Espírito Santo] impregnada da Inteligência Cósmica [Consciência Crística].

O pensamento da matéria, a energia de que se compõe a matéria e a própria matéria – todas as coisas – são apenas diferentes vibrações de pensamento do Espírito.

Antes da criação, há apenas o Espírito não diferenciado. Ao manifestar a criação, o Espírito torna-Se Deus Pai, Filho e Espírito Santo. (...)

O Espírito Não Manifestado tornou-Se Deus-Pai, Aquele que dá origem a toda a vibração criadora. Deus-Pai, nas escrituras hindus, denomina-se Ishvara (o Governante Cósmico) ou *Sat* (a suprema e pura essência da Consciência Cósmica) – a Inteligência Transcendente. Quer dizer, Deus-Pai existe transcendentemente, não afetado por qualquer tremor da criação vibratória – uma Consciência Cósmica independente e consciente.

A força vibratória que emana do Espírito, dotada do poder criador ilusório de *maya*, é o Espírito Santo: a Vibração Cósmica, o Verbo, *Om* (*Aum*) ou Amém.



O Verbo, a energia criadora e o som da Vibração Cósmica, como ondas sonoras de um terremoto inimaginavelmente poderoso, emanou do Criador para manifestar o universo. Essa Vibração Cósmica, impregnada da Inteligência Cósmica, condensou-se em elementos sutis – raios térmicos, elétricos, magnéticos e de todo tipo; e então em átomos de vapor (gases), líquidos e sólidos.



Uma vibração cósmica ativa em todo o espaço não poderia por si só criar ou sustentar um cosmos extraordinariamente complexo. (...) [Assim], a consciência transcendente de Deus-Pai manifestou-se na vibração do Espírito Santo, como o Filho – a Consciência Crística, a inteligência de Deus em toda a criação vibratória. Esse puro reflexo de Deus, presente no Espírito Santo, indiretamente guia este último para que crie, recree, preserve

e modele a criação de acordo com o propósito divino.



Os escritores bíblicos, não versados nas terminologias que expressam o conhecimento de nossa era moderna, utilizaram muito apropriadamente os termos “Espírito Santo” e “Verbo” para designar o caráter da Vibração Cósmica Inteligente. Em “Verbo” está implícito um som vibratório dotado de poder de materialização. Em “Espírito”, está implícita uma força consciente, invisível e inteligente. “Santo” caracteriza essa Vibração, porque é uma manifestação do Espírito e porque tenta criar o universo de acordo com os padrões perfeitos de Deus.

A designação desse “Espírito Santo” como *Aum* [*Om*], nas escrituras hindus, denota seu papel no plano criador de Deus: “A” representa *akara*, ou vibração criadora; “u” simboliza *ukara*, vibração preservadora; e “m” refere-se a *makara*, o poder vibratório de dissolução. Uma tempestade, bramindo ao longo do mar, cria ondas grandes e pequenas, preserva-as por algum tempo e, então, ao aplacar-se, dissolve-as. Assim, *Om*, ou o Espírito Santo, cria todas as coisas, preserva-as em miríades de formas e, por fim, dissolve-as no seio oceânico de Deus, para que sejam outra vez recriadas – um processo constante de renovação da vida e das formas no contínuo sonho cósmico de Deus.

Assim, o Verbo ou a Vibração Cósmica é a origem de “todas as coisas”: “sem ele nada do que foi feito se fez”. O Verbo existiu desde os primórdios da criação – foi a primeira manifestação de Deus quando originou o universo. “O Verbo estava com Deus” – estava impregnado da inteligência refletida de Deus, a Consciência Crística; “e o Verbo era Deus” – vibrações de Seu próprio e único Ser.

As declarações de São João fazem eco a uma verdade eterna que ressoa em várias passagens dos antigos Vedas: que o Verbo cósmico vibratório (*Vak*) estava com Deus, o Pai-Criador (*Prajapati*), no princípio da criação, quando nada mais existia; e que, por intermédio de *Vak*, foram feitas todas as coisas; e que *Vak* é o próprio Brahman (Deus).



“Isto diz o Amém [o Verbo, *Om*], a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus.”² O sagrado Som Cósmico de *Om* ou Amém é

a testemunha da Presença Divina manifestada em toda a criação.

A natureza vibratória da criação

Avanços recentes no que os físicos teóricos denominam “teoria das supercordas” estão conduzindo a ciência para um entendimento da natureza vibratória da criação. Brian Greene, Ph.D., professor de Física nas Universidades de Cornell e Columbia, escreve em *The Elegant Universe: Superstrings, Hidden Dimensions, and the Quest for the Ultimate Theory* (Nova York: Vintage Books, 2000):

“Durante os últimos trinta anos de sua vida, Albert Einstein procurou incansavelmente pela assim chamada teoria do campo unificado – uma teoria capaz de descrever as forças da natureza englobadas em uma estrutura única, inclusiva e coerente. (...) Agora, ao alvorecer de um novo milênio, proponentes da teoria das cordas declaram que os fios dessa tapeçaria unificada e ilusora foram afinal descobertos. (...)”

“A teoria sugere que o cenário microscópico está repleto de minúsculas cordas cujos padrões vibracionais promovem a orquestração do curso evolutivo do universo”, escreve Professor Greene, e nos diz que “o comprimento de um típico laço de corda [*string loop*] é (...) cerca de uma centena de bilhões de bilhões (10²⁰) de vezes menor do que um núcleo atômico”.

Professor Greene explica que, no final do século XX, a ciência havia determinado que o universo físico era composto de muito poucas partículas fundamentais, tais como elétrons, *quarks* (que são as pedras basilares de prótons e nêutrons) e neutrinos. “Embora cada partícula fosse tida como elementar”, ele escreve, “o tipo de ‘substrato’ que cada uma corporificava era considerado como sendo diferente. O ‘substrato’ dos elétrons, por exemplo, tinha carga negativa, enquanto o ‘substrato’ de um neutrino era desprovido de carga elétrica. A teoria das cordas modifica radicalmente esse quadro, declarando que o ‘substrato’ de toda a matéria e de todas as forças é o *mesmo*.”

“De acordo com a teoria das cordas, existe apenas *um* ingrediente fundamental: a corda”, Greene escreve em *The Fabric of the Cosmos: Space, Time, and the Texture of Reality* (Nova York: Alfred A. Knopf, 2004). Ele explica que “assim como uma corda de um violino pode vibrar em diferentes padrões, cada um deles produzindo um tom musical distinto, os filamentos da teoria das supercordas podem igualmente vibrar em diferentes padrões. (...) Uma minúscula corda vibrando em um determinado padrão teria a massa e a carga elétrica de um elétron; conforme a teoria, tal corda vibrando *seria* o que tradicionalmente denominávamos um elétron. Uma corda minúscula vibrando em um diferente padrão teria as propriedades necessárias para identificá-la como um *quark*, um neutrino ou qualquer outro tipo de partícula. (...) Cada uma surge de um diferente padrão vibratório executado pela mesma entidade subjacente. (...) Em nível ultramicroscópico, o universo seria comparável a uma sinfonia de cordas vibrando a matéria em manifestação.” (*Nota da Editora*)

Pai, Filho e Espírito Santo conforme a *Yoga*

A Santíssima Trindade do Cristianismo – Pai, Filho e Espírito Santo – relacionada ao conceito usual da encarnação de Jesus é totalmente inexplicável sem a diferenciação entre Jesus, o corpo, e Jesus como o veículo em que estava manifestado o Filho unigênito, a Consciência Crística. O próprio Jesus faz tal distinção, referindo-se a seu corpo como o “filho do homem”, e à sua alma – que não estava circunscrita pelo corpo, mas unificada à Consciência Crística unigênita presente em todas as partículas vibratórias – ele se referia como o “filho de Deus”.

“Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito” para redimi-lo; quer dizer, Deus-Pai permaneceu incógnito para além do domínio vibratório que emanou de Seu Ser; em seguida, porém, ocultou-Se como a Inteligência Crística em toda a matéria e em todos os seres vivos, a fim de persuadir todas as coisas – por meio de belos chamados evolutivos – a retornarem ao lar Dele, de Bem-aventurança Eterna. Sem essa presença de Deus permeando toda a criação, o homem se sentiria na verdade destituído

do Socorro Divino – que, de forma tão doce e por vezes quase imperceptível, vem em sua ajuda quando ele se ajoelha em súplica. Seu Criador e Supremo Benfeitor nunca está a mais do que um pensamento devocional de distância.

São João afirmou: “A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”. O plural em “filhos de Deus” demonstra distintamente, a partir dos ensinamentos recebidos de Jesus, que o Filho unigênito não era o corpo de Jesus, mas sim seu estado de Consciência Crística; e que todos aqueles que pudessem purificar sua consciência e receber ou refletir livremente o poder divino seriam capazes de se tornar filhos de Deus. Poderiam unificar-se com o reflexo unigênito de Deus em toda a matéria, assim como Jesus; e por intermédio do Filho, a Consciência Crística, ascender ao Pai, a Consciência Cósmica suprema.



A inestimável contribuição da Índia ao mundo, descoberta na antiguidade por seus *rishis*, é a ciência da religião – a *yoga*, “união divina” – por meio da qual Deus pode ser conhecido não como um conceito teológico, mas como uma autêntica experiência pessoal. Dentre todos os conhecimentos científicos, o de maior valor para o homem é a ciência iogue da realização divina, pois atinge a causa-raiz de todos os males humanos: a ignorância – o envolvimento pela névoa da ilusão. Quando alguém se torna firmemente estabelecido na realização divina, a ilusão é transcendida e a submissa consciência mortal é elevada à condição crística.

Como receber, na meditação, a Consciência Crística por meio da comunhão com o Espírito Santo

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, mesmo aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus (João 1:12-13). †

A luz de Deus brilha igualmente em todos, mas devido à ignorância ilusora, nem todos a recebem ou refletem igualmente. A luz solar incide da mesma forma sobre um pedaço de carvão e um diamante, mas somente o diamante recebe e reflete a luz com magnífico esplendor. O carbono presente no carvão tem o potencial de se tornar um diamante. É necessário

apenas convertê-lo sob elevada pressão. Assim, aqui se afirma que todos podem tornar-se iguais a Cristo – aqueles que clarifiquem sua consciência por meio de uma vida moral e espiritual e, especialmente, pelo processo purificador da meditação, em que a mortalidade rudimentar é sublimada na perfeição da imortalidade da alma.

O batismo pelo Espírito Santo

O batismo supremo, proclamado por João Batista e por todos os mestres Autorrealizados, consiste em ser batizado “com o Espírito Santo e com fogo” – isto é, tornar-se permeado da presença de Deus na sagrada Vibração Criadora. Não apenas a onisciência onipresente dessa Vibração eleva e expande a consciência, mas também seu fogo de energia vital cósmica verdadeiramente cauteriza os pecados dos maus hábitos atuais e os efeitos cármicos das ações erradas do passado.



As inspiradoras vibrações do “Consolador” trazem profunda paz e alegria interior. A Vibração Criadora revigora a força vital individual no corpo, que favorece a saúde e o bem-estar, e pode ser direcionada conscientemente como poder curativo para aqueles que necessitam de ajuda divina. Sendo a fonte da criatividade inteligente, a vibração de *Om* inspira nossa iniciativa, talento e vontade.



Pelo contato com Deus (...) na meditação, todos os desejos do coração são satisfeitos; pois nada é mais valioso, mais apazível ou atraente do que a alegria sempre nova de Deus, que confere satisfação plena. (...) Aquele que banha sua consciência no Espírito Santo desapega-se de objetos e desejos pessoais, enquanto desfruta de tudo com o júbilo de Deus em seu íntimo.



[Uma experiência extática de Paramahansa Yogananda, em comunhão com o Espírito Santo, a Vibração Cósmica de Om:]

“Quando as percepções sensoriais vibram seus prazeres no corpo, experimento uma opressão; uma pesada carga pende do seio de minha alma e me sinto puxado para baixo, para a matéria. Porém, ó *Om* arrebatador, quando Tu vibras dentro em mim, ah, que exultante alegria e leveza eu sinto! Eu voo para além do corpo. Sou puxado para o Espírito. Ó grande *Om*, ondulante oceano de *Om*: fica vibrando dentro de mim para que eu possa continuar desperto ante Tua presença infinita, ampliado na identidade com o Espírito Universal. Ah! Esta é a Voz Céu! Esta é a voz do Espírito. *Om*, Tu és a fonte de toda vida, de todas as expressões da criação no universo. Assim, deixa-me Te sentir, ó grande Vibração-Mãe, ondulando dentro de mim como parte de Teu Si-Mesmo Cósmico. Recebe-me; torna-me unificado Contigo. Não me abandones jamais; fica sempre ondulando dentro de mim como um oceano espiritual cheio de poder, chamando-me e revelando Tua presença oceânica. Ó Poderosa Vibração, ó Poderosa Verdade que atravessa cada átomo de meu corpo, paz e harmonia eternas, bem-aventurança e sabedoria eternas, vem com Tua presença, com Tua ressonância universal! Ah, essas minúsculas alegrias, esses minúsculos estímulos de vibrações sensuais, eu desejo abandoná-los. Envolve-me em Tua Vibração e leva-me junto com Teu som ondulante. Deixa-me livre da prisão da carne; deixa-me ondular com Tuas infinitas marolas vibratórias de alegria onisciente, ó grande *Om*. Fica comigo, toma posse de mim, libera-me em Ti.”

Ser filho de Deus não é algo que se tenha de adquirir; em vez disso, é preciso somente receber a luz divina e perceber que Deus já nos conferiu, desde o princípio, essa condição abençoada.

“Mesmo aos que creem no seu nome”: quando mesmo o Nome de Deus desperta nossa devoção e ancora nossos pensamentos Nele, então o nome Dele se torna uma porta para a salvação. Quando a simples menção de Seu nome conflagra a alma, tornando-a repleta de amor por Deus, então é o devoto impulsionado para a sua libertação.

O significado mais profundo de “nome” refere-se à Vibração Cósmica (o Verbo, *Om*, Amém). Deus como Espírito não possui um nome limitante.

Não importa se alguém se refira ao Absoluto como Deus, Javé, Brahman ou Alá, isso não O expressa. Deus, o Criador e Pai de todos, vibra através da natureza como a vida eterna, e essa vida tem o som do grande Amém ou *Om*. Esse nome define Deus de maneira mais correta. “Os que creem no seu nome” significa aqueles que comungam com esse som de *Om*, a voz de Deus na vibração do Espírito Santo. Quando alguém escuta esse nome de Deus, essa Vibração Cósmica, está a caminho de se tornar um filho de Deus, pois, nesse som, sua consciência entra em contato com a Consciência Crística imanente que o levará a Deus como Consciência Cósmica.

O sábio Patânjali, maior expoente da *yoga* na Índia, descreve Deus, o Criador, como Ishvara, o Senhor ou Governante Cósmico. “Seu símbolo é *Pranava* (o Verbo ou Som Sagrado, *Om*). Por meio da recitação repetida e devocional de *Om*, e pela meditação em seu significado, desaparecem os obstáculos, e a consciência se interioriza (afastando-se da identificação sensorial externa)” (*Yoga Sutras* 1:27-29).³



Aqueles que, em essência, são filhos de Deus – puros reflexos do Pai, não maculados pela ilusão – tornaram-se filhos do homem pela identificação com o corpo e pelo esquecimento de sua origem no Espírito. O homem iludido não passa de um mendigo nas ruas do tempo. Mas, assim como Jesus recebeu e refletiu a divina filiação da Consciência Crística por meio de sua consciência purificada, todo homem, por meio da meditação iogue, também pode purificar sua mente e tornar-se uma mentalidade diamantina capaz de receber e refletir a luz de Deus.



O método para entrar em contato com essa Vibração Cósmica, o Espírito Santo, vem sendo difundido pela primeira vez, em âmbito mundial, por meio das técnicas definidas de meditação da ciência de *Kriya Yoga*. Pela bênção da comunhão com o Espírito Santo, a taça da consciência humana se expande para receber o oceano da Consciência Crística. O iniciado na prática da ciência de *Kriya Yoga* que alcança a experiência consciente da presença do Espírito Santo Consolador e submerge no Filho (a Consciência Crística imanente) obtém dessa maneira a percepção de Deus-Pai e entra no reino infinito de Deus.

Assim, Cristo surgirá uma segunda vez na consciência de todo praticante dedicado que alcance maestria sobre a técnica do contato com o Espírito Santo – o indescritivelmente bem-aventurado doador de consolo no Espírito.

A ciência iogue da coluna vertebral: “Endireitai o caminho do Senhor”

Uma bela revelação do caminho para esse contato divino se oculta nos versículos bíblicos em que João Batista assim descreve a si próprio:

Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías (João 1:23).

Quando alguém tem os sentidos ocupados exteriormente, permanece absorvido no mercado turbulento das interagentes complexidades da matéria, nesta criação. Mesmo quando seus olhos estão fechados em oração ou quando atento a outros pensamentos, ainda assim ele prossegue no domínio das atividades. O verdadeiro deserto, onde nenhum pensamento mortal, inquietude ou desejo humano pode penetrar, transcende as mentes sensorial, subconsciente e superconsciente – ou seja, está na consciência cósmica do Espírito, no incriado e ermo “deserto” da Bem-aventurança Infinita.



Enquanto João escutava o Som Cósmico onisciente, no deserto do silêncio em seu interior, a sabedoria intuitiva transmitiu-lhe o silencioso comando: “Endireitai o caminho do Senhor”. Manifestai o Senhor – a Consciência Crística subjetiva presente em toda a criação cósmica vibratória – em vosso interior, por meio do sentimento intuitivo desperto quando, no estado de êxtase transcendente, os divinos centros metafísicos de vida e consciência são abertos no caminho reto da coluna vertebral.



O corpo humano, de forma ímpar entre todas as criaturas, possui centros espirituais cerebrosais de consciência divina – templos para o Espírito que desceu e neles habitou. Esses centros são conhecidos dos iogues e de São João – que os descreveu no Apocalipse como sete selos, sete estrelas e sete igrejas, com seus sete anjos e sete castiçais de ouro.



Os tratados de *yoga* explicam o despertar dos centros espinais não como uma aberração mística, mas como uma ocorrência puramente natural, comum a todos os devotos que encontram seu caminho para a presença de Deus. Os princípios da *yoga* desconhecem as fronteiras artificiais dos “ismos” religiosos. *Yoga* é a ciência universal da união divina da alma com o Espírito, do homem com seu Criador.

A *yoga* descreve o caminho definido pelo qual o Espírito desce da Consciência Cósmica à matéria e à expressão individualizada em todos os seres; e como, de modo inverso, a consciência individualizada precisa finalmente reascender ao Espírito.

Muitos são os caminhos da religião e as formas de aproximar-se de Deus; mas todos conduzem, por fim, à estrada única da ascensão final para a união com Ele. O caminho para libertar a alma dos laços que a prendem à consciência mortal no corpo é idêntico para todos: a mesma estrada “reta” da coluna vertebral por onde a alma desceu do Espírito ao corpo e à matéria.⁴

A Yoga e o livro do Apocalipse

“Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer. O mistério das sete estrelas, que viste na minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas; e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas” (Apocalipse 1:19-20).

“E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?” (Apocalipse 5:1-2).

Os tratados de *Yoga* identificam esses centros (em ordem ascendente) como:

1. *muladhara* (o coccígeo, na base da coluna vertebral);

2. *svadhisthana* (o sacro, cinco centímetros acima do *muladhara*);
3. *manipura* (o lombar, oposto ao umbigo);
4. *anahata* (o dorsal, oposto ao coração);
5. *vishuddha* (o cervical, na base do pescoço);
6. *ajna* (sede do olho espiritual, tradicionalmente localizado entre as sobrancelhas; em realidade, conectado diretamente, por polaridade, com o bulbo raquiano);
7. *sahasrara* (“lótus de mil pétalas”, na parte superior do cérebro).

Os sete centros são saídas divinamente planejadas ou “alçapões”, através dos quais a alma desceu ao corpo e por onde precisa reascender, pelo processo da meditação. Em sete etapas sucessivas, a alma escapa para a Consciência Cósmica. Os tratados de *Yoga* geralmente consideram *chakras* (“rodas”, porque a energia, concentrada em cada um, assemelha-se a um cubo de roda, de onde partem raios de luz e energia vital) os seis centros inferiores, referindo-se ao *sahashara* separadamente, como um sétimo centro. Todos os sete centros, porém, costumam ser comparados a flores de lótus, cujas pétalas se abrem ou se voltam para cima durante o despertar espiritual, quando a vida e a consciência ascendem pela coluna vertebral.

A verdadeira natureza do homem é a alma, um raio do Espírito. Assim como Deus é Bem-aventurança sempre-existente, sempre-consciente e sempre-nova, também a alma, encerrada em um corpo, é Bem-aventurança sempre-existente, sempre-consciente e sempre-nova, em forma individualizada.

O revestimento corporal da alma é de natureza tríplice. O corpo físico, com o qual o homem se identifica de maneira tão afeiçoada e tenaz, é basicamente matéria inerte, um torrão de minerais da terra e elementos químicos compostos de átomos densos. O corpo físico recebe todos os seus poderes, e toda a energia que lhe confere vida, de um radiante corpo astral interior feito de “vitátrons”. O corpo astral, por sua vez, é ativado por um corpo causal de pura consciência, que consiste de todos os princípios ideativos que estruturam e mantêm os instrumentos dos corpos astral e

físico, utilizados pela alma para interagir com a criação de Deus.

Os três corpos estão interligados e atuam como um só por meio de nós de força vital e consciência nos sete centros espirituais do eixo cerebrospinal: um instrumento corporal físico, ativado pela força vital do corpo astral e pela consciência da forma causal. Em sua residência nesse corpo tríplice, a alma assume as limitações do confinamento e torna-se a pseudoalma ou ego.

Descendo primeiro ao corpo causal de consciência através dos centros ideativos da coluna causal de consciência magnetizada e, depois disso, aos magníficos centros espinais de luz e poder do corpo astral, a força vital e a consciência descem então ao corpo físico através do cérebro e da coluna vertebral, dirigindo-se exteriormente ao sistema nervoso, órgãos e sentidos, habilitando o homem a conhecer o mundo e a interagir com seu ambiente material.

O fluxo exterior da força vital e da consciência através da coluna vertebral e dos nervos leva o homem a perceber e apreciar somente os fenômenos sensoriais. Uma vez que é a atenção que dirige as correntes vitais e a consciência do homem, as pessoas que são complacentes com os sentidos do tato, olfato, paladar, da audição e visão descobrem que os holofotes de sua força vital e de sua consciência estão concentrados na matéria.

Quando, porém, pelo autodomínio na meditação, focaliza-se constantemente a atenção no centro da percepção divina, no ponto entre as sobranceiras, reverterem-se os holofotes da força vital e da consciência. Retirando-se dos sentidos, eles revelam a luz do olho espiritual. (...) Através desse olho de onipresença, o devoto entra nos domínios da consciência divina.



Por meio do método correto de meditação e da devoção, com os olhos fechados e concentrados no olho espiritual, o devoto bate às portas do céu. Quando os olhos estão focalizados e imóveis, a respiração e a mente tranquilas, uma luz começa a delinear-se na fronte. Por fim, com profunda concentração, a luz do olho espiritual, com suas três cores, torna-se visível.⁵ Apenas ver o olho espiritual não é suficiente; o mais difícil para o devoto é penetrar essa luz. Mas, pela prática de métodos superiores, como *Kriya*

Yoga, a consciência é conduzida ao interior do olho espiritual, entrando em um outro mundo de dimensões mais vastas.

No halo dourado do olho espiritual, toda a criação é percebida como a luz vibratória do Espírito Santo. A luz azul da Consciência Crística é onde ficam os anjos bem como as deidades que são agentes dos poderes individualizados de Deus para a criação, preservação e dissolução; ali se encontram também os santos mais evoluídos. Através da luz branca do olho espiritual, o devoto entra na Consciência Cósmica; ele ascende a Deus-Pai.

O corpo astral de energia vital

A descoberta científica da energia eletromagnética que forma um molde para a organização do corpo físico é descrita em *Vibrational Medicine* (Rochester, Vermont: Bear and Company, 2001) pelo Dr. Richard Gerber: “Durante a década de 1940, o neuroanatomista Harold S. Burr, na Universidade de Yale, estava estudando a forma dos campos de energia” – que ele denominou “campos de vida” ou “L-fields” – “em torno de plantas e animais vivos. Alguns dos trabalhos de Burr envolviam a forma dos campos elétricos em torno das salamandras. Ele descobriu que as salamandras possuíam um campo energético modelado na forma aproximada de um animal adulto. Descobriu também que esse campo continha um eixo elétrico alinhado com o cérebro e a medula espinal. Burr desejava descobrir precisamente quando se originava esse eixo elétrico, no processo de desenvolvimento do animal. Começou a mapear os campos em estágios progressivamente mais precoces da embriogênese da salamandra. Descobriu que o eixo elétrico tinha origem no ovo ainda não fertilizado. (...) Burr também fez experiências com campos elétricos em torno de pequenas mudas. De acordo com sua pesquisa, o campo elétrico em torno de um broto não tinha a forma da semente original, mas, em vez disso, assemelhava-se à planta adulta.”

Em *Blueprint for Immortality: The Electric Patterns of Life* (Essex, Inglaterra: Saffron Walden, 1972), Professor Burr descreve sua pesquisa: “A maioria das pessoas que estudaram ciências no curso secundário lembram-se de que a limalha de ferro, se espalhada sobre

uma folha de papel que tenha sido colocada sobre um ímã, assumirá o desenho das ‘linhas de força’ do campo do magneto. E, se as partículas de ferro forem afastadas e novas partículas forem espalhadas sobre a folha de papel, estas assumirão o mesmo padrão das primeiras.

“Algo semelhante – embora infinitamente mais complexo – acontece no corpo humano. Suas moléculas e células são constantemente destruídas e, então, reconstruídas com novo material proveniente do alimento que ingerimos. Graças, porém, ao campo vital controlador, as novas moléculas e células são reconstruídas e se organizam nos mesmos padrões das antigas.

“A pesquisa moderna com elementos ‘marcados’ revelou que o material que compõe nossos corpos e cérebros se renova com muito mais frequência do que antes se julgava. Toda proteína do corpo, por exemplo, se renova a cada seis meses e, em alguns órgãos como o fígado, a proteína se renova muito mais frequentemente. Quando encontramos um amigo que não víamos há seis meses, não existe sequer uma molécula em seu rosto daquelas que lá estavam quando o vimos pela última vez. Mas, graças a seu campo vital controlador, as novas moléculas assumiram o antigo padrão habitual, e somos capazes de reconhecer seu rosto. Até que os instrumentos modernos revelassem a existência dos campos vitais controladores, os biólogos não conseguiam explicar como nossos corpos mantinham sua forma no decorrer do incessante metabolismo e troca de material. Agora, o mistério foi resolvido: o campo eletrodinâmico do corpo serve como matriz ou molde que preserva a ‘forma’ ou a disposição de qualquer substância introduzida no corpo, não importa quão frequentemente esse material seja substituído.” *(Nota da Editora)*



Os iogues da Índia (aqueles que buscam a união com Deus por meio dos métodos científicos definidos da *yoga*) dão a máxima importância a se manter a coluna vertebral ereta durante a meditação e a se concentrar no ponto entre as sobrancelhas. Durante a meditação, a coluna vertebral

encurvada oferece uma sensível resistência ao processo de reversão das correntes vitais, em seu fluxo ascendente para o olho espiritual. A espinha dorsal encurvada desfaz o alinhamento das vértebras e pinça os nervos, mantendo a força vital presa ao seu estado costumeiro de consciência corporal e de inquietude mental.

A população de Israel esperava o Cristo em um corpo físico; assim, João Batista assegurou-lhes da vinda de alguém em quem o Cristo estava manifestado; mas também lhes disse sutilmente que todo aquele que em verdade desejasse conhecer o Cristo deveria recebê-lo levantando a consciência através da coluna vertebral, na meditação (“o caminho do Senhor”).

João estava enfatizando que apenas adorar o corpo do Cristo Jesus não era o caminho para conhecê-lo. A Consciência Crística, corporificada em Jesus, poderia ser conhecida somente pelo despertar dos centros astrais na coluna vertebral, o caminho reto de ascensão pelo qual a Consciência Crística metafísica, presente no corpo de Jesus, poderia ser percebida intuitivamente.

As palavras do profeta Isaías, que encontraram eco em João Batista, demonstram que ambos tinham conhecimento de que a Consciência Crística subjetiva, o Senhor da Criação Vibratória Finita, poderia ser acolhida na própria consciência individual somente através do caminho reto da coluna vertebral, avivado pela meditação.

Isaías, João, os iogues, todos sabem que, para receber a Consciência Crística, é necessário mais do que um simples contato físico com um ser crístico. É preciso saber como meditar – como desligar a atenção das distrações sensoriais e como manter a consciência fixa no altar do olho espiritual, onde a Consciência Crística pode ser recebida em toda a sua glória.⁶



Todas as religiões verdadeiras conduzem a Deus, mas alguns caminhos requerem mais tempo, enquanto outros são mais curtos. Qualquer que seja a religião tradicional adotada, suas crenças submergirão na mesma e única experiência universal de Deus. *Yoga* é o caminho unificador seguido por todas as pessoas religiosas quando, por fim, se aproximam de Deus. Antes que se possa alcançar Deus, tem de haver o “arrependimento” que

redireciona a consciência desde a matéria ilusória para o reino divino interior. Esse recolhimento retira a força vital e a mente ao próprio interior para ascenderem através dos centros espiritualizadores da coluna vertebral rumo aos supremos estados de realização divina. A derradeira união com Deus e os estágios envolvidos nessa união são universais. Isso é *yoga*, a ciência da religião. Variantes divergentes acabam por encontrar-se na estrada principal para Deus; e essa estrada passa pela coluna vertebral – o caminho para transcender a consciência corporal e entrar no reino divino infinito.



A verdade espiritual e a sabedoria não são encontradas em quaisquer palavras de um sacerdote ou pregador, mas no “deserto” do silêncio interior. As escrituras sânscritas dizem: “Há muitos sábios com suas interpretações aparentemente contraditórias das escrituras e dos assuntos espirituais, mas o verdadeiro segredo da religião está oculto em uma caverna”. A autêntica religião se encontra em nosso interior, na caverna da quietude, na caverna da tranquila sabedoria intuitiva, na caverna do olho espiritual. Pela concentração no ponto entre as sobrancelhas, sondando as profundezas da quietude no olho espiritual luminoso, podem ser encontradas respostas a todas as questões religiosas do coração. “O Consolador, o Espírito Santo (...) vos ensinará todas as coisas” (João 14:26).

A *yoga* confere o verdadeiro batismo no Espírito

O caminho da ascensão foi revelado no batismo de Jesus. Conforme relata o Evangelho de São Mateus:

E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo (Mateus 3: 16-17).

Quando se é batizado pela imersão na luz do Espírito, o olho espiritual microcósmico, no corpo, pode ser percebido em sua relação com a luz do Espírito, que desce como Trindade Cósmica. No batismo de Jesus, isso é descrito metaforicamente como “o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele”. A pomba simboliza o olho espiritual, percebido, pelos devotos que meditam profundamente, no centro da Consciência Crística, na

testa, entre os dois olhos físicos.

Esse olho de luz e consciência surge como um halo dourado (a Vibração do Espírito Santo), circundando uma esfera azul-opalino (Consciência Crística), no centro da qual está uma estrela com cinco pontas, de radiante luz branca (portão para a Consciência Cósmica do Espírito).

A tríplice luz de Deus no olho espiritual é simbolizada por uma pomba porque confere paz perene. Além disso, a contemplação do olho espiritual produz, na consciência do homem, a pureza simbolizada pela pomba.

O bico dessa pomba simbólica representa a estrela no olho espiritual, a passagem secreta para a Consciência Cósmica. As duas asas da pomba representam as duas esferas de consciência que emanam da Consciência Cósmica: a luz azul do olho espiritual é o microcosmo da Inteligência Crística subjetiva que está em toda a criação; e o anel de luz dourada no olho espiritual é a energia cósmica objetiva, a Vibração Cósmica ou Espírito Santo, em nível microcósmico.



Durante a experiência que Jesus teve do batismo pelo Espírito manifestado como Espírito Santo, ele viu a luz do olho espiritual descendo da Luz Divina macrocósmica; e dela surgiu a voz de *Om*, o som celestial inteligente e criador de todas as coisas, vibrando como uma voz inteligível:

“Tu és Meu Filho, já que elevaste tua consciência das limitações do corpo e de toda a matéria, para perceber-te unificado ao Meu reflexo perfeito, Minha imagem unigênita, imanente em toda a manifestação. Eu sou Bem-aventurança e expresso Minha alegria no regozijo que experimentas ao te sintonizares com Minha Onipresença.”

Jesus sentiu sua consciência sintonizada à Consciência Crística, o reflexo “unigênito” da Inteligência de Deus-Pai na Vibração Sagrada: primeiramente, ele sentiu seu corpo como sendo a totalidade da criação vibratória, incluindo seu pequeno corpo; então, em seu corpo cósmico de toda a criação, ele teve a experiência de sua unidade com a inata Presença de Deus como o Cristo Infinito ou Inteligência Universal – uma aura magnética de bem-aventurado Amor Divino em que a presença de Deus mantém todas as criaturas.



Na meditação mais profunda, praticada por aqueles que se adiantam na técnica de *Kriya Yoga*, o devoto experimenta não apenas a expansão na vibração de *Om*, a “Voz dos Céus”, mas percebe que é capaz também de seguir a luz microcósmica do Espírito no “caminho reto” da coluna vertebral, entrando na luz do olho espiritual, a “pomba descendo dos céus”. (...)

Através de seus dois olhos físicos, o homem vê apenas seu corpo e uma pequena porção da Terra de cada vez. Mas o batismo espiritual ou a iniciação recebida de um verdadeiro guru expande a consciência. Todo aquele que possa ver, assim como Jesus, a pomba espiritual pousando sobre si – isto é, que possa contemplar seu olho espiritual de onisciência onipresente – e, pela perseverança na meditação cada vez mais profunda, venha a introduzir seu olhar nessa luz, perceberá todo o reino da Energia Cósmica e a consciência de Deus que está nesse reino e para além dele, na Bem-aventurança Infinita do Espírito.⁷

¹ A palavra sânscrita *maya* (ilusão cósmica) significa “a medidora”: o poder mágico na criação, pelo qual limitações e divisões estão aparentemente presentes no Imensurável e Indivisível.

² Apocalipse 3: 14. O *Aum* [*Om*] dos *Vedas* tornou-se a palavra sagrada *Hum* dos tibetanos, o *Amin* dos muçulmanos e o *Amém* dos egípcios, gregos, romanos, judeus e cristãos. O significado de *Amém* em hebraico é “seguro, fiel”.

³ Desconhece-se em que época viveu Patânjali, embora muitos estudiosos o situem no século II a.C. Seu renomado livro *Yoga Sutras* apresenta, em uma série de breves aforismos, a essência condensada da ciência extraordinariamente vasta e intrincada da união divina – descrevendo o método para unir a alma ao Espírito indiferenciado de forma tão bela, clara e concisa, que gerações de estudiosos têm reconhecido o *Yoga Sutras* como a principal obra da Antiguidade a respeito da *yoga*.

⁴ “E ali haverá um alto caminho, um caminho que se chamará o caminho santo; o imundo não passará por ele, (...) mas os remidos andarão por ele. E os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião com júbilo, e alegria eterna haverá sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido” (Isaías 35: 8-10).

⁵ “A lâmpada do corpo é o olho; de sorte que, se o teu olho for único, todo o teu corpo será luminoso” (Mateus 6:22). [†]

⁶ Por mais que uma estrela celeste possa ter indicado aos Sábios o nascimento de Jesus, foi pela “estrela do oriente”, de maior poder, que eles souberam da vinda do Cristo Jesus à Terra: a luz plenamente reveladora do olho espiritual, da divina percepção intuitiva da alma, localizada no “oriente” do corpo – no centro espiritual sutil da Consciência Crística, na testa, entre os dois olhos físicos.

⁷ Em sua *Autobiografia de um Iogue*, Paramahansa Yogananda escreveu: “No homem, a ilusão do mundo, *maya*, se manifesta como *avidya*, literalmente ‘não-conhecimento’, ignorância, ilusão. *Maya* ou *avidya* jamais pode ser destruída por convicção intelectual ou análise, mas somente alcançando-se o estado interior de *nirvikalpa samadhi*. Os profetas do Antigo Testamento e os videntes de todas as épocas e terras falavam a partir desse estado de consciência.

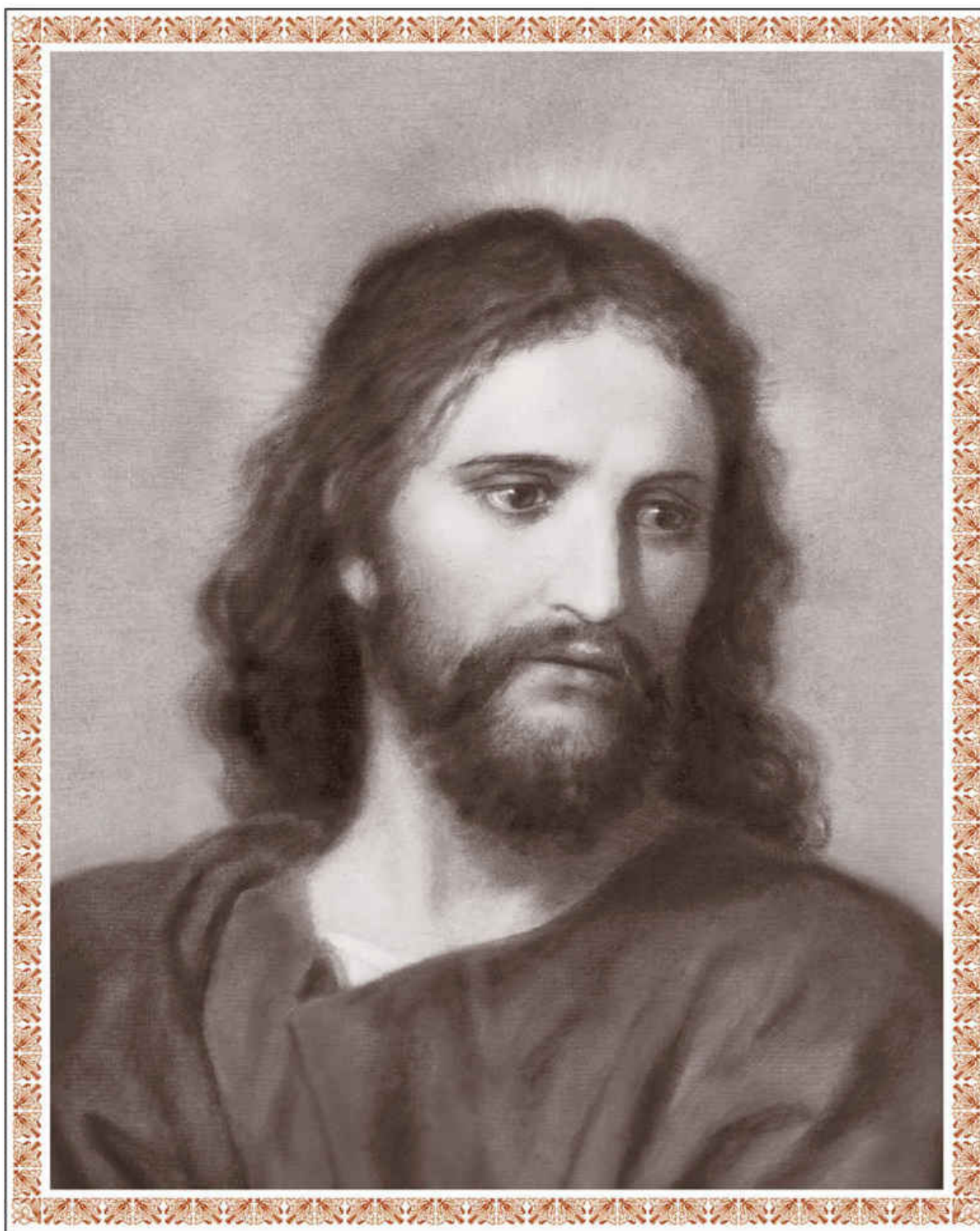
“Ezequiel disse: ‘Então me levou à porta, à porta que olha para o caminho do oriente. E eis que a glória do Deus de Israel vinha do caminho do oriente; e a sua voz era como a voz de muitas águas, e a terra resplandeceu por causa da sua glória.’ Através do olho divino na testa (orientes), o iogue faz deslizar sua consciência para a onipresença, ouvindo o Verbo ou *Om*, o som divino de ‘muitas águas’: as vibrações de luz que constituem a única realidade da criação.”



PARTE II

“ÚNICO CAMINHO” OU UNIVERSALIDADE?

*Os ensinamentos de Jesus a respeito de “nascer de novo”,
alcançar o Céu e “crer em Seu nome”*



Cristo aos 33 anos

“A vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus...”

CAPÍTULO 4

“SEGUNDO NASCIMENTO”: O DESPERTAR DA INTUIÇÃO DA ALMA

A verdade oculta nas parábolas de Jesus

E, acercando-se dele os discípulos, disseram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Ele, respondendo, disse-lhes: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado. (...) Por isso lhes falo por parábolas: porque eles, vendo, não veem; e ouvindo, não ouvem nem compreendem” (Mateus 13:10-11, 13).

Quando os discípulos perguntaram a Jesus por que ensinava o povo com ilustrações sutis de parábolas, ele respondeu: “Porque está determinado que vós, meus verdadeiros discípulos, que viveis uma vida espiritualizada e disciplinais vossas ações de acordo com meus ensinamentos, mereceis compreender – em virtude do despertar interior em vossas meditações – a verdade dos arcanos mistérios do céu e de como alcançar o reino de Deus, a Consciência Cósmica oculta por trás da criação vibratória da ilusão cósmica.

“Mas as pessoas comuns, despreparadas em sua receptividade, não podem compreender nem praticar as verdades mais profundas da sabedoria. Por meio de parábolas, elas absorvem gradualmente, de acordo com sua compreensão, verdades mais simples, da sabedoria que lhes revelo. Pela aplicação prática do que são capazes de receber, fazem algum progresso para a sua redenção.” (...)

Como podem as pessoas receptivas perceber a verdade, enquanto as não receptivas “vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem entendem”? As derradeiras verdades a respeito do céu e do reino de Deus, a realidade que está por trás da percepção sensorial e para além das cogitações da mente racional, podem ser apreendidas apenas por meio da intuição: despertando-se o conhecimento intuitivo, a pura compreensão própria da alma.



E havia entre os fariseus um homem, chamado Nicodemos, príncipe dos judeus. Este foi ter de noite com Jesus, e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque

ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.

Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?

Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito (João 3:1-8).

Nicodemos visitou Jesus secretamente durante a noite, pois temia a crítica da sociedade. Aproximar-se do controverso mestre e declarar sua fé na divina estatura de Jesus foi um ato de coragem para alguém de sua posição. Ele expressou reverentemente sua convicção de que apenas um mestre com autêntica comunhão divina poderia operar as leis superiores que governam a vida interior de todas as criaturas e de todas as coisas.

Em resposta, Cristo dirigiu a atenção de Nicodemos diretamente à Fonte celestial de todos os fenômenos da criação, tanto mundanos quanto “milagrosos”, afirmando sucintamente que todos podem entrar em contato com essa Fonte e conhecer as maravilhas que dela procedem, assim como fazia Jesus, ao passarem pelo “segundo nascimento” espiritual do despertar intuitivo da alma.

As multidões superficialmente curiosas, atraídas por demonstrações de poderes extraordinários, receberam apenas uma parcela escassa do tesouro da sabedoria de Jesus, mas a inequívoca sinceridade de Nicodemos evocou do Mestre uma orientação definida, que enfatizava o Poder e o Objetivo Supremos nos quais o homem deve concentrar-se. Os milagres da sabedoria, que iluminam a mente, são superiores aos milagres de cura física e controle da natureza; e milagre ainda maior é a cura da causa-raiz de todas as formas de sofrimento: a ignorância ilusora que obscurece a unidade entre a alma do homem e Deus. Esse esquecimento primordial é superado apenas com a Autorrealização: por meio do poder intuitivo pelo qual a alma apreende diretamente sua própria natureza como Espírito individualizado e percebe o Espírito como a essência de todas as coisas.

Todas as religiões reveladas e genuínas fundamentam-se no conhecimento intuitivo. Cada uma delas possui uma particularidade exotérica ou exterior e um núcleo esotérico ou interior. O aspecto exterior é

a imagem pública, incluindo seus preceitos morais e um código de doutrinas, dogmas, dissertações, regras e costumes que orientam seus seguidores comuns. O aspecto esotérico inclui métodos que se focalizam na autêntica comunhão da alma com Deus. O aspecto exotérico é para as multidões; o esotérico, para uma minoria fervorosa. É o aspecto esotérico da religião que conduz à intuição ou conhecimento direto da Realidade.

O sublime *Sanatana Dharma* da filosofia védica da antiga Índia – sintetizado nos *Upanishads* e nos seis sistemas clássicos de conhecimento metafísico, e inigualavelmente condensado no *Bhagavad Gita* – baseia-se na percepção intuitiva da Realidade Transcendental. O Budismo, com seus vários métodos para controlar a mente e aprofundar-se na meditação, advoga o conhecimento intuitivo para se alcançar a transcendência do *nirvana*. O Sufismo, no Islã, baseia-se na experiência mística intuitiva da alma.¹ Na religião judaica, há ensinamentos esotéricos que se fundamentam na experiência interna da Divindade, evidenciados amplamente no legado dos profetas bíblicos iluminados por Deus. Os ensinamentos de Cristo expressam plenamente essa realização. O Apocalipse de João Evangelista é uma notável revelação das percepções intuitivas da alma a respeito das verdades mais profundas, em forma de metáforas.



O “segundo nascimento”, cuja necessidade é mencionada por Jesus, leva-nos ao domínio da percepção intuitiva da verdade. O Novo Testamento pode não utilizar a palavra “intuição”, mas está repleto de referências ao conhecimento intuitivo. De fato, os vinte e um versículos que descrevem a visita de Nicodemos apresentam, em máximas condensadas epigramaticamente – uma característica das escrituras orientais –, os abrangentes ensinamentos esotéricos de Jesus relativos à experiência do reino infinito da bem-aventurada consciência divina.

Esses versículos foram amplamente interpretados em defesa das doutrinas que afirmam ser o batismo do corpo com água um pré-requisito para entrar no reino de Deus após a morte (João 3:5); que Jesus é o único “filho de Deus” (João 3:16); que a mera “crença” em Jesus é suficiente para a salvação, e todos aqueles que não têm tal crença estão condenados (João 3:17-18).

Tal leitura exotérica das escrituras submerge em dogmas a

universalidade da religião. Uma perspectiva de unidade surge com o entendimento das verdades esotéricas.



“Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.”

Estas palavras escolhidas por Jesus sugerem sua familiaridade com a doutrina espiritual do Oriente relativa à reencarnação. Um dos significados que decorrem desse preceito é que a alma precisa nascer repetidas vezes, em vários corpos, até que tome consciência novamente de sua perfeição inata. É uma falsa esperança acreditar que, por ocasião da morte corporal, a alma ingresse automaticamente em uma eterna existência angelical no céu. A menos e até que seja alcançada a perfeição, removendo-se da imagem divina individualizada da alma os resíduos do *karma* (efeitos das próprias ações), não se pode entrar no reino de Deus.² Ao criar constantemente novos vínculos cármicos por meio de ações erradas e desejos materiais, e ao adicioná-los aos efeitos acumulados de numerosas encarnações anteriores, a pessoa comum não consegue libertar sua alma em uma só vida. Muitas vidas de evolução física, mental e espiritual lhe são necessárias para desfazer-se de todos os obstáculos cármicos que bloqueiam a intuição da alma, o conhecimento puro sem o qual não se pode “ver o reino de Deus”.

O principal significado das palavras de Jesus a Nicodemos está além de uma referência implícita à reencarnação. Isso fica claro com o pedido de Nicodemos por maiores esclarecimentos sobre como um *adulto* poderia alcançar o reino de Deus: precisaria ele entrar novamente no ventre de sua mãe e renascer? Nos versículos seguintes, Jesus explica como uma pessoa pode “nascer de novo” em sua encarnação atual: como a alma, identificada com o corpo e com as limitações dos sentidos, pode obter, por meio da meditação, um novo nascimento na Consciência Cósmica.



“Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.”

“Nascer da água” é usualmente interpretado como uma prescrição do ritual exterior do batismo pela água – um renascimento simbólico –, visando tornar-nos qualificados para o reino de Deus após a morte. Mas Jesus não se referia a um *renascimento* envolvendo água. “Água”, aqui, significa protoplasma; o corpo humano, em sua maior parte, é constituído de água e inicia sua existência terrena no fluido amniótico, no ventre de sua

mãe. Embora a alma tenha de passar pelo processo natural de nascimento que Deus estabeleceu por meio de Suas leis biológicas, o nascimento físico não é suficiente para que o homem se torne apto para ver ou entrar no reino de Deus.

A consciência comum está presa ao corpo; e, através dos dois olhos físicos, o homem é capaz de observar apenas o diminuto teatro desta Terra e o céu estrelado que a circunda. Pelas pequenas janelas exteriores dos cinco sentidos, as almas restritas ao corpo nada percebem das maravilhas que estão além da matéria limitada.

Em um avião, voando a grandes altitudes, não se percebem fronteiras, mas somente a vastidão do espaço e os céus ilimitados. Porém, na reclusão de um quarto, entre paredes sem janelas, perde-se a visão da imensidade.

De modo parecido, quando a alma humana é enviada do Espírito infinito para um corpo mortal circunscrito pelos sentidos, suas experiências externas permanecem confinadas às limitações da matéria. Assim, Jesus aludiu ao fato, também expresso pelos cientistas modernos, de que podemos ver e conhecer apenas o que os instrumentos limitados dos sentidos e da razão nos permitem.

Assim como os detalhes das estrelas distantes não podem ser vistos com um telescópio de cinco centímetros, da mesma forma Jesus dizia que o homem não pode ver ou conhecer algo do reino celestial de Deus com o poder limitado da mente e dos sentidos. Entretanto, um telescópio de cinco metros capacita o homem a sondar as imensas regiões do espaço povoado de estrelas; e, semelhantemente, desenvolvendo a percepção intuitiva por meio da meditação, ele pode contemplar e entrar no reino astral e causal de Deus: berço de pensamentos, estrelas e almas.

Jesus enfatiza que, depois que a alma encarna – nasce da água ou protoplasma –, o homem deve transcender as imposições mortais do corpo por meio do autoaperfeiçoamento. Com o despertar do “sexto sentido”, a intuição, e com a abertura do olho espiritual, sua consciência iluminada pode entrar no reino de Deus. Nesse segundo nascimento, o corpo permanece o mesmo; mas a consciência da alma, em vez de estar presa ao plano material, encontra-se livre para passear no ilimitado império do Espírito, eternamente jubiloso.

Deus desejava que Seus filhos humanos vivessem sobre a Terra com a percepção desperta do Espírito que modela toda a criação e, assim,

desfrutassem do divino drama onírico como um entretenimento cósmico. Dentre todas as criaturas vivas, apenas o corpo humano foi equipado, como uma criação especial de Deus, com as faculdades e os instrumentos necessários para expressar plenamente os divinos potenciais da alma. Mas, pela ilusão de Satã, o homem ignora seus dons superiores e permanece apegado à limitada forma corporal e à sua mortalidade.

Como almas individualizadas, o Espírito manifesta progressivamente Seu poder de conhecimento ao longo dos sucessivos estágios de evolução: resposta inconsciente, nos minerais; sensibilidade, na vida vegetal; conhecimento sensitivo guiado pelo instinto, nos animais; intelecto, razão e intuição introspectiva pouco desenvolvida, no homem; e genuína intuição, no super-homem.

Diz-se que, depois de oito milhões de vidas percorrendo os estágios sucessivos da evolução, como um filho pródigo viajando através dos ciclos das encarnações, a alma chega por fim a um nascimento humano. Originalmente, os seres humanos eram puros filhos de Deus. Ninguém conhece a consciência divina de que desfrutavam Adão e Eva, exceto os santos. Desde o pecado original – o mau uso de sua independência –, o homem perdeu essa consciência, associando sua identidade com o ego corporal e seus desejos mortais. Não é incomum ver pessoas que mais se assemelham aos animais, motivados por instintos, do que a seres humanos, capazes de reagir intelectualmente. Elas são tão materialistas que, ao ouvirem falar sobre comida, sexo ou dinheiro, compreendem e respondem reflexivamente, como o famoso cão salivante de Pavlov. Mas, se alguém tentar engajá-las numa rica discussão filosófica a respeito de Deus ou do mistério da vida, reagirão sem compreender, como se o seu interlocutor fosse um insano!

O homem espiritual está tentando libertar-se da materialidade que é a causa de seus desvios pródigos no labirinto das encarnações, porém o homem comum não deseja mais do que uma melhoria de sua existência terrena. Assim como o instinto confina o animal dentro de limites estabelecidos, também a razão restringe o ser humano que não tenta tornar-se um super-homem pelo desenvolvimento da intuição. Quem venera apenas a razão e não está ciente da disponibilidade de seu poder de intuição – o único que lhe permite conhecer-se como uma alma – permanece pouco mais que um animal racional, desconhecendo a herança espiritual que é seu

direito inato.



O corpo, nascido da carne, tem as limitações da carne, ao passo que a alma, nascida do Espírito, tem poderes latentes ilimitados. Por meio da meditação, a consciência humana se transfere do corpo para a alma; e, pelo poder de intuição da alma, alcança o homem a experiência de si próprio não como um corpo mortal (um fenômeno da natureza objetiva), mas como a consciência imortal que habita o corpo, unida ao númeno da Essência Divina.



O homem continua firmemente convencido de que é essencialmente um corpo, embora receba provas diárias do contrário. Todas as noites, por ocasião do sono, “a pequena morte”, ele se desfaz de sua identificação com a forma física e renasce como consciência invisível. Por que é o homem compelido a dormir? Porque o sono lhe recorda aquilo que está para além do estado de sono: o estado da alma. A existência mortal seria insuportável sem pelo menos o contato subconsciente com a alma, provido pelo sono.

À noite, o homem se desfaz do corpo na subconsciência e se torna um anjo; durante o dia, ele se torna de novo um demônio, afastando-se do Espírito por obra dos desejos e das sensações do corpo. Por meio da meditação de *Kriya Yoga*, ele pode se tornar um deus durante o dia, assim como Cristo e os Grandes Mestres. Ele vai para além da subconsciência, para o estado superconsciente, e dissolve a consciência do corpo no êxtase de Deus. Aquele que pode fazer isso nasceu de novo.



Esta Terra é um *habitat* de problemas e sofrimentos; mas o reino de Deus, que está por trás deste plano material, é um lar de liberdade e bem-aventurança. A alma daquele que está por despertar percorreu um caminho conquistado com grande esforço – muitas encarnações de evolução – a fim de chegar à condição humana e poder exigir sua divindade perdida. Ainda assim, quantas encarnações humanas já foram desperdiçadas em preocupações com alimento e dinheiro, gratificação do corpo e emoções egoístas! Cada um deveria perguntar-se como está utilizando os preciosos momentos de sua vida atual. Os corpos de todos os seres humanos acabam

por desintegrar-se dolorosamente; não seria melhor que a alma se afastasse da consciência corporal – preservando-se o corpo como um templo do Espírito? Ó Alma, não és o corpo; por que não lembrar sempre que és o Espírito de Deus?³

Jesus disse que precisamos restabelecer nossa conexão com a Eternidade; precisamos nascer de novo. O homem tem de seguir a estrada sinuosa das encarnações a fim de saldar seu *karma*; ou então – por meio de uma técnica como *Kriya Yoga* e a ajuda de um verdadeiro guru –, despertar a faculdade divina da intuição e conhecer-se como alma, ou seja, nascer de novo no Espírito. Por meio desse último método, ele pode ver e entrar no reino de Deus ainda nesta vida.

Mais cedo ou mais tarde, após algumas ou muitas encarnações de sofrimento, a alma em cada ser humano clamará para lembrar-lhe que seu lar não é aqui; e ele começará a retrair com fervor seus passos para o reino celestial que lhe pertence por direito. Quando alguém sente um grande desejo de conhecer a Verdade, Deus envia um mestre. Por meio da devoção e da realização desse mestre, Deus semeia Seu amor naquele coração.

O nascimento humano é conferido pelos pais; mas o nascimento espiritual é concedido pelo guru ordenado por Deus. Na tradição védica da antiga Índia, a criança recém-nascida é denominada *kayastha*, que significa “identificado com o corpo”. Os dois olhos físicos, que enxergam a atraente matéria, são legados pelos pais físicos; mas, durante a iniciação ou batismo espiritual, o olho espiritual é aberto pelo guru. Por meio da ajuda do guru, o iniciado aprende a utilizar esse olho telescópico para ver o Espírito, tornando-se então *dwija*, “nascido duas vezes” – a mesma terminologia metafísica usada por Jesus –, e inicia seu progresso para a condição de brâmane, alguém que conhece Brahman, o Espírito.

A alma presa à matéria, quando elevada ao Espírito pelo contato com Deus, nasce uma segunda vez, no Espírito. Infelizmente, mesmo na Índia essa iniciação da consciência corporal para a consciência espiritual tornou-se apenas uma formalidade, uma cerimônia de castas para meninos brâmanes, executada por sacerdotes comuns – equivalente ao ritual simbólico do batismo com água. Mas Jesus, assim como grandes mestres hindus de tempos antigos e modernos, conferia o autêntico batismo do Espírito – “com o Espírito Santo e com fogo”. Um verdadeiro guru é aquele que pode modificar as células cerebrais do discípulo por meio de uma

corrente espiritual que flui de Deus através da consciência iluminada do mestre. Sentirão essa mudança todos os que estejam em sintonia – aqueles que meditam de forma sincera e profunda e que, como na prática de *Kriya Yoga*, aprendem a enviar a corrente divina às células cerebrais. A alma está presa ao corpo pelas cordas do *karma*, trançadas por encarnações de desejos, comportamento e hábitos materiais. Somente a corrente vital pode transformar a vida de uma pessoa, destruindo aqueles milhões de registros cármicos. Então, ela nasce de novo; a alma abre a janela interior da unidade com o Espírito e alcança a percepção da maravilhosa onipresença de Deus.

Assim, o termo “nascer de novo” significa muito mais do que meramente filiar-se a uma igreja e receber a cerimônia do batismo. A crença por si só não dará à alma uma permanente morada no céu após a morte; é necessário comungar com Deus agora. Os seres humanos se tornam anjos na Terra, não no céu. Por ocasião da morte, onde quer que alguém interrompa seu progresso, ali deverá ele retomá-lo em uma nova encarnação. Depois de acordar, a pessoa é a mesma de antes de dormir; depois da morte, ela é também a mesma de antes.

É por isso que Cristo e os Mestres dizem que é necessário tornar-se santo antes do sono da morte. Isso não se consegue com a mente repleta de apegos mortais e diversões inúteis. Aquele que se ocupa de acumular tesouros na Terra não está interessado em Deus; quem tem seu interesse estabelecido em Deus não deseja muitos passatempos em sua vida. É libertando-se dos desejos mundanos que se ganha entrada no reino de Deus. O Senhor espera pacientemente até receber cem por cento da devoção do homem; para aqueles que O buscam diligentemente todos os dias e que cumprem Seus mandamentos por meio de um comportamento divino, Ele abre as portas para o reino de Sua presença.

Uma infinidade de palestras sobre luz solar e belezas cênicas não me permitirão vê-las se meus olhos estiverem fechados. Assim, as pessoas não veem Deus, que é onipresente, a menos e até que abram seu olho espiritual de percepção intuitiva. Quando alguém pode perceber que não é o corpo mortal, mas uma centelha do Espírito Infinito encoberta por um concentrado de energia vital, então ele se torna capaz de ver o reino de Deus. Compreende que a composição de seu corpo e do universo não é a matéria, que aprisiona a alma, mas a energia e a consciência, vastas e indestrutíveis. A ciência provou essa verdade, e cada indivíduo pode

experimentá-la: por meio de *Kriya Yoga*, pode alcançar o inabalável conhecimento de que ele é essa grande Luz e Consciência do Espírito.

Ó homem, por quanto tempo continuará a ser um animal racional? Por quanto tempo tentará inutilmente perscrutar as infindáveis regiões da criação apenas com os olhos míopes dos sentidos e da razão? Por quanto tempo permanecerá compelido a satisfazer as demandas do homem-animal? Liberte-se de todos os grilhões confinantes; conheça-se como substância imortal, com poderes e faculdades ilimitados. Ponha um fim a esse antigo sonho de ser um animal racional! Desperte! Você é um filho imortal, dotado de percepção intuitiva!

¹ Ver *O Vinho do Místico: O Rubaiyat de Omar Khayyam – Uma Interpretação Espiritual*, de Paramahansa Yogananda (publicado pela *Self-Realization Fellowship*).

² “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5: 48).

³ “Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?” (I Coríntios 3:16).

CAPÍTULO 5

“LEVANTAR O FILHO DO HOMEM” PARA A CONSCIÊNCIA DIVINA

“Nicodemos respondeu, e disse-lhe: Como pode ser isso?”

Jesus respondeu, e disse-lhe: Tu és mestre de Israel, e não sabes isto? Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho. Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como creereis, se vos falar das celestiais?

Ora ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o filho do homem, que está no céu. E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:9-15).

Ao dirigir-se a Nicodemos, Jesus ressaltou que apenas ocupar o cargo formal de mestre na casa de Israel não assegurava uma compreensão dos mistérios da vida. Títulos religiosos são frequentemente outorgados às pessoas em virtude do conhecimento intelectual das escrituras; mas uma compreensão plena das profundezas esotéricas da verdade pode ser alcançada somente por meio da experiência intuitiva.

“Nós dizemos o que sabemos” significa um conhecimento mais profundo do que a informação proveniente do intelecto e da razão, dependentes dos sentidos. Uma vez que os sentidos são limitados, o mesmo se aplica à compreensão intelectual. Os sentidos e a mente são as portas externas por meio das quais o conhecimento se introduz na consciência. O conhecimento humano filtra-se através dos sentidos e é interpretado pela mente. Se os sentidos erram em sua percepção, as conclusões inferidas pela interpretação desses dados também são incorretas.

Uma peça leve de roupa branca tremulando à distância pode parecer um fantasma, e uma pessoa supersticiosa acreditará que seja um fantasma; mas a observação mais próxima revelará o erro de tal conclusão. Os sentidos e a compreensão são facilmente enganados porque não podem apreender a verdadeira natureza das coisas criadas, sua substância e seu caráter essencial.

Jesus, com sua intuição, tinha o pleno conhecimento do númeno que

sustenta as operações do cosmos e sua diversidade de vida. Assim, ele pôde dizer, com autoridade: “*Nós (...) sabemos*”.

Jesus estava sintonizado com o grande plano de manifestação oculto sob todo o espaço, por trás da visão terrena. Às mentes hostis ele não podia falar abertamente de suas percepções onipresentes – mesmo as verdades que veio a falar trouxeram-lhe a crucificação! Ele disse a Nicodemos: “Se eu te falo acerca de assuntos relativos às almas humanas que estão presentes de forma visível na Terra e como elas podem entrar no reino de Deus, e tu não crês, como poderás então acreditar em mim se eu te falar acerca do que acontece nos domínios celestiais, inteiramente ocultos ao olhar humano comum?”

Embora lamentando, com benévola paciência, que Nicodemos duvidasse das revelações intuitivas do estado crístico, Jesus prosseguiu, descrevendo a seu visitante a maneira pela qual ele – assim como qualquer outro aspirante à verdade – poderia experimentar tais realidades por si mesmo.

Tantos duvidam do céu porque não podem vê-lo! Todavia, não duvidam da brisa apenas porque ela é invisível. Ela se faz conhecer por seu som, pela sensação sobre a pele e pelo movimento das folhas e de outros objetos. O universo inteiro vive, move-se e respira por causa da invisível presença de Deus nas forças celestiais que estão por trás da matéria.

Certa vez, um homem deu algumas azeitonas a um outro que nunca havia visto azeitonas e disse: “Elas têm bastante óleo”. A pessoa cortou a fruta mas não encontrou óleo algum – até que seu amigo mostrou-lhe como espremer as azeitonas a fim de extrair o azeite da polpa. Assim acontece com Deus. Tudo no universo está impregnado da presença Dele: as estrelas cintilantes, a rosa, o canto dos pássaros, nossas mentes. Seu Ser permeia todas as coisas, em toda parte. Mas é preciso, metaforicamente, “espremer” Deus, para que Ele saia de Seu esconderijo na matéria.

A concentração interior é o caminho para conhecer o sutil e prolífico céu que está por trás deste universo denso. A reclusão é o preço da grandeza e do contato com Deus. Todos os que estejam dispostos a roubar algum tempo deste mundo material voraz, dedicando-o em vez disso à busca divina, podem aprender a contemplar a maravilhosa fábrica da criação de onde se originam todas as coisas. Das esferas celestiais causal e astral descenderam todas as almas que vieram a encarnar-se fisicamente; e toda alma

pode reascender retirando-se ao “deserto” do silêncio interior e praticando o método científico de levantar a força vital e a consciência desde a identificação com o corpo até a união com Deus.



“Ora ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o filho do homem, que está no céu. E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o filho do homem seja levantado” (João 3: 13-14).

Esta passagem é muito importante e pouco compreendida. Se consideradas literalmente, as palavras “levantou a serpente” são, na melhor das hipóteses, uma ambiguidade clássica das escrituras. Cada símbolo tem um significado oculto que precisa ser corretamente interpretado.

Aqui, a palavra “serpente” refere-se, em sentido metafórico, à consciência e à força vital do homem na passagem espiralada sutil junto à base da coluna vertebral, cujo fluxo em direção à matéria deve ser revertido para que o homem reascenda do apego corporal à liberdade superconsciente.

Como almas, todos estávamos originalmente no seio de Deus. O Espírito projeta o desejo de criar uma expressão individualizada de Si Próprio. A alma se torna manifesta e projeta a ideia do corpo em uma forma causal. A ideia se torna energia, o corpo astral vitatrônico. O corpo astral se torna condensado no corpo físico. Através do corredor espinal integrado desses três instrumentos, a alma desce para a identificação com o corpo físico e a matéria densa.

“O que desceu do céu” significa o corpo físico. (Jesus se refere ao corpo humano como “homem”; ao longo de todos os Evangelhos, ele falou de seu próprio corpo físico como “o filho do homem”, diferenciando-o de sua Consciência Crística, o “Filho de Deus”.) O homem desce dos planos celestiais da criação divina quando sua alma, trajando um corpo causal de ideias congeladas de Deus e um corpo astral de luz, assume um revestimento externo de tecido material. Portanto, não apenas Jesus, mas todos os filhos de Deus “desceram do céu”.



Nenhum corpo humano subiu ao céu, cuja essência etérea não abriga formas materiais; mas todas as almas podem e irão ingressar nos reinos

superiores quando, por meio da morte ou da transcendência espiritual, venham a desfazer-se da consciência material, reconhecendo-se como seres angélicos em trajes de pensamento e de luz.

Todos somos feitos à imagem de Deus, seres de consciência imortal encobertos por um manto de diáfana luz celeste – uma herança oculta sob a matéria grosseira do corpo. Podemos reconhecer essa herança somente pela meditação. Não há outra maneira – não será por meio da leitura de livros, nem do estudo filosófico, mas pela devoção, pela oração incessante e pela meditação científica que eleva a consciência a Deus.



Jesus mencionou uma verdade extraordinária quando disse “o filho do homem, que está no céu”. Almas comuns contemplam seus corpos (“filho do homem”) vagando apenas pela Terra; mas almas libertas, como Jesus, habitam simultaneamente o domínio físico e os reinos celestiais astral e causal. (...)

Assim, as palavras de Jesus são muito simples e maravilhosas: mesmo habitando um corpo no mundo físico, ele se percebia como um raio de Deus descendo do céu. Isso ele demonstrou de forma conclusiva após sua morte, recriando seu corpo físico a partir de raios da luz cósmica criadora e, mais tarde, desmaterializando-o na presença de seus discípulos, quando ascendeu de volta para o céu. (...)

Em sua encarnação determinada por Deus, enquanto se ocupava efetivamente da obra de seu Pai Celestial neste mundo, Jesus podia, em verdade, proclamar: “Estou no céu”. Esse é o mais elevado êxtase de consciência divina, definido pelos iogues como *nirvikalpa samadhi*, um estado extático “sem diferença” entre a consciência exterior e a união divina interior. Em *savikalpa samadhi*, “com diferença”, um estado menos elevado, não se está consciente do mundo exterior; o corpo ingressa em um estado imóvel de transe, enquanto a percepção imerge na unidade interior consciente com Deus. Os mestres mais adiantados podem permanecer plenamente conscientes de Deus sem demonstrar no corpo quaisquer sinais de imobilidade; enquanto inebriado de Deus, o devoto permanece ao mesmo tempo consciente e em plena atividade no seu ambiente externo, se assim desejar.

Essa declaração de Jesus oferece grande encorajamento a todas as

almas: embora o homem seja assediado pelas perplexidades que acompanham a residência em um corpo físico, Deus o proveu do potencial de permanecer na consciência divina, independentemente das circunstâncias externas. Um homem embriagado leva consigo sua embriaguez não importa aonde vá; quem está doente preocupa-se o tempo todo com sua doença; quem é feliz está sempre esfuziante de alegria; e aquele que está consciente de Deus desfruta dessa suprema Bem-aventurança, esteja ele ativo no mundo externo ou absorvido em comunhão interior.



Repetidas vezes, nos Evangelhos, Jesus enfatiza que aquilo que ele alcançou, todos podem alcançar. Sua próxima observação a Nicodemos revela como isso é possível.

“E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Jesus disse que cada filho do homem – toda consciência corporal – precisa ser levantado desde o plano dos sentidos para o reino astral, revertendo-se o fluxo da força vital dirigido à matéria, para que ascenda através da passagem espiralada na base da coluna vertebral. O filho do homem é levantado quando se ergue essa força serpentina, “como Moisés levantou a serpente no deserto”. Precisamos reascender assim como o fez Moisés quando, no deserto espiritual do silêncio, em que todos os desejos não mais existiam, elevou sua alma desde a consciência corporal até a consciência de Deus, através do mesmo caminho pelo qual ela havia descido.

Conforme explicado anteriormente, os corpos físico, astral e causal do homem estão interligados e atuam como um só por meio de nós de força vital e consciência nos sete centros cerebrosplinais. Na ordem descendente, o último vínculo é um nó espiralado na base da coluna, que impede a ascensão da consciência ao reino astral do céu. A menos que se saiba como desatar esse nó de poder físico e astral, a vida e a consciência permanecem atraídas ao reino mortal, dirigindo-se para o exterior, ao corpo e à consciência sensorial.

A energia em geral se move pelo espaço em uma forma espiral – um padrão presente em toda parte na arquitetura macrocósmica e microcósmica

do universo. Iniciando com as nebulosas galácticas – o berço cósmico de toda a matéria – a energia flui em modelos espiralados ou circulares, ou como vórtices. O tema se repete na dança orbitária dos elétrons em torno do núcleo atômico e (como citado nas antigas escrituras hindus) dos planetas, sóis e sistemas estelares girando através do espaço, em torno de um grande centro do universo. Muitas galáxias têm a forma de espiral; e outros incontáveis fenômenos da natureza – plantas, animais, ventos e tempestades – evidenciam similarmente espirais invisíveis de energia subjacentes à sua forma e estrutura. Assim é a “força serpentina” (*kundalini*) no microcosmo do corpo humano: a corrente espiralada na base da coluna vertebral, um tremendo dínamo de vida que, quando voltado para o exterior, sustenta o corpo físico e sua consciência sensorial, e, quando conscientemente dirigido para cima, revela as maravilhas dos centros cerebrosplinais astrais.

Quando a alma, em seus sutis revestimentos dos corpos causal e astral, inicia a encarnação física no momento da concepção, o corpo inteiro se desenvolve a partir de uma célula primordial formada com a união de espermatozoide e óvulo, principiando com os primeiros rudimentos do bulbo raquiano, do cérebro e da medula espinal.

De sua sede original, no bulbo raquiano, a energia vital inteligente do corpo astral flui em sentido descendente – ativando os poderes especializados nos *chakras* astrais cerebrosplinais que criam e vivificam a coluna vertebral física, o sistema nervoso e todos os demais órgãos corporais. Ao concluir-se o trabalho da força vital primordial na criação do corpo, ela vem a descansar em uma passagem espiralada no centro mais inferior ou coccígeo. A configuração espiralada desse centro astral dá à energia vital ali localizada a denominação de *kundalini*, ou força serpentina (do sânscrito, *kundala*, “espiralada”). Uma vez finalizado seu trabalho criador, a concentração de força vital nesse centro é dita *kundalini* “adormecida”, pois quando flui ao exterior, para o corpo, avivando continuamente a região física dos sentidos – visão, audição, olfato, paladar e tato, bem como a força criadora física, presa à terra, do sexo –, ela faz com que a consciência se torne fortemente identificada com os sonhos ilusórios dos sentidos e seu domínio de atividades e desejos.

Moisés, Jesus e os iogues hindus conheciam o segredo da vida espiritual científica. Eles demonstraram unanimemente que todo aquele que tenha ainda tendências materiais precisa adquirir maestria sobre a arte de elevar a

força serpentina a partir da consciência corporal sensória, dessa forma começando a retrair os passos interiores em direção ao Espírito.

Todos os santos, de qualquer religião, que alcançaram a consciência divina, na verdade retiraram sua consciência e força vital das regiões sensoriais, elevando-as pela passagem espinal e pelos plexos até o centro da consciência divina, no cérebro, e a partir dali ao Espírito onipresente.

Quando alguém se senta em silêncio, tranquilo, ele acalma parcialmente a força vital em seu fluxo para os nervos, libertando-a dos músculos; seu corpo está temporariamente relaxado. Mas sua paz é facilmente perturbada por qualquer ruído ou qualquer outra sensação que chegue até ele, porque a energia vital que continua a fluir para o exterior, através da via espiralada, mantém os sentidos em operação.

Durante o sono, as forças vitais astrais são retiradas não apenas dos músculos, mas também dos instrumentos sensoriais. A cada noite, todos realizam uma interiorização física da energia vital, ainda que de forma inconsciente; a energia e a consciência no corpo retiram-se às regiões do coração, da coluna vertebral e do cérebro, conferindo ao homem a paz rejuvenescedora do contato subconsciente com o dínamo divino de todos os seus poderes, a alma. Por que o homem sente alegria no sono? Porque, quando ele está no estágio de sono profundo, sem sonhos, sem consciência do corpo, as limitações físicas são esquecidas e a mente entra em contato momentâneo com uma consciência superior.

O iogue conhece a arte científica de se desconectar conscientemente dos nervos sensoriais, de modo que nenhuma perturbação externa proveniente da visão, da audição, do tato, do paladar ou do olfato possa ter acesso ao santuário interior de sua meditação impregnada de paz. Soldados que estejam por vários dias posicionados na linha de frente são capazes de adormecer apesar do constante bramido da batalha, por causa do mecanismo corporal de retirada inconsciente da energia dos ouvidos e demais órgãos sensoriais. O iogue infere que o mesmo pode ser realizado conscientemente. Pelo conhecimento e pela prática das leis definidas e técnicas científicas de concentração, os iogues desligam os sentidos à vontade – indo para além do sono subconsciente e alcançando a bem-aventurada interiorização superconsciente.



Todo ser humano aprendeu a entrar na subconsciência do sono; e todos podem, da mesma maneira, obter maestria sobre a arte do êxtase superconsciente, com sua experiência infinitamente mais agradável e restauradora do que a obtida no sono. Esses estados superiores conferem a constante percepção de que a matéria é constituída de ideias cristalizadas de Deus, assim como, no sono, os sonhos e pesadelos são criações efêmeras de nossos próprios pensamentos, condensados ou “cristalizados” em experiências visuais por meio do poder objetivador de nossa imaginação. A pessoa que sonha não sabe que o pesadelo é irreal, até que desperte. Assim também, é somente ao despertar no Espírito – na unidade com Deus, em *samadhi* – que pode o homem banir o sonho cósmico da tela de sua consciência individualizada.

A ascensão ao Espírito não é fácil, pois quando alguém está consciente do corpo, permanece sob o domínio de sua segunda natureza com estados de ânimo e hábitos insistentes. É preciso subjugar, sem hesitação, os desejos do corpo. Um “filho do homem” prisioneiro do corpo não pode ascender à liberdade celestial apenas com palavras; ele tem de saber como desatar o nó espiralado da força de *kundalini*, na base da coluna vertebral, a fim de transcender o confinamento da prisão corporal.

Sempre que alguém medita com profundidade, ajuda automaticamente a reverter a força vital e a consciência, conduzindo-as da matéria em direção a Deus. Se a corrente nesse nó astral na base da coluna não é levantada por meio de uma vida correta, de bons pensamentos e da meditação, então os pensamentos materialistas, mundanos e de natureza inferior se tornam predominantes em sua vida. A cada boa ação que executa, o homem está “subindo ao céu” – sua mente tornando-se mais focalizada no centro cósmico da percepção celestial; a cada má ação, ele está descendo à matéria – sua atenção sendo capturada pelos fantasmas da ilusão.



Despertar a força de *kundalini* é extremamente difícil e não pode acontecer de forma acidental. São necessários anos de meditação programada sob a orientação de um guru competente antes que alguém possa sonhar com a libertação do corpo astral celestial de sua escravidão ao confinamento físico, pelo despertar da *kundalini*. Quem é capaz de despertar a *kundalini* aproxima-se rapidamente do estado cósmico. A

ascensão através da via espiralada abre o olho espiritual de visão esférica, revelando a totalidade do universo que circunda o corpo, sustentado pela luz vibratória dos poderes celestiais.

Os sentidos de visão, audição, paladar, tato e olfato são como cinco holofotes que revelam a matéria. À medida que a energia vital flui ao exterior através desses raios sensoriais, o homem é atraído por belas faces, sons cativantes ou sedutores perfumes, sabores e sensações táteis. Esse é um processo natural; mas aquilo que é natural para a consciência limitada ao corpo não é natural para a alma. Entretanto, quando essa energia vital divina é retirada dos sentidos autocráticos através da via espinal, chegando ao centro espiritual de percepção infinita no cérebro, então o holofote de energia astral lança-se à imensidão da eternidade para revelar o Espírito universal. O devoto sente-se atraído ao Sublime Sobrenatural – a Beleza de todas as belezas, a Música de todas as músicas, a Alegria de todas as alegrias. Ele pode tocar o Espírito em todo o universo e ouvir a voz de Deus reverberando em todas as esferas. A forma se dissolve no Sem-Forma. A consciência do corpo, confinada a uma pequena forma temporária, expande-se ilimitadamente no Espírito eternamente existente e desprovido de forma.

Jesus explica que todo aquele que creia na doutrina da elevação da consciência corporal (filho do homem) do plano físico para o astral, por meio da reversão da força vital através da passagem espiralada na base da coluna vertebral, não perecerá, isto é, não estará sujeito às transformações efêmeras de vida e morte, mas alcançará gradualmente o estado imutável: a Consciência Crística, o Filho de Deus.

CAPÍTULO 6

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DE “CRER EM SEU NOME” E DE SALVAÇÃO

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado; porquanto não crê no nome do Unigênito Filho de Deus.

“E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus” (João 3:16-21).

A confusão entre “filho do homem” e “unigênito Filho de Deus” criou muito fanatismo na comunidade do “igrejismo”, que não compreende ou reconhece o elemento humano em Jesus – que ele era um homem, nascido em um corpo mortal, e que havia desenvolvido sua consciência para tornar-se um com o Próprio Deus. Era a consciência presente em Jesus – e não o seu corpo – que estava unida ao Filho unigênito, a Consciência Crística, o reflexo único de Deus-Pai na criação. Ao exortar as pessoas a crerem no Filho unigênito, Jesus se referia a essa Consciência Crística, plenamente manifestada nele próprio e em todos os mestres de realização divina ao longo das eras, e que está latente em cada alma. Jesus afirmou que todas as almas que levantem sua consciência material (consciência de Filho do homem) para o céu astral, unindo-se em seguida à Inteligência Crística unigênita presente em toda a criação, conhecerão a vida eterna.

Acaso esta passagem bíblica significa que todos os que não aceitem Jesus, ou não creiam nele como seu Salvador, serão condenados? Este é um conceito dogmático de condenação. O que Jesus quis dizer foi que todo aquele que não se perceba como unido à Consciência Crística universal está condenado a viver e a pensar como um mortal em luta, limitado pelas fronteiras dos sentidos, pois terá essencialmente se dissociado do Princípio Eterno da vida.

Jesus jamais se referiu à sua consciência de filho do homem ou a seu corpo como o único salvador através dos tempos. Abraão e muitos outros foram salvos antes mesmo do nascimento de Jesus. É um erro metafísico referir-se à pessoa histórica de Jesus como o único salvador. A Inteligência Crística é o redentor universal. Como reflexo único do Espírito Absoluto (o Pai) onipresente no mundo da relatividade, o Cristo Infinito é o único mediador ou elo entre Deus e a matéria, por meio do qual todos os indivíduos constituídos de matéria – independentemente das diferentes castas ou credos – precisam passar a fim de alcançar Deus. Todas as almas podem libertar sua consciência confinada à matéria e imergir na vastidão da Onipresença, sintonizando-se com a Consciência Crística.

Jesus disse: “Quando levantardes o filho do homem, então conhecereis quem Eu sou”. Ele estava ciente de que seu corpo físico permaneceria no plano terreno por pouco tempo. Assim, deixou claro àqueles para quem ele era o salvador que, quando seu corpo (filho do homem) tivesse partido da Terra, as pessoas ainda poderiam encontrar Deus e a salvação crendo no Filho de Deus unigênito e onipresente, e conhecendo-o. Jesus enfatizou que todo aquele que viesse a crer em seu espírito como o Cristo Infinito nele personificado descobriria o caminho para a vida eterna, por meio da ciência meditativa da ascensão interiorizada da consciência.

“Para que todo aquele que nele crê não pereça.” As formas da natureza mudam, mas a Inteligência Infinita imanente na natureza permanece sempre inalterável às mutações da ilusão. Uma criança que esteja obstinadamente apegada a um boneco de neve chorará quando o sol se erguer nos céus desfazendo aquela forma. Assim sofrem os filhos de Deus que estão apegados ao corpo humano mutável que passa através da infância, da juventude, da velhice e da morte. Mas os que interiorizam sua força vital e consciência, concentrando-se na centelha interna espiritual de imortalidade, alcançam a percepção do céu mesmo enquanto ainda estão sobre a Terra; e, conhecendo a essência transcendente da vida, não estão sujeitos à dor e ao sofrimento inerentes aos incessantes ciclos de vida e morte.¹

As majestosas palavras de Jesus nesta passagem destinavam-se a transmitir uma promessa divinamente encorajadora de redenção para toda a humanidade. Em vez disso, séculos de falsas interpretações instigaram guerras de ódio intolerante, inquisições de tortura e condenações que geraram dissensão.

“Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” O “mundo” neste versículo significa a totalidade da criação de Deus. O propósito do Senhor ao refletir Sua Inteligência na criação, tornando possível um cosmos estruturado, não foi o de planejar uma penitenciária de finitude, onde as almas, querendo ou não, fossem confinadas como participantes de uma dança macabra de sofrimento e destruição; Seu propósito foi tornar-Se acessível como uma Força propulsora a impulsionar o mundo desde uma manifestação material obscurecida pela ignorância para uma iluminada manifestação espiritual.

É verdade que a manifestação criadora vibratória da Inteligência Universal originou as miríades de atrações da “casa de diversões” cósmica, por meio das quais o homem, constantemente desnortado, afasta-se do Espírito para a vida material, desviando-se do Amor Universal para os desatinos da vida humana. Ainda assim, a percepção do Absoluto que está para além da criação permanece intimamente próxima por meio da intermediação de Sua Inteligência refletida na criação. Por esse contato, o devoto compreende que Deus enviou a Inteligência Crística (Seu Filho unigênito) para produzir não uma câmara de tortura, mas um colossal filme cósmico, em que cenas e atores se apresentariam por algum tempo, retornando por fim à Bem-aventurança do Espírito.

À luz dessa compreensão, independente das circunstâncias neste mundo de relatividade, sentimos a conexão com o Espírito Universal e apreendemos a imensa Inteligência do Absoluto operando em todas as relatividades da Natureza. Todo aquele que crê e se concentra nessa Inteligência – o Cristo – e não em Seu resultado – a criação exterior – alcança a redenção.

É uma incoerência pensar que Deus condene como pecadores aqueles que não creem. Uma vez que o Próprio Senhor habita em todas as criaturas, a condenação significaria Sua própria e completa ruína. Deus jamais pune o homem por não acreditar Nele; é o homem que pune a si próprio. Se alguém não acredita no dínamo e corta os fios que conectam sua casa àquela fonte, ele se priva das vantagens da energia elétrica. Da mesma forma, rejeitar a Inteligência que é onipresente em toda a criação significa negar à consciência o seu vínculo com a Fonte de sabedoria divina e amor que possibilita o processo de ascensão ao Espírito.

O reconhecimento da imanência de Deus pode ter início de forma muito simples, com a expansão do amor em um círculo cada vez mais amplo. O homem se condena à limitação sempre que pensa apenas em seu pequeno eu, sua família, sua nação. Intrínseco à evolução da natureza e do homem de volta para Deus está o processo de expansão. O exclusivismo da consciência de família – “nós quatro e ninguém mais” – é errado. Excluir a família mais vasta da humanidade significa excluir o Cristo Infinito. Aquele que se desvincula da felicidade e do bem-estar dos outros já se condenou ao isolar-se do Espírito que permeia todas as almas, pois quem não se expande em amor e serviço ao Deus presente nos outros desconsidera o poder redentor da conexão com a universalidade de Cristo. Todo ser humano recebeu o poder de fazer o bem; se ele deixa de utilizar tal atributo, seu nível de evolução espiritual não é muito superior ao egoísmo instintivo do animal.

Dogma e política: como se perdeu o verdadeiro significado de “o Filho unigênito”

Assim como “o Verbo” (ver capítulo 3), o “Filho unigênito” veio somente a designar a pessoa de Jesus por meio de uma evolução gradual da doutrina, resultante de complexas influências teológicas e políticas. Para um histórico detalhado, ver, por exemplo, *When Jesus Became God: The Struggle to Define Christianity During the Last Days of Rome*, de Richard E. Rubenstein (Nova York: Harcourt, 1999).

Os escritos de muitos cristãos gnósticos dos dois primeiros séculos, incluindo Basílides, Teódoto, Valentino e Ptolomeu, expressam de maneira similar uma compreensão do “Filho unigênito” como um princípio cósmico na criação – o divino *Nous* (palavra grega para inteligência, mente ou pensamento) – e não a pessoa de Jesus.

Clemente de Alexandria, um dos célebres “Pais da Igreja”, cita, como referência a partir dos escritos de Teódoto, que “o Filho unigênito é *Nous*” (*Excerpta ex Theodoto* 6:3). Em *Gnosis: A Selection of Gnostic Texts* (Oxford. Inglaterra: Clarendon Press, 1972), o estudioso alemão

Werner Foerster cita Irineu: “Basílides apresenta *Nous* originando-se, no princípio, do Pai sem origem”. Valentino, professor muito respeitado pela congregação cristã de Roma em torno de 140 d.C., tinha pontos de vista semelhantes, de acordo com Foerster, acreditando que, “no prólogo do Evangelho de João, o ‘Unigênito’ toma o lugar de *Nous*”.

No Concílio de Niceia (325 d.C.), entretanto, e no posterior Concílio de Constantinopla (381 d.C.), a Igreja proclamou como doutrina oficial que o próprio Jesus era, nas palavras do Credo Niceno, “o Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos; Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não feito; *homoousios* (‘consustancial’) com o Pai”. “Depois do Concílio de Constantinopla”, escreve Timothy D. Barnes em *Athanasius and Constantius: Theology and Politics in the Constantinian Empire* (Harvard University Press, 1993), “o imperador sacramentou suas decisões em leis e sujeitou a penalidades legais os cristãos que não aceitassem o credo de Niceia e seu lema *homoousios*. Conforme reconhecido já há muito tempo, esses acontecimentos marcaram uma transição entre duas épocas distintas na história da Igreja Cristã e do Império Romano.”

A partir de então, explica Richard E. Rubenstein em *When Jesus Became God*, o ensinamento oficial da Igreja passou a ser que a não aceitação de Jesus como Deus significava a rejeição do próprio Deus. Ao longo dos séculos, esse ponto de vista trouxe enormes – e frequentemente trágicas – implicações no relacionamento dos cristãos com os judeus (e, mais tarde, com os muçulmanos que consideravam Jesus como um profeta divino, mas não como parte da própria Divindade) e também com os povos não cristãos de terras posteriormente conquistadas e colonizadas pelas nações europeias. *(Nota da Editora)*

O amor puro nos corações humanos irradia o amor universal de Cristo. Expandir continuamente o círculo do amor significa sintonizar a consciência humana com o Filho unigênito. O amor aos membros da família é o primeiro passo para a expansão do amor que sentimos por nós

mesmos, de modo a incluir os que nos são próximos; amar todos os seres humanos, de qualquer raça ou nacionalidade, significa conhecer o amor de Cristo.

Deus, como o Cristo Onipresente, é o único responsável por todas as expressões de vida. O Senhor está pintando o glorioso cenário dos céus e das nuvens sempre cambiantes. Ele está criando altares de Sua fragrante beleza nas flores. Em tudo e em todos – amigos e inimigos, montanhas, florestas, oceano, ar, a abóbada galáctica a girar encobrindo a todos –, o devoto de Cristo percebe a luz única de Deus, em que se fundem todos os matizes. Ele descobre que as miríades de expressões dessa Luz única, que frequentemente parecem caóticas em conflitos e contradições, foram criadas pela inteligência de Deus, não para iludir ou afligir os seres humanos, mas para persuadi-los a buscar o Infinito de onde emergiram. Aquele que contempla o todo – e não partes dele – discerne o propósito da criação: todos nós, sem exceção, nos movemos inexoravelmente rumo à salvação universal. Todos os rios dirigem-se para o oceano; os rios de nossa vida dirigem-se para Deus.

As ondas na superfície do oceano modificam-se continuamente ao brincar com as forças naturais dos ventos e das marés, mas sua essência oceânica permanece constante. Quem se concentra em uma onda isolada de vida terá de sofrer, pois essa onda é instável e não perdurará. Isso é o que Jesus quis dizer com “condenado”: o homem que é um prisioneiro do corpo cria sua própria condenação ao isolar-se de Deus. A fim de ser salvo, ele precisa restabelecer a percepção de sua inseparável unidade com a Imanência Divina.

Ao despertar, comer, trabalhar, sonhar, dormir,
Servir, meditar, cantar, amar divinamente,
Minha alma sussurra o tempo todo, sem que ninguém ouça:
Deus! Deus! Deus!²

Dessa forma, ele sempre permanece consciente de sua conexão com a imutável Inteligência Divina – o Bem Absoluto subjacente aos desafiadores enigmas da criação.

“Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado.” Esta passagem também realça o papel da “crença” na condenação ou não condenação do homem. As pessoas que não compreendem a imanência do Absoluto no mundo relativo tendem a tornar-

se céticas ou, então, dogmáticas, pois em ambos os casos a religião torna-se uma questão de crenças cegas. Incapaz de conciliar a ideia de um Deus bom com as aparentes crueldades da criação, o cético rejeita a crença religiosa de forma tão obstinada quanto o dogmático se apegar a ela.

As verdades ensinadas por Jesus estavam muito além da crença cega, que aumenta e diminui sob a influência de pronunciamentos paradoxais de clérigos e céticos. A crença é um estágio inicial do progresso espiritual, necessário para admitir o conceito de Deus. Mas tal conceito tem de ser transformado em convicção, em experiência. A crença é o precursor da convicção; é preciso acreditar em algo a fim de se proceder a uma investigação imparcial. Se, porém, alguém se satisfaz apenas com a crença, esta se converte em dogma – estreiteza mental, um impedimento para a verdade e o progresso espiritual. O necessário é cultivar, no solo da crença, a safra da experiência direta e do contato com Deus. Tal conhecimento incontestável – e não a mera crença – é o que nos salva.

Se alguém me diz: “Creio em Deus”, eu lhe pergunto: “Por que você crê? Como sabe que Deus existe?” Se a resposta é baseada em suposição ou conhecimento indireto, eu lhe digo que ele não crê realmente. Para manter uma convicção, é preciso ter premissas que a sustentem; de outra forma, trata-se apenas de um dogma – uma presa fácil para o ceticismo.

Se eu apontasse para um piano e afirmasse que ele é um elefante, a razão de uma pessoa inteligente se revoltaria contra tal absurdo. Da mesma maneira, quando dogmas acerca de Deus são propagados sem a validação da experiência ou percepção direta, mais cedo ou mais tarde, quando forem submetidos ao teste de uma experiência contrária, a razão questionará com especulações a verdade acerca de tais ideias. Quando os raios abrasadores do sol da investigação analítica se tornam cada vez mais ardentes, as frágeis crenças insubstanciais murcham e secam, originando um ermo de dúvida, agnosticismo ou ateísmo.

Transcendendo a mera filosofia, a meditação científica sintoniza a consciência com a mais elevada e poderosa verdade; a cada passo, o devoto progride para a autêntica percepção, evitando desorientantes divagações. Perseverar nos esforços para constatar e experimentar as crenças por meio da percepção intuitiva, que pode ser alcançada pelos métodos da *yoga*, significa construir uma vida espiritual genuína, à prova de qualquer dúvida.

A crença é uma força poderosa quando leva ao desejo e à determinação

de alcançar a experiência de Cristo. É a isso que Jesus se referiu quando exortou as pessoas a crerem “no nome do Unigênito Filho de Deus”: por meio da meditação, retirem a consciência e a energia vital dos sentidos e da matéria a fim de intuïrem o *Om*, o Verbo ou a Energia Cósmica Vibratória onipresente, que é o “nome” ou a manifestação ativa da Consciência Crística imanente. Mesmo que alguém afirme incessantemente uma crença intelectual em Jesus Cristo, se ele jamais alcança a autêntica experiência do Cristo Cósmico – tanto onipresente quanto personificado em Jesus –, sua crença é desprovida de um caráter espiritualmente prático que seja suficiente para salvá-lo.

Ninguém pode ser salvo apenas pela repetição do nome do Senhor, ou louvando-O em crescendos de aleluias. Não é pela crença cega no nome de Jesus, nem pela adoração de sua personalidade, que se pode receber o poder libertador de seus ensinamentos. A verdadeira adoração de Cristo é a comunhão divina da percepção crística no templo sem paredes da consciência expandida.

Deus não refletiria Seu “Filho unigênito” no mundo para que atuasse como um detetive implacável, capturando descrentes para puni-los. A Inteligência Crística redentora que habita o âmago de todas as almas – tenham elas, em sua forma física, acumulado pecados ou virtudes – aguarda com infinita paciência, até que cada uma desperte, no estado meditativo, do sono narcotizante da ilusão, para receber a graça da salvação. Aquele que crê nessa Inteligência Crística – e que cultiva, com ações espirituais, o desejo de buscar a salvação ascendendo a esse reflexo da consciência de Deus – não tem mais que vagar cegamente ao longo do ilusório caminho do erro. Com passos precisos, ele se move seguramente para a Infinita Graça redentora. Mas o descrente, que despreza o conceito desse Salvador, que é o único caminho de salvação, condena-se à ignorância própria das limitações do corpo e às suas consequências, até que desperte espiritualmente.



“E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus” (João 3:19-21).

A luz onipresente de Deus, impregnada da Inteligência Crística

universal, emana silenciosamente amor divino e sabedoria para guiar todas as criaturas de volta à Consciência Infinita. A alma, sendo um microcosmo do Espírito, é uma luz sempre presente no homem para orientá-lo por meio da inteligência discernidora e da voz intuitiva da consciência; mas a racionalização de ávidos caprichos e hábitos frequentemente se recusa a segui-la. Tentado pelo Satã da ilusão cósmica, o homem prefere ações que obstruem a luz da judiciosa orientação interna.

A origem do pecado – e do resultante sofrimento físico, mental e espiritual – jaz, portanto, no fato de que a divina inteligência e o discernimento da alma são subjugados pelo mau uso que o homem faz de seu livre-arbítrio concedido por Deus. Embora pessoas sem compreensão atribuam a Deus suas próprias tendências vingativas, a “condenação” de que fala Jesus não é uma punição imposta por um Criador tirânico, mas uma consequência que o próprio homem se impõe por meio de suas ações, de acordo com a lei de causa e efeito (*karma*) e a lei do hábito.

Sucumbindo a desejos que mantêm sua consciência concentrada e confinada no mundo material – as “trevas” ou porção grosseira da criação cósmica, na qual a Presença Divina iluminadora é intensamente obscurecida pelas sombras da ilusão de *maya* –, as almas envolvidas pela escuridão da ignorância, humanamente identificadas com egos mortais, entregam-se repetidas vezes a suas formas errôneas de vida, que se tornam então firmemente entrincheiradas no cérebro como maus hábitos de comportamento mortal.

Quando disse que os homens preferem as trevas à luz, Jesus se referia ao fato de que os hábitos materiais mantêm milhões de pessoas distantes de Deus. Ele não quis dizer que todos os homens amam as trevas – somente aqueles que não fazem qualquer esforço para resistir às tentações de Satã, tomando em vez disso o caminho fácil que os leva encosta abaixo na montanha dos maus hábitos, tornando-se assim acostumados às trevas da consciência mundana. Ao fecharem as portas à voz da Consciência Crística que sussurra em sua consciência individual, eles se afastam da experiência de alegria, infinitamente mais tentadora, que se alcança por meio de bons hábitos estimulados pela luz orientadora da sabedoria em suas almas.

O olho “único” ou espiritual

“A lâmpada do corpo é o olho; de sorte que, se o teu olho for único, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, o teu olho for mau, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a própria luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!” (Mateus 6:22-23).[†](#)

A luz reveladora de Deus, no corpo, é o olho único no centro da fronte, percebido em meditação profunda – a entrada para a presença de Deus. Quando o devoto é capaz de ver através desse olho espiritual, ele contempla todo o seu corpo como também seu corpo cósmico repletos da luz de Deus que emana da vibração cósmica.

Fixando a visão dos dois olhos no ponto entre as sobrancelhas, durante a concentração interiorizada da meditação, podem-se focalizar as energias ópticas positiva e negativa dos olhos direito e esquerdo, unificando suas correntes no olho único de luz divina. O homem ignorante, materialista, desconhece essa luz. Mas todo aquele que tenha praticado ainda que um pouco de meditação pode vê-la ocasionalmente. Quando o devoto é mais adiantado, ele vê essa luz à vontade, com olhos abertos ou fechados, à luz do dia ou na escuridão. O devoto altamente desenvolvido pode contemplar essa luz pelo tempo que deseje; e, quando sua consciência se torna capaz de penetrar essa luz, ele ingressa nos mais elevados estados de realização transcendente.

Quando, porém, o olhar e a mente de um indivíduo se afastam de Deus e se concentram em motivações más e ações materialistas, sua vida se torna repleta das trevas da ignorância ilusora, da indiferença espiritual e dos hábitos que geram sofrimento. A luz cósmica interior e a sabedoria permanecem ocultas. “Quão grandes [são as] trevas” do homem materialista que ele pouco ou nada sabe da realidade divina, aceitando – seja com satisfação, seja com ressentimento – tudo que a ilusão tenha a lhe oferecer ao longo do caminho. Viver em tal pantanosa ignorância não é uma vida apropriada para a consciência da alma que habita o corpo.

O homem espiritualizado – com corpo e mente iluminados em seu

interior pela luz astral e pela sabedoria, tendo eliminado as sombras das trevas físicas e mentais e alcançado a percepção do cosmos inteiro repleto da luz, sabedoria e alegria de Deus –, aquele em quem a luz da Autorrealização está plenamente manifesta, recebe indescritível alegria e permanente orientação da sabedoria divina.



Daí a ênfase de Jesus em que, por meio da luz do despertar espiritual, o hábito mortal de preferir as trevas ilusórias da materialidade pode ser banido da consciência humana. Com reiterados atos de força de vontade para meditar regular e profundamente, alcança-se o contato bem-aventurado com Deus, que confere suprema satisfação, e é possível trazer de volta à consciência essa alegria, a qualquer hora, em qualquer lugar.

Enquanto a pessoa permanecer intoxicada com maus pensamentos e costumes, sua mentalidade obscurecida odiará a luz da verdade. Entretanto, um ponto positivo acerca dos maus hábitos é que eles raramente cumprem suas promessas, revelando-se, por fim, inveterados mentirosos. É por isso que as almas não podem permanecer iludidas ou escravizadas para sempre. Embora pessoas de maus hábitos demonstrem inicialmente aversão ao pensamento de uma vida melhor, depois de terem seguido maus caminhos o suficiente e atingido o ponto de saciedade – sofrendo o bastante pelas consequências –, elas se voltam para a luz da sabedoria de Deus em busca de alívio, a despeito de quaisquer maus hábitos que estejam ainda entrincheirados e precisem ser vencidos. Ao viverem continuamente em harmonia com a Verdade, nessa luz vêm então a conhecer alegria e paz interior que resultam do autocontrole e dos bons hábitos.

“Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.” (...) Aquele que busca a Deus, tentando todos os dias modificar algo que não seja positivo em sua natureza, transcende gradualmente suas antigas tendências materialistas impostas pelos hábitos. Suas ações e sua própria vida são recriadas, “feitas em Deus”; ele, em verdade, nasce uma segunda vez. Aderindo ao bom hábito da meditação científica diária, percebe a luz da sabedoria de Cristo e é batizado nessa divina energia do Espírito Santo, que

efetivamente apaga os circuitos elétricos formados no cérebro pelos maus hábitos de pensamento e ação. Abre-se o seu olho espiritual de percepção intuitiva, conferindo-lhe não apenas orientação infalível no caminho da vida, mas também a visão do divino reino celestial e a entrada nesse reino de Deus – e, por fim, a unidade com Sua consciência onipresente.

¹ “O céu e a terra se desenrolarão diante de vós, e quem vive do Vivente não conhecerá a morte nem o temor” (Evangelho de Tomé, versículo 111). (*Nota da Editora*)

O Senhor Krishna, no *Bhagavad Gita* (II:40), assim fala a respeito da ciência da *yoga*: “Até mesmo uma pequena medida desta religião autêntica protege a pessoa de um grande temor (os colossais sofrimentos inerentes aos repetidos ciclos de nascimento e morte).”

² Do livro *Songs of the Soul* [“Canções da Alma”], de Paramahansa Yogananda (publicado pela *Self-Realization Fellowship*).

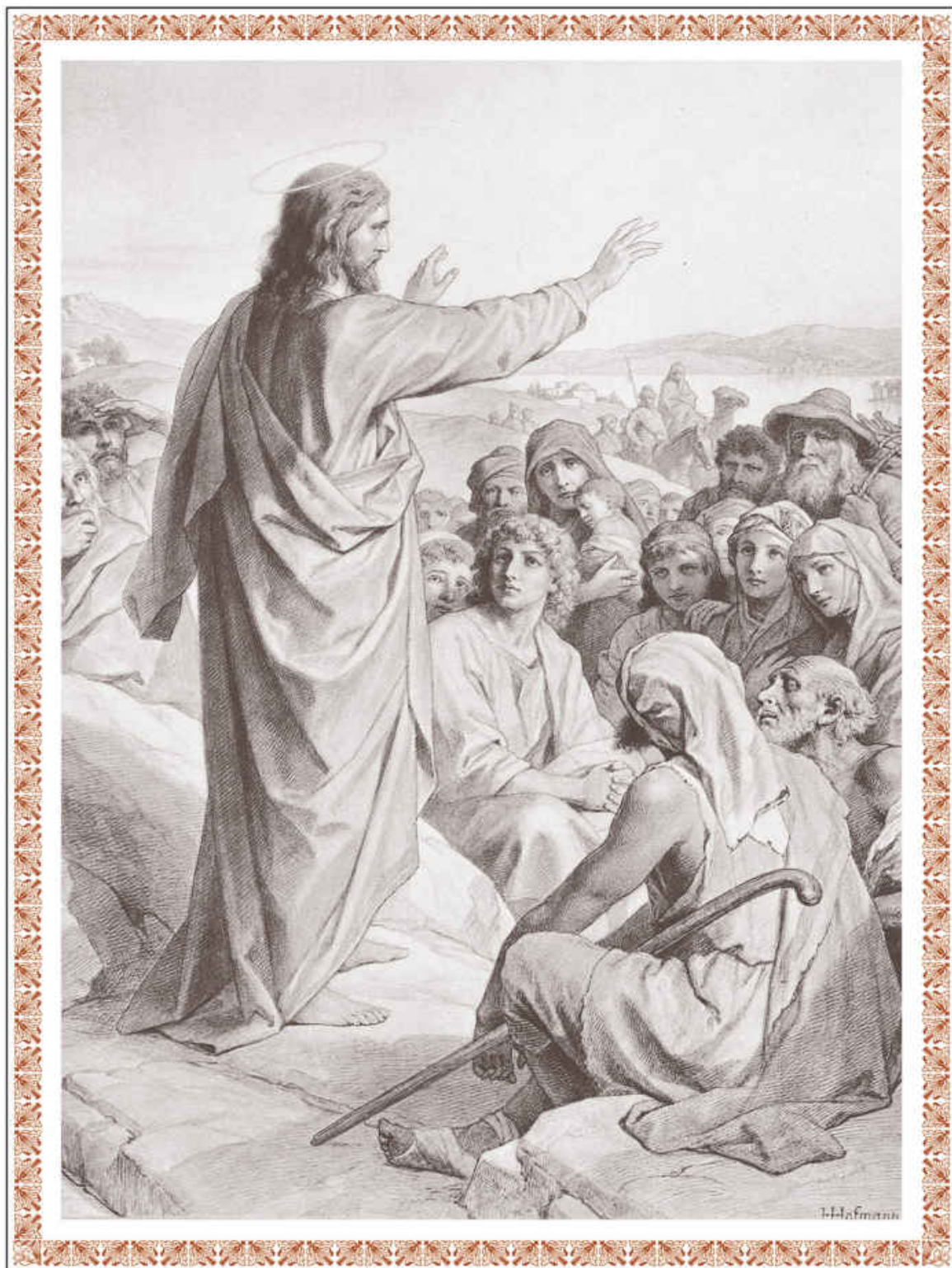


PARTE III



A YOGA DO AMOR DIVINO ENSINADA POR **JESUS**





O Sermão da Montanha

Ilustração de Heinrich Hoffmann

CAPÍTULO 7

AS BEM-AVENTURANÇAS

E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo: Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus (Mateus 5:2-3). ‡

Passagem paralela:

E, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus (Lucas 6:20).

Enquanto ensinava, Jesus fez com que suas sagradas vibrações e divina força vital emanassem através de sua voz e de seus olhos, difundindo-se sobre os discípulos, tornando-os tranquilamente sintonizados e magnetizados, capazes de receber a plena medida de sua sabedoria por meio da compreensão intuitiva.

Os versículos líricos de Jesus que iniciam com “Bem-aventurados vós...” ficaram conhecidos como “As Bem-aventuranças” ou “As Beatitudes”. Beatificar é tornar supremamente feliz; beatitude significa a felicidade, a bem-aventurança, do céu. Jesus aqui expõe com força e simplicidade uma doutrina de princípios morais e espirituais cujo eco jamais decresceu ao longo dos tempos – princípios por meio dos quais a vida do homem se torna abençoada, repleta de bem-aventurança celestial.

A palavra “pobres”, utilizada na primeira Bem-aventurança, significa estar destituído de qualquer refinamento superficial e exterior de riqueza espiritual. Aqueles que possuem verdadeira espiritualidade nunca a demonstram ostentadamente; em vez disso, expressam de forma inteiramente natural uma humilde pequenez do ego com seus vangloriosos adornos. Ser “pobre em espírito” é despojar o ser interior, o espírito, do desejo e do apego por objetos materiais, posses terrenas, amigos materialistas e o amor humano egoísta. Através dessa purificação de renúncia interior, a alma descobre que sempre possuiu todas as riquezas do Reino Eterno de Sabedoria e Bem-aventurança, e ali passa a habitar em constante comunhão com Deus e Seus santos.

A pobreza “em espírito” não implica necessariamente sermos indigentes, por receio de que a privação das necessidades básicas do corpo

desvie de Deus a nossa mente. Mas ela significa com certeza que não deveríamos sair em busca de aquisições materiais em vez de abundância espiritual. As pessoas que são materialmente ricas podem ser pobres em desenvolvimento espiritual interior se a riqueza lhes serve para saciar os sentidos vorazes; por outro lado, aqueles que são materialmente “pobres” por opção – que simplificaram as condições externas de sua vida a fim de ter tempo para Deus –, estes acumularão riquezas espirituais e realizações que ouro algum poderia jamais comprar.

Assim Jesus louvou aquelas almas que são pobres em espírito, totalmente desapegadas de riquezas e objetivos mundanos pessoais em consideração ao propósito de buscar Deus e servir os outros: “Bem-aventurados sois vós por vossa pobreza. Ela abrirá as portas para o reino do Deus que tudo possui, e que vos aliviará de toda privação material e espiritual por toda a eternidade. Bem-aventurados sois vós que, sofrendo privações, procurais pelo Único que vos aliviará para sempre de vossas carências.”

Quando o espírito do homem renuncia mentalmente ao desejo pelos objetos deste mundo, sabendo serem eles ilusórios, perecíveis, enganosos e impróprios para a alma, ele começa a encontrar verdadeira alegria na aquisição de qualidades espirituais que satisfazem permanentemente. Em uma vida de humilde simplicidade exterior e renúncia interior, imerso na sabedoria e beatitude celestiais da alma, o devoto recebe por fim a herança do perdido reino da bem-aventurança imortal.



“Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados” (Mateus 5:4).

Passagem paralela:

“Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir” (Lucas 6:21).

As agonias da tristeza sofridas pelas pessoas comuns derivam de lamentarem a perda do amor humano ou de posses materiais, ou resultam da frustração de esperanças mundanas. Jesus não estava louvando essa condição mental negativa que eclipsa a felicidade psicológica e que é totalmente nociva à preservação da bem-aventurança espiritual adquirida por meio de árduos esforços na meditação. Ele falava da divina melancolia resultante do despertar da consciência de que se está separado de Deus, o

que cria na alma um insaciável anseio por unir-se novamente ao Amado Eterno. Aqueles que em verdade choram por Deus, que clamam dolorosa e incessantemente por Ele com um fervor cada vez maior na meditação, encontrarão consolo na Sabedoria e Bem-aventurança reveladas por Deus.

Os filhos de Deus que são espiritualmente negligentes passam pelos penosos traumas da vida com ressentida resignação derrotista, em vez de buscarem efetivamente a Ajuda Divina. A adorável criança travessa que chora continuamente pelo conhecimento espiritual é a que atrai por fim a resposta da Mãe Divina. Ao filho persistente, a Mãe Misericordiosa vem com Seu consolo de sabedoria e amor, revelado por meio da intuição ou de um vislumbre de Sua Presença. Não há outra consolação capaz de aplacar instantaneamente essa privação de incontáveis encarnações.

Aqueles cuja tristeza espiritual se deixa abrandar por realizações materiais voltarão a lamentar-se quando tais frágeis seguranças lhes forem arrebatadas pelas compulsões da vida ou pela morte. Mas os que choram por Deus e pela Verdade, recusando-se a sossegar com qualquer outra dádiva menor, serão consolados para sempre nos braços da Divindade plena de Beatitude.

“Bem-aventurados vós que agora chorais pela realização divina, pois, com vosso anseio determinado, alcançareis êxito. Com a festividade da alegria sempre nova, encontrada na comunhão divina, havereis de rir e regozijar-vos por toda a eternidade!”



“Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra” (Mateus 5:5).

A humildade e a mansidão criam no homem uma receptividade ilimitada para conter a Verdade. Como diz o provérbio “pedra que rola não cria limo”, um indivíduo orgulhoso e irascível rola encosta abaixo a montanha da ignorância e não retém nenhum “limo” de sabedoria, enquanto as almas mansas, permanecendo em paz no vale da vívida boa vontade mental, acumulam as águas da sabedoria que flui de fontes humanas e divinas, para nutrir seu florescente vale de qualidades espirituais.

O arrogante egotista irrita-se com facilidade, mantém-se na defensiva e é ressentidamente agressivo, rejeitando os emissários da sabedoria que tentam entrar no castelo de sua vida; mas os que são mansos e

humildemente receptivos atraem o invisível auxílio dos anjos benéficos das forças cósmicas, que lhes concedem bem-estar material, mental e espiritual. Assim, os mansos de espírito realmente herdam não apenas toda a sabedoria, mas, juntamente com ela, também a terra – isto é, a felicidade terrena.



“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos” (Mateus 5:6).

Passagem paralela:

“Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos” (Lucas 6:21).

As palavras “sede” e “fome” estabelecem uma metáfora apropriada para a busca espiritual do homem. Primeiro, precisamos ter sede pelo conhecimento teórico de como alcançar a salvação. Depois de saciada essa sede ao aprendermos a técnica prática para efetivamente entrar em contato com Deus, podemos então satisfazer a fome interior da Verdade, banquetecendo-nos diariamente do divino maná da percepção espiritual resultante da meditação.

Aqueles que buscam satisfação em coisas materiais descobrem que a sede de seus desejos nunca é mitigada, nem pode sua fome ser jamais saciada com a aquisição de posses. O anseio, presente em cada ser humano, de preencher um vazio interior é o desejo da alma por Deus. Esse desejo somente pode ser apaziguado ao se experimentar a própria imortalidade e o estado imperecível de divindade em união com Deus. Quando a pessoa tolamente tenta saciar a sede de sua alma com as falsificações da satisfação sensorial, ela anda às cegas de um a outro prazer evanescente, rejeitando por fim a todos como inadequados.

Os prazeres sensoriais pertencem ao corpo e à mente inferior; eles não oferecem nenhum sustento ao ser mais íntimo do homem. A inanição espiritual de que sofrem todos os que subsistem das ofertas dos sentidos pode ser aliviada somente por meio da justiça – as ações, as atitudes e os atributos que são legítimos para a alma: a virtude, o comportamento espiritual, a bem-aventurança, a imortalidade.

Justiça significa agir corretamente nos setores físico, mental e espiritual da vida. As pessoas que sentem grande sede e fome pelo cumprimento dos supremos deveres da existência recebem a bem-aventurança sempre nova

de Deus: “Bem-aventurados vós que tendes sede de sabedoria, e que considerais a virtude e a justiça como o verdadeiro alimento capaz de satisfazer vossa fome interior, pois tereis essa perene felicidade que advém somente quando seguimos os ideais divinos – o incomparável contentamento do coração e da alma.”



“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia” (Mateus 5:7).

A misericórdia é uma espécie de angústia paternal diante das imperfeições de um filho que incidiu no erro. É uma qualidade intrínseca da Natureza Divina. A história da vida de Jesus está repleta de relatos de uma misericórdia divinamente manifestada em suas ações e personalidade. Nos sublimes filhos de Deus que alcançaram a perfeição, vemos revelado o oculto Pai transcendente assim como Ele é. O Deus de Moisés é descrito como um Deus de ira (embora eu não acredite que Moisés, que falava com Deus “face a face como um homem fala a seu amigo”, tenha alguma vez considerado Deus como o tirano vingativo retratado no Antigo Testamento). Mas o Deus de Jesus era tão bondoso! Foi essa bondade e misericórdia do Pai que Jesus expressou quando, em vez de condenar e destruir seus inimigos que o crucificavam, pediu ao Pai que os perdoasse, “porque não sabem o que fazem”.

Com o paciente coração de Deus, Jesus considerava a humanidade como pequenas crianças sem compreensão. Se uma pequenina criança apanhasse uma faca para atacá-lo, você não desejaria matá-la em retaliação. Ela não sabe o que faz. Quando consideramos a humanidade assim como um bondoso pai vela por seus filhos e está disposto a sofrer por eles, para que possam receber algo da luz e do poder de seu espírito, então nos tornamos semelhantes a Cristo: Deus em ação.

Somente os sábios podem ser realmente misericordiosos, pois, com divino discernimento, percebem até mesmo os malfeitores como almas – filhos de Deus que merecem compaixão, clemência, ajuda e orientação quando se desviam do caminho. A misericórdia abrange a capacidade de ser útil; somente almas qualificadas ou evoluídas são capazes de ser úteis de uma forma prática e misericordiosa. A misericórdia se expressa de forma útil quando a angústia paternal abrande a severidade do julgamento rigoroso

e oferece não apenas perdão, mas genuíno auxílio espiritual para eliminar o erro em um indivíduo.

Os que são moralmente fracos mas desejam ser bons, o pecador (aquele que contraria sua própria felicidade desprezando as leis divinas), os que sofrem de senilidade física, deterioração mental e ignorância espiritual – todos necessitam do amparo misericordioso de almas cujo desenvolvimento interior as qualifica para oferecer compreensiva ajuda. As palavras de Jesus estimulam o devoto: “A fim de receberdes a misericórdia divina, sede misericordiosos para convosco, tornando-vos espiritualmente qualificados; e sede misericordiosos também para com os outros filhos de Deus que se encontram na ilusão. As pessoas que de todas as formas estão sempre progredindo e que compassivamente reconhecem e suavizam a carência de um desenvolvimento integral nos demais irão certamente enternecer o coração de Deus, obtendo para si próprias Sua misericórdia infinita e incomparavelmente benévola.”



“Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus” (Mateus 5:8).

A suprema experiência religiosa é a percepção direta de Deus, para a qual é necessário tornar puro o coração. Nisso concordam todas as escrituras. O *Bhagavad Gita* – escritura imortal da Índia a respeito da *Yoga*, a ciência da religião e da união com Deus – fala da bem-aventurança e da percepção divina daquele que alcançou essa purificação interior:

O iogue que, de maneira completa, tranquilizou a mente e controlou as paixões, livrando-as de toda a impureza, e que se unificou com o Espírito, ele verdadeiramente alcançou a suprema beatitude.

Com a alma unida ao Espírito pela yoga, tendo uma visão de igualdade para com todas as coisas, o iogue contempla seu Eu (unido ao Espírito) em todas as criaturas, e todas as criaturas no Espírito.

Aquele que Me percebe em toda parte e contempla todas as coisas em Mim nunca Me perde de vista, nem Eu jamais o perco de vista. (Bhagavad Gita VI:27, 29-30)

Desde um passado distante, os *rishis* da Índia investigaram o próprio cerne da verdade e descreveram sua relevância prática para o homem. Patânjali, renomado sábio da ciência iogue, inicia seu *Yoga Sutrás* declarando: *Yoga chitta vritti nirodha* – “A *yoga* (união científica com Deus) é a neutralização das modificações de *chitta* (o ‘coração’ interno ou

poder do sentimento; termo abrangente para o composto de substância mental que produz a consciência inteligente).” Tanto a razão quanto o sentimento derivam dessa faculdade interior da consciência inteligente.

Meu venerado guru, Swami Sri Yukteswar, um dos primeiros, nos tempos modernos, a revelar a unidade entre os ensinamentos de Cristo e o *Sanatana Dharma* da Índia, descreveu com profundidade como a evolução espiritual do homem consiste em purificar o coração. Do estado em que a consciência se encontra completamente iludida por *maya* (o “coração obscurecido”), o homem progride ao longo dos estados sucessivos de coração motivado, coração firme, coração devoto, e por fim atinge o coração puro, quando – escreve Sri Yukteswar – ele “se torna capaz de compreender a Luz Espiritual, Brahma [o Espírito], a Substância Real no universo”.¹

Deus é percebido com a visão da alma. Em seu estado natural, toda alma é onisciente, contemplando diretamente a Deus ou a Verdade por meio da intuição. Tanto a razão pura quanto o sentimento puro são intuitivos; quando, porém, a razão é restringida pela intelectualidade da mente limitada aos sentidos, e o sentimento degenera em emoção egoísta, esses instrumentos da alma produzem percepções distorcidas.

O restabelecimento da perdida clareza da visão divina é o significado dessa Bem-aventurança. A beatitude conhecida por aquele que tem perfeita pureza de coração é a mesma a que se refere o Evangelho de São João: “Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”. A todo devoto que recebe e reflete a onipresente Luz Divina, ou a Consciência Crística, através da transparência purificada do coração e da mente, Deus confere o poder para reivindicar a bem-aventurança da filiação divina, assim como fez Jesus.

A transparência à Verdade é cultivada quando libertamos a consciência, o sentimento do coração e a razão da mente, das influências dualísticas de atração e aversão. A Realidade não pode refletir-se perfeitamente em uma consciência agitada pelo gostar e não gostar, com suas inquietas paixões e desejos e as emoções perturbadoras daí resultantes – ira, ciúme, ganância, suscetibilidade temperamental. Todavia, quando *chitta* – conhecimento e sentimento humano – se tranquiliza por meio da meditação, o ego comumente agitado dá lugar à abençoada tranquilidade da percepção espiritual.

A pureza do intelecto nos concede o poder do raciocínio correto, mas a pureza do coração nos confere o contato com Deus. A intelectualidade é um atributo do poder da razão, e a sabedoria é uma qualidade libertadora da alma. Quando a razão é purificada por meio de um tranquilo discernimento, ela se transforma em sabedoria. A pura sabedoria e a divina compreensão de um coração puro são os dois aspectos de uma mesma faculdade. De fato, a pureza de coração, ou sentimento, referida por Jesus, depende de serem todas as ações guiadas pela sabedoria discernidora – o comportamento e as atitudes humanas ajustados pelas sagradas qualidades da alma: amor, misericórdia, serviço, autocontrole, autodisciplina, consciência e intuição. A visão pura da sabedoria deve ser combinada com o sentimento imaculado do coração. A sabedoria revela o caminho correto, e o coração purificado deseja e preza trilhar tal caminho. Todas as qualidades da alma reveladas pela sabedoria precisam ser seguidas de todo o coração (não apenas teórica ou intelectualmente).

A visão obstruída do homem comum percebe a aparência externa grosseira da matéria, mas é cega para o Espírito que tudo permeia. Pela perfeita harmonia entre o puro discernimento e o puro sentimento, abre-se o olho penetrante da intuição que tudo revela, e o devoto alcança a autêntica percepção de Deus como presente em sua própria alma e onipresente em todas as criaturas – o Morador Divino cuja natureza consiste em uma harmoniosa combinação de infinita sabedoria e infinito amor.



“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5:9).

Os verdadeiros pacificadores são os que geram a paz em sua prática devocional da meditação diária. A paz é a primeira manifestação da resposta de Deus na meditação. Aqueles que conhecem Deus como Paz no templo interior do silêncio e que lá reverenciam esse Deus de Paz são, por meio desse relacionamento de comunhão divina, Seus verdadeiros filhos.

Tendo sentido a natureza de Deus como paz interior, os devotos desejam que o Deus de Paz esteja sempre manifesto em seus lares, em sua comunidade, sua nação, entre todas as nacionalidades e raças. Todo aquele que leva paz a uma família desarmonizada ali estabelece Deus. Todo aquele que remove os desentendimentos entre almas unifica-as na paz de Deus.

Todo aquele que, abandonando a ambição e o egoísmo nacionais, trabalha para criar paz entre nações em conflito estabelece Deus no coração dessas nações. Aqueles que promovem e favorecem a paz manifestam o amor unificador de Cristo, que reconhece cada alma como um filho de Deus.

A consciência de “filho de Deus” nos faz sentir amor por todas as criaturas. Aqueles que são verdadeiros filhos de Deus não podem sentir nenhuma diferença entre um indiano, um americano, qualquer nacionalidade ou raça. Por um curto período, as almas imortais vestem corpos brancos, negros, morenos, vermelhos ou azeitonados. São os indivíduos considerados diversamente como estranhos quando trajam roupas de diferentes cores? Seja qual for a nacionalidade ou a cor de seus corpos, todos os filhos de Deus são almas. O Pai não reconhece nenhuma denominação criada pelo homem; Ele ama a todos, e Seus filhos devem aprender a viver nessa mesma consciência. Quando o homem restringe sua identidade à sua humana natureza étnica, isso dá origem a infortúnios intermináveis e ao fantasma da guerra.

Os seres humanos receberam, potencialmente, poder ilimitado como prova de que são realmente os filhos de Deus. Em tecnologias como a da bomba atômica percebemos que, se o homem não utilizar corretamente seus poderes, ele se destruirá. O Senhor poderia incinerar esta Terra em um segundo se perdesse a paciência com Seus filhos transgressores, mas Ele não o faz. Assim como Ele jamais utilizaria mal Sua onipotência, assim também nós, sendo feitos à Sua imagem, precisamos comportar-nos como deuses e conquistar corações com o poder do amor, ou a humanidade como a conhecemos certamente perecerá. O poder do homem para promover a guerra está crescendo; assim precisa também crescer sua habilidade de promover a paz. A melhor forma de impedir a ameaça da guerra é a fraternidade – a percepção de que, como filhos de Deus, somos todos uma só família.

Todo aquele que incite a discórdia entre nações irmãs, à guisa de patriotismo, é um traidor de sua divina família – um filho desleal de Deus. Todo aquele que mantenha membros de uma família, vizinhos ou amigos em luta, promovendo calúnias e maledicência, ou que de alguma forma cause tumultos, é um profanador do templo divino da harmonia.

Cristo e os grandes mestres nos deram a receita para a paz – tanto interior quanto entre indivíduos e nações. Por muito tempo já viveu o

homem nas trevas da incompreensão e na ignorância desses ideais! O verdadeiro método crístico de viver pode banir os conflitos humanos e o horror da guerra, trazendo paz e compreensão ao mundo; todos os preconceitos e hostilidades precisam desaparecer. Esse é o desafio colocado diante daqueles que pretendam ser pacificadores de Deus.



“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5:10).

A bem-aventurança de Deus visitará as almas que suportam com equanimidade, por fazerem o que é correto, a tortura da crítica injusta dos falsos amigos, e também dos inimigos, e que permanecem livres da influência dos maus costumes ou hábitos prejudiciais da sociedade. Um devoto íntegro não se curvará diante da pressão social para que beba, somente por estar numa reunião em que são servidos coquetéis, mesmo quando os demais zombem dele por não compartilhar de seu gosto. A retidão moral traz a zombaria de curto prazo mas o regozijo a longo prazo, pois a persistência no autocontrole produz bem-aventurança e perfeição. Um eterno reino de alegria celestial, a ser desfrutado nesta vida e além dela, é o que recebem aqueles que vivem e morrem conduzindo-se de acordo com o que é justo.

Pessoas mundanas que preferem as indulgências sensoriais ao contato com Deus são os verdadeiros tolos, porque ao ignorarem o que é correto – e portanto bom para elas – têm de colher as consequências. O devoto íntegro procura aquilo que é benéfico para ele no mais elevado sentido. Aquele que abandona os costumes levianos do mundo e suporta de bom grado o menosprezo que os amigos sem visão expressam por seu idealismo demonstra que está apto para a infindável bem-aventurança de Deus.

O versículo acima também oferece encorajamento àqueles que são perseguidos e torturados por tentações sensoriais e maus hábitos quando decidem aderir a princípios morais e práticas espirituais. Eles são, na verdade, virtuosos, seguindo o caminho correto do autocontrole e da meditação, que a seu tempo sobrepujará as tentações, conquistando para o vitorioso o reino da eterna alegria.

Não importa quão poderosas sejam as tentações, ou quão fortes os maus hábitos, é possível resistir a eles com o poder do autocontrole guiado pela

sabedoria e mantendo a convicção de que, seja qual for o prazer prometido pela tentação, ela sempre acabará por trazer-nos sofrimento. As pessoas sem determinação tornam-se inevitavelmente hipócritas, justificando seu mau comportamento enquanto sucumbem às armadilhas da tentação. O mel de Deus, embora encerrado em mistério, é o que a alma verdadeiramente anseia. Aqueles que meditam com firme paciência e perseverança rompem o selo do mistério e sorvem profusamente o néctar celestial da imortalidade.

O céu é aquele estado de alegria transcendental e onipresente em que tristeza alguma jamais ousa penetrar. Pela constante retidão, o devoto alcançará por fim essa divina bem-aventurança da qual não há queda possível. Devotos hesitantes, não estabelecidos na meditação, podem cair desse estado de suprema felicidade; mas os que são resolutos obtêm permanentemente essa beatitude. O reino da Consciência Cósmica pertence ao Rei da Bem-aventurança Celestial e às almas elevadas que Nele imergem. Daí se dizer dos devotos que unem seu ego a Deus, tornando-se unos com o Rei do Universo: “Deles é o reino dos céus”.



“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.

“Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mateus 5:11-12).

Passagem paralela:

“Bem-aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem, e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem.

“Folgai nesse dia, e exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas” (Lucas 6:22-23).

Os versículos precedentes não exigem que alguém recrute um bando de injuriadores a fim de tornar-se apto para o reino dos céus. Apesar dos melhores esforços para promover o bem em nós mesmos e no mundo, as críticas mordazes dos perseguidores jamais estarão ausentes, como bem sabia Jesus. A natureza mesquinha do ego faz o homem indisciplinado sentir-se desconfortável e com uma disposição maldosa para com aqueles que moral ou espiritualmente diferem dele. As instigações da ilusão satânica que promove dissensão mantêm os críticos automeados sempre procurando minuciosamente razões para difamar os outros. Jesus encorajou

seus seguidores a não ficar desanimados ou intimidados se, ao tentar viver espiritualmente, descobrirem que as pessoas com mente materialista não os compreendem. Aqueles que puderem passar de bom grado pelo teste do escárnio, sem submeter-se aos maus costumes para “enquadrar-se”, conquistarão a felicidade que resulta da adesão aos hábitos virtuosos que acarretam a bem-aventurança.

Não deveríamos considerar uma grande perda quando os que nos odeiam, injuriam e difamam nos “separarem” de sua companhia. Na verdade, as pessoas assim banidas são abençoadas, já que, por meio de tal exclusão, suas almas são mantidas à distância das más influências de pessoas sem compreensão e de mau comportamento.

Aqueles que são espiritualmente dedicados nunca deveriam desanimar, não importa o quanto as pessoas falem mal a seu respeito e difamem seu bom nome, acusando-os de mau procedimento. Abençoados os que têm seu nome denigrado por não cooperarem com os expedientes do mundo e do mal, pois terão seus nomes gravados no silencioso coração apreciativo de Deus.

O *Bhagavad Gita* (XII:18-19) expressa similarmente o apreço do Senhor por tais devotos: “Aquele que é igualmente sereno diante de amigos e adversários, em face da adoração e da ofensa e diante das experiências de calor e frio, prazer e sofrimento; que renunciou ao apego e considera iguais a censura e o elogio; que é calmo e se contenta com facilidade, não é apegado à vida doméstica e tem disposição tranquila e devocional, esse Me é querido.”

Precisamos seguir o que sabemos ser o correto, apesar das críticas. Cada um deve analisar-se honestamente, sem propensões egotistas; e quando está certo, deve ater-se às suas ações corretas que conferem alegria, sem deixar-se influenciar por louvor ou censura. Mas se estiver errado, deve ficar satisfeito com a oportunidade de corrigir-se, removendo assim mais um obstáculo à felicidade duradoura. Mesmo a crítica injusta tornará o discípulo mais puro do que nunca, entusiasmando-o ainda mais a seguir os caminhos da paz interior em vez de ceder às tentações incitadas por más companhias.

É na companhia de Deus que permanecemos abençoados. É preciso encontrar tempo para Ele na paz da meditação. Por que desperdiçar todas as horas de lazer frequentando o cinema, assistindo à televisão, ou em outros

passatempos inúteis? Ao cultivar hábitos divinos e aderir a eles, o devoto encontra verdadeiro estímulo para regozijar-se em seu contentamento interior, na certeza de que herdará por fim o reino da eterna realização.

O devoto que é censurado por manter-se fiel a padrões espirituais não deveria gabar-se de que ser perseguido por causa de Deus indica que está prestando a Ele algum grande favor. Ser perseguido “por minha causa” ou “por causa do Filho do homem” significa ser criticado por aderir às práticas que o devoto assumiu a comando de seu guru semelhante a Cristo com o objetivo de adquirir sintonia com Deus.

Jesus falou a seus discípulos e seguidores, na qualidade de seu guru enviado por Deus, ou salvador: “Bem-aventurados sois vós quando, ao seguides o Filho do homem (o guru-preceptor crístico, o representante de Deus), fordes criticados e menosprezados por preferirdes vos conduzir à luz da sabedoria divina do mestre, em vez de tropeçardes, juntamente com as multidões, ao longo dos caminhos mundanos de trevas e ignorância.”

Ser odiado, banido, condenado ou excluído não constitui, por si só, motivo de bênção para os que são moral ou espiritualmente degenerados; quando, porém, apesar de perseguições, o devoto mantém-se fiel à verdade manifestada na vida e nos ensinamentos de um guru semelhante a Cristo, então alcançará a liberdade na eterna bem-aventurança. “Regozijai-vos nesse dia e senti as sagradas vibrações inspiradoras da alegria sempre nova; pois, eis que os que prosseguem com árduo esforço, que trabalham penosamente, aceitando o sofrimento a fim de seguir o caminho divino, serão recompensados no céu com a beatitude perene.”

“Aqueles que vos perseguem dão continuidade às sucessivas gerações dos que perseguiram os profetas. Considerai em que grande erro incorreram esses antepassados, e que recompensa os profetas receberam de Deus no céu ao suportar as perseguições de pessoas ignorantes por causa do nome Dele. Aferrar-se a princípios espirituais, mesmo que se tenha de perder o corpo – como fizeram os mártires no passado – traz como recompensa a herança celestial do reino divino de Regozijo Eterno.”

“Grande é o vosso galardão no céu” refere-se ao estado de bem-aventurança eterna conhecido quando se preserva o sublime contato com Deus vivenciado em meditação: aquele que, neste mundo, realiza ações boas e enobrecedoras colherá, de acordo com a lei do *karma*, os frutos de tais atos – seja no céu interior, enquanto ainda vive na Terra, seja nos

excelsos reinos celestiais, após a morte.

A provisão de bom *karma* e a perseverança espiritual determinam a divina recompensa nesta vida e além dela. Almas adiantadas – que são capazes de experimentar em meditação o estado de alegria sempre nova, próprio da Autorrealização, e que podem permanecer constantemente nessa bem-aventurança celestial interior em que Deus habita – levam consigo um céu portátil aonde quer que vão. O sol astral do olho espiritual começa a revelar à consciência delas os reinos celestiais astrais onde residem, em esferas de diferentes níveis, almas virtuosas e santos, seres libertos e anjos. Gradualmente, a luz do olho espiritual abre seus portões, atraindo a consciência a esferas progressivamente mais elevadas do Céu: a aura dourada onipresente da Vibração Cósmica do Espírito Santo, que guarda os mistérios mais sutis que animam todas as regiões da existência vibratória (onde se encontra a muralha divisória, ou as “portas de pérola”, entradas para o céu astral, através de seu firmamento perolado com matizes de arco-íris); o Céu Crístico da Consciência refletida de Deus, fazendo resplandecer Sua inteligência no reino vibratório da criação; e o derradeiro céu da Consciência Cósmica, o eterno, transcendente e sempre bem-aventurado Reino de Deus.

Somente as almas que podem manter sua consciência fixa no olho espiritual ao longo da existência terrena, mesmo durante sofrimentos e perseguições, entrarão – seja nesta vida, seja depois dela – nos estados bem-aventurados das regiões superiores do Céu, onde habitam as almas do mais extraordinário adiantamento, na maravilhosa proximidade da presença de Deus, que confere a plena libertação.

Embora Jesus mencione especialmente a grande recompensa que advém a almas adiantadas, também um menor grau de bem-aventurada comunhão divina trará uma comensurável recompensa celestial. Aqueles que fazem algum progresso e então comprometem seus ideais espirituais ou desistem de meditar – porque se sentem interiormente atormentados pelo esforço necessário, ou são exteriormente desencorajados por influências mundanas ou pela crítica de parentes, vizinhos e falsos amigos –, perdem o contato com a bem-aventurança celestial. Todavia, aqueles que são divinamente resolutos não apenas retêm a bem-aventurança obtida na meditação, mas são duplamente recompensados, descobrindo que sua perseverança dá origem a uma realização ainda maior. Essa é a recompensa celestial

psicológica que resulta da aplicação da lei do hábito: todo aquele que, por meio da meditação, se torne estabelecido na bem-aventurança interior será recompensado com uma alegria sempre crescente, que permanecerá com ele mesmo quando deixar este plano terreno.

O celestial estado de bem-aventurança meditativa experimentado nesta vida é um antegozo da alegria sempre nova sentida pela alma imortalizada no estado após a morte. A alma leva consigo essa alegria às sublimes regiões astrais de beleza celestial, onde as flores vitatrônicas fazem desabrochar suas pétalas iridescentes no jardim do éter e onde o clima, a atmosfera, o alimento e os habitantes são feitos de diferentes vibrações de luz multicolorida – um reino de manifestações refinadas que estão mais em harmonia com a essência da alma do que as rudes imperfeições da Terra.

Pessoas virtuosas – que resistem às tentações na Terra, mas não se libertam totalmente da ilusão – são recompensadas após a morte com um descanso revigorante nesse reino astral, entre os numerosos semianjos e almas semirredimidas que levam uma vida muito superior àquela na Terra. Lá, elas desfrutam dos resultados de seu bom *karma* astral por um período carmicamente predeterminado; passado esse tempo, seu *karma* terreno remanescente as atrai de volta à reencarnação em um corpo físico. Seu “grande galardão” no céu astral as capacita a manifestar à vontade condições desejáveis, lidando inteiramente com vibrações e energia, e não com as propriedades fixas das substâncias sólidas, líquidas e gasosas encontradas durante sua jornada terrena. No céu astral, todos os móveis, propriedades, condições climáticas e de transporte estão sujeitos ao poder de vontade dos seres astrais, que são capazes de materializar, manipular e desmaterializar a substância vitatrônica desse mundo mais sutil de acordo com sua preferência.

Almas totalmente redimidas não abrigam nenhum desejo mortal em seu coração quando abandonam as praias desta Terra. Tais almas tornam-se permanentemente estabelecidas como pilares na mansão da Consciência Cósmica e jamais voltam a reencarnar no plano terreno, a menos que desejem fazê-lo para trazer almas presas à Terra de volta para Deus.²

Assim são os profetas de Deus: almas que estão ancoradas na Verdade e que retornam à Terra ao comando de Deus para conduzir outras a padrões espirituais de comportamento por meio de sua conduta exemplar e mensagem de salvação. O estado espiritual de um profeta ou salvador é de

completa união com Deus, o que o qualifica a proclamar a Deus de uma misteriosa forma espiritual. Eles são usualmente reformadores extraordinários que demonstram à humanidade magníficos exemplos espirituais. Eles manifestam o poder e a influência superior do amor sobre o ódio, da sabedoria sobre a ignorância, mesmo que seja como mártires. Recusam-se a comprometer suas verdades, não importa em que medida sofram perseguição física ou mental, desonras ou falsas acusações; e com a mesma tenacidade recusam-se a odiar seus perseguidores ou a valer-se do expediente da vingança para subjugar seus inimigos. Eles demonstram e mantêm o autocontrole e a clemência do amor todo-compassivo de Deus, estando eles próprios ao abrigo dessa Graça Infinita.

Em todos os grandes mestres – aqueles que vêm à Terra para revelar à humanidade o caminho para a eterna felicidade ou consciência de bem-aventurança – encontram-se os traços divinos enaltecidos por Jesus como o caminho para a beatitude. No *Bhagavad Gita*, Sri Krishna enumera detalhadamente essas imprescindíveis qualidades da alma que distinguem o homem divino:

(Os sinais distintivos do sábio são:) humildade, ausência de hipocrisia, inofensividade, capacidade de perdoar, retidão, serviço ao guru, pureza de mente e corpo, firmeza, autocontrole;

Indiferença aos objetos dos sentidos; ausência de egotismo, compreensão das dores e dos males (intrínsecos à vida mortal): nascimento, doença, velhice e morte;

Desapego, não-identificação do Eu com filhos, esposa e casa, por exemplo; equanimidade constante em circunstâncias desejáveis ou indesejáveis;

Devoção inabalável a Mim pela yoga da não-separatividade, pela visita a lugares solitários e pela rejeição da companhia de homens mundanos;

Perseverança no Autoconhecimento; e percepção, por meio da meditação, do objeto de toda aprendizagem: sua verdadeira essência ou significado. Todas essas qualidades constituem sabedoria; as qualidades opostas a elas constituem ignorância (Bhagavad Gita XIII:7-11).

Pelo cultivo de tais virtudes, pode o homem, mesmo enquanto neste mundo material, viver na beatífica consciência da alma, um verdadeiro filho de Deus. Ele faz resplandecer sua própria vida e a de muitos com quem entra em contato, com a infinita luz, alegria e amor do Pai Eterno.

¹ Ver Capítulo 3, Sutas 23-32, em *A Ciência Sagrada*, de Swami Sri Yukteswar (publicado pela Self-Realization Fellowship).

² “A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca mais sairá” (Apocalipse 3:12). [†]

CAPÍTULO 8

AMOR DIVINO: O OBJETIVO SUPREMO DA RELIGIÃO E DA VIDA

E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lê?

E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de toda a tua mente, e ao teu próximo como a ti mesmo.

E disse-lhe: Respondeste bem; faz isso, e viverás (Lucas 10:25-28). †

Passagem paralela do Evangelho de São Marcos:

Aproximou-se dele um dos escribas que os tinha ouvido disputar, e sabendo que lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos?

E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de toda a tua mente, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes” (Marcos 12:28-31). †

Todo o propósito da religião – na verdade, da própria vida – está condensado nos dois mandamentos supremos citados por Senhor Jesus nesses versículos. Neles está a essência da eterna verdade que caracteriza todos os caminhos espirituais genuínos, o irredutível imperativo que o homem precisa abraçar como alma individualizada, separada de Deus, se quiser recuperar a consciência de sua unidade com o Criador.

“Faze isso, e viverás”, disse Jesus ao doutor da lei que havia perguntado como obter a vida eterna. Quer dizer: “Se puderes amar a Deus plenamente na autêntica comunhão da meditação diária e, por meio de tuas ações, demonstrar amor ao próximo (teu irmão divino), assim como amas a ti mesmo, então te elevarás acima da consciência mortal deste plano ilusório de vida e morte, e conhecerás o Espírito eterno e imutável, presente em teu interior e em toda parte.”

“Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas”, proclamou Jesus ao doutor da lei mencionado no Evangelho de Mateus. E, no Evangelho de Marcos, ao escriba que perguntara qual era o supremo

mandamento divino, Jesus respondeu: “O Soberano Cósmico, nosso Protetor, nosso Deus, é o único Senhor e Mestre de toda a criação. Ele te criou como um de Seus filhos, feito à Sua imagem, e trazes contigo a marca de um parentesco divino determinado por Ele. A ti cabe amar espontaneamente a teu Criador com o amor que Ele implantou em ti – com todo o amor divino de teu coração, com toda a percepção intuitiva de tua alma, com toda a atenção de tua mente e com toda a força de tua determinação mental e energia física.”

Esta – declarou Jesus – é a mais importante de todas as leis cósmicas proclamadas pelo Espírito para a elevação e libertação da alma, pois, através dos portões do amor do homem, Deus estabelece Sua unidade com ele – uma união que o liberta do cativeiro da ilusão. Amar a Deus supremamente significa receber Dele realização e contentamento eternos, livrando-se o homem de todos os desejos que o levam temerariamente a contínuos nascimentos e mortes, com seus incalculáveis sofrimentos.

Jesus louvou a compreensão demonstrada pelo escriba e lhe assegurou que ele estava próximo de alcançar um elevado nível de consciência espiritual, porque esse homem compreendera que amar a Deus, em Sua supremacia e em Sua inata intimidade em todas as criaturas, significa “mais do que todos os holocaustos e sacrifícios”. Adorar o Criador por meio de formalidades religiosas externas corresponde a manter uma separação entre o adorador e seu Objeto de adoração; mas amar a Deus significa tornar-se Seu amigo, Seu filho, um com Ele.

O fato de Deus ordenar ao homem que O ame acima de tudo poderia parecer impróprio da parte de uma Divindade todo-poderosa. Mas todos os santos e avatares sabem intimamente que essa lei não visa satisfazer a um capricho quixotesco de Deus, mas em vez disso é uma condição necessária para que a alma individualizada possa estabelecer uma conexão consciente com sua Fonte. Deus pode viver sem o amor do homem; todavia, assim como a onda não pode viver sem o oceano, não é possível para o homem existir sem o amor de Deus. A sede de amor em cada coração humano deve-se ao fato de o homem ser feito à imagem divina, plena de amor. Assim, os santos e avatares conclamam a humanidade a amar a Deus, não por uma compulsão ou mandamento, mas porque o oceano de Seu amor ergue-se por trás da pequena onda de amor em cada coração.

Um grande santo da Índia afirmou: “O mais sábio é aquele que busca a

Deus em primeiro lugar, de todo o seu coração”, pois ao encontrá-Lo recebe, juntamente com Ele, tudo o que é de Deus. Amar a Deus significa entrar em contato com a Fonte Pródiga da criação. Muitos homens mundanos tolamente envolvem coração, mente, alma e energia física na busca de dinheiro, amor humano ou poder terreno, apenas para perdê-los – se porventura os encontrarem – por ocasião da morte. A forma mais sábia de utilizar esta vida consiste em investi-la na busca de Deus – o único tesouro que nos satisfaz para sempre, que jamais perece ou perde o valor.

Embora seja necessário amar a Deus para conhecê-Lo, é igualmente verdade que precisamos conhecer Deus para amá-Lo. Ninguém pode amar alguma coisa que lhe seja totalmente desconhecida; ninguém pode amar uma pessoa que lhe seja completamente estranha. Mas aqueles que meditam profundamente, na verdade “conhecem”, pois encontraram a prova da existência de Deus como a Alegria sempre nova experimentada na meditação; ou como o Som Cósmico de *Om* (Amém) escutado no silêncio profundo; ou como o Amor Cósmico sentido ao concentrar-se a devoção no coração; ou como a Sabedoria Cósmica que alvorece como iluminação interior; ou como a Luz Cósmica que evoca visões do Infinito; ou como a Vida Cósmica percebida durante a meditação, quando a pequena vida funde-se à Grande Vida em todas as coisas.

Qualquer devoto que, mesmo uma única vez, tenha sentido Deus na meditação, em qualquer de Suas manifestações tangíveis, não pode deixar de amá-Lo quando é assim tocado por Suas qualidades arrebatadoras. As pessoas, em sua maioria, jamais amam realmente a Deus porque pouco sabem quão adorável é o Senhor quando visita o coração do devoto que medita. Esse genuíno contato com a presença transcendente de Deus é possível para devotos determinados, que persistam em sua prática da meditação e em contínuas orações sinceras.

Há apenas um Criador de todas as faculdades do homem. Deus é a Origem do amor com que amamos; de nossas almas com que clamamos pela imortalidade; de nossas mentes e processos mentais com que pensamos, raciocinamos e alcançamos êxito; e de nossa vitalidade com que nos empenhamos nas atividades da vida. Deveríamos utilizar todas essas dádivas num vigoroso e supremo esforço na meditação, para expressarmos nosso amor a Deus até que possamos conscientemente sentir, em resposta, a Sua manifestação.

A pessoa religiosa comum racionaliza o cumprimento de seu dever espiritual por meio de preces distraídas e rituais mecânicos, ou vagando em círculos na floresta da teologia e dos dogmas. Ela pode tentar sentir amor e devoção por Deus em seu coração e, nos períodos de prece, direcionar o mais possível sua mente para Deus; pode tentar amar a Deus “de todas as suas forças”, cantando e dançando vigorosamente, ou mesmo rolando pelo chão, como fazem em algumas seitas pentecostais. Em se tratando de amar a Deus com toda a sua alma, sente-se perdida, porque nem mesmo sabe o que é a alma. A única ocasião em que ela conhece algo de sua alma (e, mesmo assim, de maneira inconsciente) é no sono profundo sem sonhos. Nesse estado, a “força” ou energia vital se retira dos cinco sentidos e se interioriza; desaparece a consciência de si mesmo como um ser físico. À noite, as pessoas têm um vislumbre de seu verdadeiro Eu, a alma; a cada manhã, ao despertar, a maioria reassume sua identidade equivocada, como um homem ou mulher mortal.

Tentativas externas de aplicar o ensinamento de Jesus trazem usualmente apenas mínima satisfação exterior – e não a realização divina. Mas há um significado interior na exortação para que amemos a Deus com todo o nosso coração, mente, alma e forças. Jesus valeu-se desses simples termos das escrituras, mas projetou seu entendimento de forma que neles está contida toda a ciência da *Yoga* – o caminho transcendental para a união com Deus por meio da meditação. Na Índia, onde o conhecimento espiritual já se tinha desenvolvido por milhares de anos antes do tempo de Jesus, sábios de realização divina elaboraram esses conceitos como uma abrangente filosofia espiritual, para guiar sistematicamente os devotos no caminho da libertação. Quando alguém faz o esforço em meditação para conhecer Deus, utilizando a sinceridade e os mais profundos sentimentos de seu coração, a intuição de sua alma, todos os poderes de concentração de sua mente e toda a sua energia vital interiorizada, ou forças – ele será certamente bem-sucedido.

O sistema de cultura espiritual em que se aprende a “amar a Deus de todo o coração” é conhecido na Índia como *Bhakti Yoga* – união com Deus por meio da devoção e do amor incondicional. O *bhakta* se apercebe de que a concentração está naquilo em que se tem o coração – naquilo que amamos. Assim como o coração de quem ama está no ser amado e o do ébrio está na bebida, o coração do devoto está continuamente absorvido no

amor por seu Amado Divino.

“Amar a Deus de toda a tua mente” significa com a concentração focalizada. A Índia especializou-se na ciência da total concentração da mente por meio de técnicas definidas, de forma que durante a adoração o devoto é capaz de manter toda a sua atenção em Deus. Se, ao oferecer preces devocionais, a mente está sempre esvoaçando com pensamentos de trabalho, comida, sensações corporais ou outras distrações, isso não é amar a Deus com toda a mente. A Bíblia ensina: “Orai sem cessar”; a ciência iogue da Índia nos dá a metodologia efetiva para adorarmos a Deus com a total concentração da mente.

“Amar a Deus de toda a tua alma” significa alcançar o estado de êxtase superconsciente – a percepção direta da alma e de sua unidade com Deus. Quando nenhum pensamento cruza a mente, mas há um pleno conhecimento consciente, e quando se sabe, por meio da percepção intuitiva, que qualquer coisa pode ser realizada ao nosso mero comando, então alcançamos o estado de expansão próprio da superconsciência. Trata-se do conhecimento da alma como reflexo de Deus, a conexão da alma com a consciência de Deus. Esse é um estado de extraordinária alegria: a alma alcança a percepção cristalina do Espírito onipresente refletido como a alegria da meditação.

Amar a Deus de toda a alma requer a completa quietude da interiorização transcendente. Tal estado não se alcança rezando em voz alta, movendo as mãos para lá e para cá, com cantos ou entoações, ou fazendo qualquer outra coisa que ative o mecanismo sensorial e muscular do corpo. Assim como, no sono profundo, o corpo e os sentidos se tornam inativos, esse estado de recolhimento interior é característico também do êxtase superconsciente – só que o êxtase é muito mais profundo do que o sono. Dez milhões de períodos de sono não descrevem a alegria do êxtase. Esse é o estado em que se pode conhecer a alma e, com esse verdadeiro Eu, adorar plenamente Aquele que é o próprio Amor.

O cumprimento do preceito divino de amar a Deus de todo o coração, mente e alma se torna possível com a ciência que capacita o devoto a “amar a Deus de todas as suas forças”. A *Yoga* ensina essa ciência. Durante o sono, a mente consciente está inativa; as forças são retiradas do sistema sensório-motor do cérebro, bem como dos músculos e nervos, concentrando-se nas faculdades da mente subconsciente. Não se pode

atingir o estado subconsciente do sono a menos que, de maneira usualmente passiva, a força vital tenha sido desligada do sistema nervoso consciente, sensorial e motor; e não se pode alcançar o estado superconsciente, transcendendo a subconsciência, sem desligar conscientemente a força vital dos sentidos e dos músculos.

O domínio da energia vital, que nos permite amar a Deus de todas as nossas forças, começa com a postura (*asana* – treinar o corpo para manter com facilidade e sem inquietude a postura correta para a meditação imóvel) e com exercícios respiratórios para o controle da força vital (*pranayama* – técnicas para aquietar a respiração e o coração). Por meio de tal prática, o coração se aquieta, desligando efetivamente a energia dos sentidos e acalmando a respiração inquieta que mantém o homem preso à consciência corporal. O iogue pode então concentrar-se em Deus sem a intrusão da influência do corpo. A mente, desconectada das sensações, alcança uma interiorização transcendente (*pratyahara*). O devoto pode então utilizar a mente assim libertada para a comunhão devocional com Deus. Quando o devoto pode amar a Deus com a mente concentrada em seu interior, começa a sentir esse amor por Deus em seu coração permeando sensivelmente, com a presença divina, cada nuance de seus sentimentos. O coração repleto de Deus sente então o Amado Senhor nos mais profundos recessos da alma, onde o pequeno amor encontra o Grande Amor e é por Ele envolvido. O sentimento de Deus na alma expande-se na percepção de Deus em Sua onipresença (o *samyama* da *yoga*: *dharana*, *dhyana*, *samadhi*).

Em ensinamentos que superficialmente parecem simples, Jesus aprofundou-se muito mais do que a maioria das pessoas compreende. O livro do Apocalipse comprova que ele ensinou o sistema completo de *yoga*, o método científico de união com Deus – no mistério das sete estrelas, das sete igrejas com seus sete anjos e sete castiçais de ouro. A realização divina é alcançada quando se abrem os “sete selos” desses centros de percepção espiritual, conseguindo-se domínio sobre todos os poderes astrais da vida e da morte, por meio dos quais a alma ascende até a liberação.

Jesus enfatizou que a salvação principia com as práticas que capacitam o devoto a verdadeiramente amar a Deus com as supremas oferendas do coração, mente, alma e forças. Na maior escritura da Índia a respeito da *yoga*, o *Bhagavad Gita*, o Senhor fala em termos que correspondem ao mandamento das escrituras citado por Jesus: “Mais uma vez, ouve Minha

palavra suprema, a mais secreta de todas. Porque és ternamente amado por Mim, Eu te direi o que te é benéfico. Absorve em Mim a tua mente; torna-te Meu devoto; abdica de todas as coisas em Meu favor; reverencia-Me. Porque és querido para Mim, em verdade Eu te prometo: tu Me alcançarás!”



O Primeiro Mandamento leva o devoto à observância da segunda grande lei espiritual, “semelhante ao primeiro” (Mateus 22:35-40). Ao esforçar-se para sentir Deus em seu interior, ele tem também o dever de compartilhar a experiência de Deus com o seu próximo: “Amarás o teu próximo (todas as raças e criaturas com quem entras em contato, em toda parte) como a ti mesmo (como amas tua própria alma) – porque contemplos a Deus em todos.” O “próximo” do homem é a manifestação de seu Eu maior ou Deus. A alma é um reflexo do Espírito, reflexo que está em cada criatura e na vida vibratória de todo o cenário cósmico animado e inanimado. Amar os pais, parentes, amigos, compatriotas, todas as raças da Terra, todas as criaturas, flores e estrelas que vivem na “proximidade” ou ao alcance de nossa consciência, significa amar a Deus em Suas diversas manifestações tangíveis. Aqueles que são ainda incapazes de amar a Deus em Suas expressões sutis na meditação podem cultivar seu amor por Ele em Suas manifestações na natureza e em todas as criaturas com quem entrem em contato ou de quem, de alguma forma, estejam cientes.

É Deus que Se torna o pai para proteger a criança, a mãe para amar o filho incondicionalmente e os amigos para ajudar aquela alma sem a limitação dos instintos familiares. É Deus que Se tornou a Terra ornamentada, com sua abóbada de estrelas, para maravilhar Seus filhos. É Ele quem Se torna o alimento, a respiração e as funções vitais que sustentam a profusão de formas mortais. Quando a imanência divina penetra a compreensão do homem, ela o desperta para seu dever e privilégio de adorar a Deus no templo de si mesmo (por meio da meditação) e no templo de todas as criaturas e de todas as coisas do universo (por meio do amor ao próximo, na intimidade de seu lar cósmico).

Mesmo os santos, que amam a Deus no êxtase transcendente da meditação, somente alcançam a completa redenção depois de compartilhar sua realização divina amando a Deus como manifestado em todos na proximidade onipresente de suas almas.

Encorajados pelo amor por Deus em meditação, a melhor forma de começarmos a desenvolver nosso interesse espiritual pelo próximo seria estendendo a mão de uma forma útil a pessoas que não façam parte de nossa família, mas que sejam mais próximas do que o mundo em geral. Instintivamente, as pessoas têm a tendência de prover a suas famílias e não a estranhos; e a ideia de “mundo” é em si um conceito muito remoto e abstrato. Quando, porém, uma pessoa vive apenas para si e para os poucos selecionados que resolva favorecer como seus, isso obstrui a expansão de sua vida, e do ponto de vista espiritual ela não vive realmente. Por outro lado, quando alguém expande sua consideração e seu interesse para além da consciência de “nós quatro e ninguém mais”, a fim de abranger seu próximo e o mundo, então sua pequena vida flui para a vida maior de Deus e se torna a Vida Eterna – o segundo requisito, em resposta à questão formulada a Cristo pelo doutor da lei: “Que farei para herdar a vida eterna?”

A maioria das pessoas vive entre as estreitas muralhas do egoísmo, jamais sentindo o pulsar da vida universal de Deus. Todo aquele que vive sem saber que sua vida provém da vida eterna, que se atém a uma existência puramente material e que morre e reencarna esquecido de suas vidas passadas, não viveu realmente. Sua consciência mortal vagou por experiências oníricas ilusórias, mas seu verdadeiro Eu, a alma, jamais despertou para expressar sua natureza divina e imortalidade. Em contraste, qualquer devoto que, por meio da meditação, perceba a vida eterna por trás de sua vida mortal vive para sempre, jamais perdendo sua existência consciente por ocasião da morte, nem de uma encarnação a outra, ou na eterna liberdade da sua alma em Deus.

Santos e sábios que cumprem os dois maiores mandamentos não mais estão subordinados à disciplina dos outros mandamentos, pois, ao amarem a Deus na meditação transcendente e também como manifestado nos demais, honram automaticamente a justiça de todas as leis cósmicas. No devoto que entra em contato com Deus, o Operador da Lei Cósmica atua como uma benevolência intuitiva natural que o mantém sempre em harmonia com os códigos divinos universais. Trevas milenares acumuladas em torno da alma podem ser dissipadas pouco a pouco pelas pequeninas chamas da observância de numerosas regras de conduta. Quando, porém, pelo supremo empenho do coração, da mente e das forças, a luz onipresente de Deus visita a alma, então as trevas não mais existem; o advento dessa Grande Luz

engolfa a bruxuleante iluminação das ações disciplinadas. Portanto, amar a Deus pela oração e meditação contínuas e amá-Lo por meio do serviço físico, mental e espiritual a todas as Suas manifestações em nossa família universal – eis o fundamento e a essência da totalidade das outras leis de conduta humana e das vidas libertadas.



Um renascimento do amor a Deus e do amor ao próximo, enfatizado por Jesus Cristo, traria um espírito de unidade capaz de curar os males deste mundo.

É somente por meio da amizade com Deus que a harmonia e a fraternidade virão à Terra. Quando alguém percebe efetivamente a Presença Divina em sua própria alma, aviva-se nele o amor ao próximo – judeu e cristão, muçulmano e hindu – na consciência de que seu próprio Eu e o Eu de todos são igualmente almas-reflexos do Deus único, que é infinitamente adorável. Programas sociais e políticos utópicos trarão poucos benefícios duradouros até que a humanidade aprenda a eterna ciência por meio da qual os seguidores de qualquer religião podem conhecer Deus na unidade da comunhão da alma com o Espírito.

Observar o “primeiro mandamento”, conforme mencionado por Jesus, é a obrigação central da vida humana, e a ela estão subordinadas todas as inúmeras e árduas responsabilidades de que o homem se cerca. Jesus apoiava o mandamento das escrituras “Honra a teu pai e a tua mãe” – mas amando a Deus supremamente. Pai, mãe, amigos, seres amados – todos são dádivas de Deus. Ame o Amor Único que Se oculta por trás de todos os Seus atraentes disfarces. Ame-O em primeiro lugar e acima de tudo; caso contrário, inúmeras vezes Ele visitará seu coração e escapulirá sem ser reconhecido ou recebido.

Estar com Deus agora é de suma importância. O amor de Deus é o único abrigo na vida e na morte. O tempo deve ser empregado da forma mais vantajosa possível; por que não utilizá-lo para recuperar a união com o Criador deste Universo, nosso Pai Infinito?

CAPÍTULO 9

O REINO DE DEUS DENTRO DE VOCÊ

E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o reino de Deus, respondeu-lhes, e disse: O reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: Ei-lo aqui, ou, Ei-lo ali, porque eis que o reino de Deus está dentro de vós” (Lucas 17:20-21).

Jesus dirige-se ao homem, o perene aspirante à felicidade permanente e à libertação de todo sofrimento: “O reino de Deus – da Consciência Cósmica eterna, imutável e sempre bem-aventurada – está dentro de vós. Contemplai vossa alma como reflexo do Espírito imortal e descobrireis vosso Eu abrangendo o império infinito do amor de Deus, de Sua sabedoria e bem-aventurança, presentes em cada partícula da criação vibratória, e no Absoluto Transcendente isento de vibrações.”

Os ensinamentos de Jesus acerca do reino de Deus – algumas vezes em linguagem direta, outras em parábolas repletas de significado metafísico – podem ser considerados o cerne de toda a sua mensagem. O Evangelho registra que, ao início de sua missão pública, “veio Jesus para a Galileia, pregando o Evangelho do reino de Deus”. Sua exortação “Buscai primeiro o reino de Deus” está no âmago do Sermão da Montanha. A única oração que se sabe ter ele ensinado aos discípulos suplica a Deus: “Venha o Teu reino”. Repetidas vezes, Jesus falou do reino do Pai Celestial e da forma de alcançá-lo:

“Aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus.”

“Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão.”

“Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o filho do homem, que está no céu. E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o filho do homem seja levantado.”

“E se o teu olho te escandalizar, lança-o fora; melhor é para ti entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno.”

“Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens.”

“Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.”¹

Consideradas em conjunto, essas e as demais declarações de Jesus acerca do reino de Deus fornecem um abrangente entendimento de sua clara afirmação neste versículo: de que o reino de Deus é encontrado não em “aparência exterior” – com o uso dos sentidos de visão, audição, paladar, olfato e tato, sintonizados com a matéria –, mas na interiorização da consciência a fim de perceber a Realidade Divina, que está “dentro de vós”.

“O reino de Deus não surge em resposta a aparências sensoriais; nem podem encontrá-lo aqueles que dizem: ‘Vede, ele está aqui, ou está em algum lugar, acolá, nas nuvens’. Em vez disso, concentraí-vos em vosso interior e encontrareis a esfera da consciência divina, oculta por trás de vossa consciência material.”

Muitas pessoas pensam no céu como um local físico, um ponto no espaço, bem acima da atmosfera e para além das estrelas. Outras interpretam as afirmações de Jesus acerca da vinda do reino de Deus como referentes ao advento de um messias que viria estabelecer e governar um reinado divino sobre a Terra. Na verdade, o reino de Deus e o reino dos céus consistem, respectivamente, na imensidão transcendente da Consciência Cósmica e nos reinos celestiais causal e astral da criação vibratória, que são consideravelmente mais sutis e mais harmonizados com a vontade de Deus do que as vibrações físicas agrupadas como planetas, ar e ambiente terreno.

Os objetos materiais reconhecidos como sensações de visão, audição, olfato, paladar e tato constituem-se de um jogo de forças que se originam e existem além da capacidade de observação da consciência humana. A origem incipiente de todas as formas e vibrações materiais está na Consciência Cósmica. A matéria é energia física condensada; a energia física é energia astral condensada; e a energia astral é a condensação da força de pensamento primordial de Deus. Portanto, a Consciência Cósmica está oculta dentro e por trás das camadas da matéria, da energia física, da energia astral e do pensamento ou consciência.

O mesmo que ocorre no macrocosmo se dá no microcosmo do corpo humano: a Consciência Cósmica, caracterizada por alegria sempre nova e imortalidade, é a criadora da consciência humana e, como tal, nela está imanente. A partir da Consciência Cósmica infinita foram concebidas as

almas individuais; essas ideações individualizadas do pensamento de Deus revestiram-se de mais duas camadas de manifestação externa, com as forças causais de consciência condensando-se no corpo astral de energia vital luminosa e no corpo mortal de carne e ossos.

Assim, o reino de Deus não está separado do reino da matéria, mas está tanto dentro dele – permeando-o sutilmente como sua origem e sustentáculo – quanto além dele, existindo nas infinitas mansões do Pai para além do circunscrito cosmos físico.²

É por isso que Jesus disse que é inútil procurar o céu com a consciência concentrada em vibrações materiais – identificada com sensações do corpo, prazeres e confortos terrenos. No reino da matéria e da consciência corporal o homem encontra doenças, bem como sofrimentos físicos e mentais; mas, ao voltar-se para o reino interior, descobre o Consolador, o Espírito Santo ou a Vibração Cósmica de *Om*, manifestando-se nos centros cerebrosplinais sutis de consciência espiritual. Deixar-se arrastar para o exterior, pela corrente da consciência material, significa ser engolfado, queira-se ou não, pelo inferno do reino de Satã – a esfera dos apegos terrenos e limitações do corpo mortal. Seguir a corrente de consciência que nos leva para o interior, meditando em *Om*, significa alcançar o bem-aventurado reino de Deus que existe por trás da barreira opaca da existência física.³

A comunhão com o divino Consolador traz sintonia com a Consciência Crística que habita o corpo, manifestando-se como a alma sempre perfeita. Pela comunhão mais profunda com a Consciência Crística surge a percepção da unidade da alma com o Espírito onipresente – o pequeno Eu expande-se no Eu infinito, abrangendo o reino divino ilimitado de Bem-aventurança sempre-existente, sempre-consciente e sempre-nova.

Toda alma limitada ao corpo pode descobrir o reino de Deus se mergulhar interiormente na meditação a fim de transcender a consciência humana e alcançar os estados sucessivamente mais elevados de superconsciência, Consciência Crística e Consciência Cósmica. Aqueles que meditam profundamente, concentrando-se com intensidade no estado de silêncio ou neutralização dos pensamentos, retiram sua mente dos objetos materiais de visão, audição, olfato, paladar e tato – de todas as sensações corporais e da perturbadora inquietude mental. Nesse estado de quietude interior focalizada, descobrem um inefável sentimento de paz. A paz é o primeiro vislumbre do reino interior de Deus.

Os devotos que desse modo possam interiorizar sua mente à vontade, concentrando-se por completo no resultante estado de paz, entrarão com certeza no reino da consciência divina. Essa realização gradualmente se expande em onipresença, onisciência, bem-aventurança sempre nova e visões dos reinos de luz eterna, onde todas as almas libertas se movem em Deus, materializando-se ou desmaterializando-se à vontade. Ninguém pode entrar nesse céu da Consciência Cósmica a menos que interiorize profundamente sua consciência pelos portões da concentração e da meditação dedicadas. É por isso que Jesus afirmou categoricamente: “O reino de Deus está dentro de vós”, quer dizer, nos estados transcendentais de suas percepções da alma.

Existe uma notável correspondência entre os ensinamentos de Jesus Cristo a respeito da entrada no “reino de Deus [que] está dentro de vós” e os ensinamentos da *yoga*, expressos por Senhor Krishna no *Bhagavad Gita*, acerca do restabelecimento do Rei Alma, o reflexo de Deus no homem, como legítimo governante do reino corporal, com a plena realização dos divinos estados de consciência da alma. Quando o homem se estabelece nesse reino interior da consciência divina, a percepção intuitiva da alma assim desperta trespassa os véus da matéria, da energia vital e da consciência, revelando a essência divina no âmago de todas as coisas.

Ele habita no mundo, a tudo envolvendo – em toda parte, Suas mãos e pés; presentes em todos os lados, Seus olhos e ouvidos, Suas bocas e cabeças.

Luzindo em todas as faculdades dos sentidos e, todavia, transcendendo os sentidos, sem apego (à criação) e, todavia, o Esteio de tudo, livre dos gunas (modos da Natureza) e, todavia, Aquele que deles desfruta.

Ele está dentro e fora de tudo que existe, do que é animado e do que é inanimado; próximo está, e também longe; imperceptível em razão de Sua sutileza.

Ele, o Indivisível, aparece como seres incontáveis; Ele mantém e destrói essas formas, e então as recria.

A Luz de Todas as Luzes, para além das trevas; o próprio Conhecimento, Aquilo que é preciso conhecer, a Meta de todo aprendizado, Ele Se assenta nos corações de todos (Bhagavad Gita XIII:13-17).

Raja Yoga, o caminho régio da união com Deus, é a ciência da autêntica percepção do reino de Deus que está dentro de cada um. Por meio da prática das sagradas técnicas iogues de interiorização, recebidas durante a iniciação conferida por um verdadeiro guru, pode-se encontrar esse reino pelo despertar dos centros astrais e causais de força vital e consciência, na

coluna vertebral e no cérebro, que são a entrada para as regiões celestiais da consciência transcendente. Quem alcança tal despertar conhece o Deus onipresente – tanto em Sua Natureza Infinita quanto na pureza de sua própria alma, e até mesmo sob o manto ilusório das formas e forças materiais mutáveis.

Patânjali, principal expoente da *Raja Yoga* na antiga Índia, delineou oito passos a serem seguidos para a ascensão ao reino interior de Deus:

1. *Yama*, conduta moral: abster-se de causar dano aos outros, da falsidade, do roubo, da imoderação e da cobiça.
2. *Niyama*: pureza de corpo e mente, contentamento em todas as circunstâncias, estudo de si mesmo (contemplação) e devoção a Deus.
3. *Asana*: disciplina do corpo, de modo que ele possa assumir e manter a postura correta de meditação, sem fadiga ou inquietude física e mental.
4. *Pranayama*: técnicas de controle da energia vital que acalmam o coração e a respiração e que removem da mente as distrações sensoriais.
5. *Pratyahara*: o poder de completa quietude e interiorização mental que ocorre quando a mente se retira dos sentidos.
6. *Dharana*: o poder de utilizar a mente interiorizada para a concentração unidirecional em Deus – em algum dos aspectos por meio dos quais Ele Se revela à percepção interior do devoto.
7. *Dhyana*: a meditação aprofundada pela intensidade da concentração (*dharana*), que permite conceber a imensidade de Deus, com Seus atributos manifestando-se na infinita extensão divina da Consciência Cósmica.
8. *Samadhi*, união com Deus: o pleno conhecimento da unidade entre a alma e o Espírito.

Todos os devotos podem descobrir a porta para o reino de Deus concentrando-se no olho espiritual, o centro da Consciência Crística, no ponto entre as sobrancelhas. A meditação longa e profunda, como ensinada por um verdadeiro guru, capacita-nos a converter gradualmente a

consciência do corpo material na percepção do corpo astral e, com as faculdades despertas da percepção astral, intuir estados cada vez mais profundos de consciência, até atingir a unidade com a Fonte da consciência. Ao cruzar a porta do olho espiritual, deixamos para trás todos os apegos à matéria e ao corpo físico e ganhamos acesso às infinitas regiões interiores do reino de Deus.

Os tecidos do corpo físico são feitos de células; o tecido do corpo astral é composto de vitátrons – unidades inteligentes de luz ou energia vital. Quando o homem se encontra no estado de apego ao corpo, caracterizado pela tensão ou contração da energia vital em componentes atômicos, os vitátrons do corpo astral tornam-se compactados, circunscritos pela identificação com a forma física. Por meio do relaxamento metafísico, a estrutura vitatrônica começa a expandir-se – afrouxa-se o aperto do corpo sobre a própria identidade.

Por meio da meditação cada vez mais profunda, o arcabouço energético do ser astral se expande para além dos limites do corpo físico. O corpo vitatrônico, pertencendo a uma esfera de existência livre das perplexidades impostas pelas limitações ilusórias do mundo físico tridimensional, tem o potencial de unir-se à Energia Cósmica que permeia todo o universo. Deus como Espírito Santo, a Vibração Sagrada, é a Luz da Energia Cósmica; o homem, feito à imagem de Deus, compõe-se dessa mesma Luz. Somos essa Luz compactada; e somos essa Luz de nosso Eu Universal.

Como primeiro passo para entrar no reino de Deus, o devoto deve sentar-se imóvel, na postura correta de meditação, com a coluna vertebral ereta; deve, então, retesar e relaxar o corpo – pois, pelo relaxamento, a consciência se liberta dos músculos. O iogue começa com a respiração profunda apropriada, inalando enquanto retesa o corpo e exalando enquanto relaxa, diversas vezes. A cada exalação, todo movimento e tensão muscular devem ser eliminados, até que se alcance o estado de quietude corporal. Então, por meio de técnicas de concentração, o movimento inquieto é removido da mente. Na perfeita quietude do corpo e da mente, o iogue desfruta a inefável paz da presença da alma. A vida habita o templo do corpo; a luz, o templo da mente; e a paz, o templo da alma. Quanto mais nos aprofundamos na alma, mais sentimos essa paz; esse é o estado de superconsciência. Quando, pela meditação mais profunda, o devoto expande tal percepção de paz e sente sua consciência difundindo-se, com

essa paz, por todo o universo, e que todas as criaturas e toda a criação são engolfadas por essa paz, então ele está entrando no estado de Consciência Cósmica. Ele sente essa paz em toda parte – nas flores, em cada ser humano, na atmosfera. Ele contempla a Terra e os mundos fluando como borbulhas nesse oceano de paz.

A paz interior experimentada inicialmente pelo devoto na meditação é a sua própria alma; a paz ampliada que sente ao aprofundar-se é Deus. O devoto que alcança a experiência de sua união com todas as coisas estabeleceu Deus no templo de sua infinita percepção interior.

No templo do silêncio, no templo da paz,
Eu Te encontrarei, eu Te tocarei, eu Te amarei!
Eu Te levarei ao meu altar de paz.

No templo do *samadhi*, templo da beatitude,
Eu Te encontrarei, eu Te tocarei, eu Te amarei!
E virás ao meu altar de beatitude.⁴

Quando os pensamentos inquietos são eliminados, a mente se transforma, de modo natural, em um templo sagrado de paz. Deus insinua Sua presença no templo do silêncio e, então, no templo da paz. Primeiro, o devoto O encontra como paz fluindo do estado mental em que todos os pensamentos se transformam em pura percepção intuitiva. Ele toca o Senhor com o amor de seu coração e O sente como alegria; seu puro amor incita Deus a manifestar-Se no altar da percepção de paz. O devoto adiantado sente Deus não apenas na meditação, mas O mantém constantemente no altar da paz de seu coração.

No templo do *samadhi* – união com a paz que é a primeira manifestação de Deus na meditação – o devoto descobre um estado de beatitude sempre nova, uma alegria que não decresce jamais. A beatitude é um estado muito mais profundo do que a paz. Assim como uma pessoa muda sorve o néctar mas não tem como descrever seu sabor ambrosíaco, também o arrebatamento da beatitude encontrada no templo do *samadhi* conduz a uma eloquência muda. Somente essa alegria pode satisfazer o anseio inato do coração humano. Na meditação paciente, persistente, dia após dia, ano após ano, o devoto, pleno de amor, exige de seu Senhor: “Vem a mim como alegria, na unidade do *samadhi*, e permanece para sempre em meu coração, no altar da bem-aventurança!” Quando, em nossos corações – em harmonia com os corações de todos os que amam a Deus no templo interior do

silêncio e da bem-aventurança –, nos regozijamos na alegria de nosso único Amado, essa alegria unificada torna-se um imenso altar de Deus.

Cabe ao homem, como alma, praticar esse silêncio interior: encontrar Deus agora. Ao utilizar os sentidos, em meio às exigências da vida diária, o devoto retém a consciência: “Estou sentado no trono de paz do silêncio interior”. Durante a atividade, ele permanece interiormente recolhido: “Sou um deus de silêncio sentado no trono de cada ação”. Sua equanimidade não é perturbada por emoções des governadas: “Sou um príncipe de silêncio, sentado no trono do equilíbrio”. Seu Eu interior, em harmonia com a eternidade, regozija-se, na vida e na morte: “Sou um rei de imortalidade, reinando no trono do silêncio. A destruição do corpo, os insultos da ilusão à alma, as imposições da inquietude, os testes da vida... todos são apenas dramas nos quais estou atuando e aos quais assisto como um divino entretenimento. Posso encenar meu papel por algum tempo, mas sempre, no refúgio interior de meu silêncio, contemplo o desenrolar do enredo da vida com a tranquila alegria da imortalidade.”

Se, por meio da prática da meditação, persistirmos em bater às portas do silêncio, o Senhor responderá: “Entra! Eu te sussurrei através de todos os disfarces da natureza; e agora te digo: Eu sou a Alegria – a Fonte viva da Alegria. Banha-te em Minhas águas, purificando-te de teus hábitos e de teus medos. Sonhei um belo sonho para ti; mas tu, Meu filho, o transformaste em um pesadelo!” Deus deseja que Seus filhos deixem de ser filhos pródigos e que cumpram como imortais o seu papel na vida para que, ao abandonarem o palco desta Terra, possam dizer: “Pai, foi um bom entretenimento, mas agora estou pronto a voltar para Casa”.

A yoga dos santos cristãos

Paramahansa Yogananda escreveu: “Uma coisa é a crença no Espírito Santo. Muito diferente é o autêntico contato com o Espírito Santo! Nos séculos passados, grandes santos como Francisco de Assis e Teresa D’Ávila conheceram a arte de entrar em contato com o Espírito Santo, com a Consciência Crística e com a Consciência Cósmica – a tríplice Unidade – por meio do poder interiorizado da pura devoção.”

Em suas obras-primas *O caminho de perfeição* e *O castelo interior*, a renomada mística Santa Teresa D'Ávila apresenta uma descrição sistemática, a partir de sua própria experiência pessoal, dos estados interiores de comunhão divina. Em essência, eles correspondem exatamente aos estados de consciência progressivamente mais elevados, expostos há séculos na Índia – na ciência espiritual da *yoga*, de natureza universal.

O místico iluminado São João da Cruz (contemporâneo e colaborador de Teresa D'Ávila) fala de suas próprias experiências de Deus como Espírito Santo, nas estrofes 14 e 15 de seu sublime *Cântico espiritual*. Explicando o simbolismo, São João descreve os “rios rumorosos” como “um ruído e voz espiritual que são acima de todo o som e voz do mundo. (...)”

“Esta voz ou este rumoroso som destes rios, de que fala a alma, é uma plenitude tão grande que a enche de bens, e um poder tão poderoso que a possui, que lhe parece não só som de rios, mas até poderosíssimos trovões. Porém esta voz é voz espiritual, e não traz esses outros sons corporais nem a pena e moléstia deles, mas grandeza, força, poder, deleite e glória; e assim é como uma voz e som imenso interior que veste a alma de poder e fortaleza. Esta voz espiritual e som retiniram no espírito dos Apóstolos quando o Espírito Santo com veemente torrente (como se diz nos Atos dos Apóstolos) desceu sobre eles.” (...)

Evelyn Underhill, em *Mysticism* (Parte 1, capítulo 4), escreveu: “Um dos muitos testemunhos indiretos a respeito da realidade objetiva do misticismo é que os estágios desse caminho, a psicologia da ascensão espiritual, descritos por diferentes escolas de contemplativos, sempre apresentam praticamente a mesma sequência de estados. A ‘escola para santos’ jamais julgou necessário atualizar seu currículo.

“O psicólogo não encontra dificuldade, por exemplo, em harmonizar os ‘graus da oração’ descritos por Santa Teresa – Recolhimento, Quietude, União, Êxtase, Arroubamento, a ‘Dor de Deus’ e o Matrimônio Espiritual da alma – com as quatro formas de contemplação enumeradas por Hugo de São Victor, ou com os ‘Sete Estágios’ sufis de

ascensão da alma a Deus, que iniciam com a adoração e findam com as núpcias espirituais. Embora cada viajante possa eleger diferentes marcos divisórios, fica claro, por sua comparação, que a estrada é a mesma.” (*Nota da Editora*)

É um pecado contra a natureza divina do Eu julgar que não exista chance de ser feliz, abandonar toda esperança de atingir a paz. Tais ideias precisam ser desmascaradas como erros psicológicos oriundos da interferência de Satã na mente humana. Paz e felicidade infinitas estão sempre ao nosso alcance, logo atrás da barreira da ignorância humana. Como poderia alguém ser excluído para sempre do reino de Deus, se esse reino divino está em seu próprio interior? Tudo o que é necessário fazer é afastar-se das trevas do mal e seguir a luz do bem.

A felicidade está tão próxima quanto o nosso próprio Eu. Não é nem mesmo uma questão de alcançá-la, mas apenas de erguer o véu da ignorância que encobre a alma. A própria palavra “alcançar” implica querer algo que não se tem – um erro metafísico. A beatitude é a divina herança inalienável de toda alma. Tão logo seja rompido o intruso véu, há o contato com essa felicidade suprema. O Espírito é felicidade. A alma é o reflexo puro do Espírito. O homem limitado ao corpo não percebe isso porque sua consciência está distorcida: o lago de sua mente está sempre agitado pela invasão de pensamentos e emoções. A meditação aquietas as ondas das emoções (*chitta*), de modo que surge claramente, no espelho interior, o reflexo de Deus como alma bem-aventurada.

A maioria dos iniciantes no caminho que leva ao reino interior de Deus descobre que sua meditação é atraída para a armadilha da inquietude. Esse é o covil de Satã. O devoto precisa escapar pela perseverança na prática da *yoga* e por meio da devoção. “Sempre que a mente volúvel e inquieta se distrai – qualquer que seja o motivo! – que o iogue a retire dessas distrações e a faça voltar ao controle exclusivo do Eu. (...) Não há dúvida de que a mente é oscilante e insubordinada. Mas pela prática da *yoga* e pela impassibilidade, ó Arjuna, a mente pode, não obstante, ser controlada! Esta é Minha palavra: é difícil para o homem descontrolado alcançar a *yoga*, mas aquele que tem autocontrole, empenhando-se por meio de métodos

adequados, será capaz de realizá-la.”⁵

O hábito de estar interiormente na tranquila presença de Deus precisa ser desenvolvido, de modo que, dia e noite, tal consciência permaneça constante. Vale a pena o esforço, pois viver na consciência de Deus significa acabar com a escravidão às doenças, ao sofrimento e aos medos. Apenas permaneça com Deus – essa é a quintessência da vida. Se alguém decide jamais ir dormir à noite sem meditar e sentir a Presença Divina, uma felicidade além de todas as expectativas virá à sua vida. Esforço é necessário, mas aquele que empreende tal esforço será coroado rei no reinado da paz e da alegria. O tempo despendido na busca de coisas materiais insignificantes é um desperdício das preciosas oportunidades que tem o homem de conhecer Deus. Isto digo sinceramente: abençoado aquele que toma a resolução de não descansar até que tenha encontrado Deus.

Uma persistente felicidade interior, não condicionada por nenhuma influência externa, é prova evidente de que temos a resposta da presença de Deus. O progresso na comunhão divina surge apenas quando se medita com regularidade, e com profunda concentração e devoção. A meditação de cada dia precisa ser mais profunda que a do dia anterior. O devoto que faz da busca divina seu interesse supremo encontrará eterna segurança no reino de Deus; nenhuma oscilação oriunda de problemas ou provações poderá cruzar a soleira do seu santuário de silêncio – onde a ninguém é permitido ingressar, exceto Deus, nosso Pai e Mãe, pleno de bem-aventurança e amor.

Aquele que encontra, em seu interior, esse “esconderijo do Altíssimo” torna-se transbordante de suprema felicidade e divina segurança.⁶ Seja ao associar-se com amigos, seja dormindo ou trabalhando, ele reserva tal morada apenas para Deus. Com sua consciência centralizada no Senhor, ele vê erguerem-se subitamente os véus concêntricos de *maya*; repleto de alegria, o devoto percebe Deus brincando de esconder com ele nas flores, as estrelas cintilando com uma Luz mais intensa e o céu sorrindo-lhe com o Infinito. Com olhos espiritualmente abertos, o devoto contempla os olhos do Infinito fitando-o através dos olhos de todos. Por trás da voz amável ou hostil dos outros, ele escuta a voz leal do Infinito. Por trás da vontade sábia ou equivocada de todos, percebe a constância da vontade de Deus. Por trás de todos os amores humanos, ele sente o supremo amor de Deus. Que existência maravilhosa, quando caem todos os disfarces de Deus, e o devoto se encontra face a face com o Infinito, na bem-aventurada unidade da

comunhão divina!

Permaneça constantemente inebriado de Deus, com a onda de sua consciência sempre repousando no seio do Mar Eterno. Quando alguém se debate agitadamente sobre a água, há pouca percepção do oceano – somente a consciência de esforço; mas, ao relaxar, o corpo flutua; em sua leveza, é possível sentir o oceano inteiro estendendo-se ao redor. É assim que o devoto tranquilo sente Deus, com o universo inteiro da Felicidade Divina balançando suavemente sob sua consciência.

O reino de Deus está dentro de você; *Deus* está dentro de você. Ele está logo atrás de suas percepções, de seus pensamentos, de seus sentimentos. Deus é cada grão de alimento que você ingere e todo ar que você respira. Você não está vivendo por causa do alimento ou do oxigênio, mas pelo Verbo Cósmico de Deus. Todas as faculdades da mente e todos os poderes de ação que você utiliza são emprestados de Deus. Pense Nele o tempo todo – antes de agir, enquanto executa as ações e depois da atividade. Ao cumprir seus deveres para com o homem, lembre-se acima de tudo de seu dever para com Deus; sem os poderes delegados por Ele, nenhum outro dever é possível. Sinta-O por trás de sua visão, audição, olfato, paladar e tato. Sinta Sua energia nos braços, nas pernas e nos pés. Sinta-O como vida em cada exalação e inalação. Sinta o poder divino em sua vontade; a sabedoria divina em seu cérebro; o amor divino em seu coração. Sempre que a presença de Deus seja conscientemente sentida, a ignorância mortal se desfaz.

Os que são sábios jamais perdem seu encontro diário com Deus na meditação. Entrar em contato com Deus torna-se o objetivo supremo de sua existência. Todos os que persistirem com essa sinceridade entrarão no reino de Deus nesta vida; e habitar esse reino significa ser eternamente livre.



“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á.

“Porque aquele que pede, recebe; e o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre.”

Mateus 7:7-8

¹ O significado metafísico mais profundo de todos esses versículos, com sua aplicação à ciência da *yoga*, é explicado de forma abrangente em *A Segunda Vinda de Cristo: A ressurreição do Cristo interior*.

2 “Se vossos guias vos disserem: ‘Eis que o reino está no céu’, então as aves do céu vos precederam. Se vos disserem: ‘Está no mar’, então os peixes vos precederam. Mas o reino está dentro de vós e, também, fora de vós. Se vos conhecerdes a vós mesmos, então sereis conhecidos, e sabereis que sois filhos do Pai vivo. Mas se não vos conhecerdes, vivereis na pobreza, e vós mesmos sereis essa pobreza” (Evangelho de Tomé, versículo 3).

Perguntaram-lhe os discípulos: “(...) Em que dia virá o novo mundo?” E ele lhes disse: “Aquilo que esperais já veio, mas vós não o conheceis” (Evangelho de Tomé, versículo 51).

Os discípulos de Jesus perguntaram-lhe: “Quando virá o reino?” Jesus respondeu: “Ele não virá pelo fato de esperardes por ele. As pessoas não dirão: ‘Ei-lo aqui!’ ou: ‘Ei-lo acolá!’ Mas o reino do Pai está espalhado por toda a terra, e os homens não o veem” (Evangelho de Tomé, versículo 113). *(Nota da Editora)*

3 Entre os Evangelhos não canônicos que se preservaram desde os primórdios da era cristã está o manuscrito incompleto conhecido como “Diálogo do Salvador”, composto aproximadamente no ano 150 d.C. e que permaneceu desaparecido até a descoberta dos manuscritos de Nag Hammadi, em 1945. Sua tradução em *The Complete Gospels: Annotated Scholar’s Version* inclui esta passagem (14:1-4):

Mateus disse: “Senhor, desejo ver aquele lugar (...) onde não há maldade, mas apenas pura luz.”

O Senhor disse: “Irmão Mateus, não serás capaz de vê-lo enquanto habitares o corpo.”

Mateus disse: “Senhor, mesmo que não possa vê-lo, deixa-me conhecê-lo.”

O Senhor disse: “Aqueles que conheceram a si mesmos, esses o viram.” *(Nota da Editora)*

4 De *Cosmic Chants: Spiritualized Songs for Divine Communion* [“*Cantos Cósmicos: Canções espiritualizadas para a comunhão divina*”], de Paramahansa Yogananda (publicado pela *Self-Realization Fellowship*).

5 *Bhagavad Gita* VI:26, 35-36.

6 “Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei. (...)

“Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra. (...)

“Pois que tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei num alto retiro, porque conheceu o meu nome. Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia, livrá-lo-ei, e o glorificarei. Dar-lhe-ei abundância de dias, e lhe mostrarei a minha salvação” (Salmos 91:1-16).

A RESPEITO DO AUTOR

Os ideais do amor por Deus e de serviço à humanidade manifestaram-se plenamente na vida de Paramahansa Yogananda. (...) Embora tenha passado fora da Índia a maior parte de sua vida, seu lugar é entre os nossos grandes santos. Sua obra continua a crescer e a luzir cada vez mais, sempre com maior brilho, levando pessoas de todos os recantos para o caminho da peregrinação em busca do Espírito.

Excerto de homenagem feita pelo governo da Índia ao lançar um selo comemorativo em memória de Paramahansa Yogananda.



Nascido na Índia em 5 de janeiro de 1893, Paramahansa Yogananda dedicou sua vida a ajudar pessoas de todas as raças e credos a compreender e manifestar mais plenamente, em suas vidas, a beleza, a nobreza e a verdadeira divindade do espírito humano.

Após ter colado grau na Universidade de Calcutá em 1915, professou, fazendo os votos solenes de um monge da venerável Ordem indiana dos *Swamis*. Dois anos mais tarde, iniciou a obra da sua vida com a fundação de uma escola da “arte de viver” – que, desde então, cresceria para transformar-se em 22 instituições educacionais por toda a Índia. Ali, ministravam-se as matérias acadêmicas tradicionais juntamente com o treinamento em *yoga* e educação nos ideais espirituais. Em 1920, foi convidado para ser delegado da Índia em um Congresso Internacional de Religiosos Liberais, em Boston, Massachussets. Seu discurso no Congresso e subsequentes conferências ao longo da costa leste dos Estados Unidos foram recebidos com entusiasmo, e em 1924 ele empreendeu uma viagem para proferir palestras através do continente.

Ao longo das três décadas seguintes, Paramahansa Yogananda contribuiu, em trabalhos de largo alcance, para promover maior consciência e melhor apreciação, no Ocidente, da sabedoria espiritual do Oriente. Em Los Angeles, estabeleceu a sede central da *Self-Realization Fellowship*, a organização religiosa não sectária por ele fundada em 1920. Por meio de seus escritos, longas viagens de conferências e a criação de numerosos templos e centros de meditação¹ da *Self-Realization*, ele instruiu milhares de

investigadores da verdade na antiga ciência e filosofia da *yoga* e seus métodos de meditação universalmente aplicáveis.

Hoje, a obra humanitária e espiritual por ele iniciada prossegue sob a direção de Irmão Chidananda, atual presidente da [Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India](#).² Além de publicar as conferências, obras e palestras informais de Paramahansa Yogananda (inclusive uma série abrangente de lições para estudo em casa), a sociedade também supervisiona seus templos, retiros e centros em todo o mundo, bem como as comunidades monásticas da *Self-Realization* e um Círculo Mundial de Orações.

Em artigo a respeito da vida e da obra de Sri Yogananda, Dr. Quincy Howe Jr., professor de idiomas antigos do Scripps College, escreveu: “Paramahansa Yogananda trouxe para o Ocidente não apenas a promessa eterna de que é possível alcançar a união com Deus, que a Índia nos oferece, mas também um método prático pelo qual os que aspiram à espiritualidade, de todos os caminhos da vida, podem perseguir essa meta com rapidez. Apreciado no Ocidente, inicialmente apenas em nível mais elevado e abstrato, o legado espiritual da Índia está agora acessível como experiência prática para todos aqueles que aspiram a conhecer Deus, não no além, mas aqui e agora. (...) Yogananda pôs, ao alcance de todos, os métodos de contemplação mais elevados.”

A vida e os ensinamentos de Paramahansa Yogananda estão descritos em sua [Autobiografia de um Iogue](#).

PARAMAHANSA YOGANANDA: UM IOGUE NA VIDA E NA MORTE

Paramahansa Yogananda entrou em *mahasamadhi* (a derradeira vez que um iogue abandona conscientemente seu corpo) em Los Angeles, Califórnia, em 7 de março de 1952, após concluir seu discurso num banquete em homenagem a Sua Excelência Binay R. Sen, embaixador da Índia.

O grande instrutor mundial demonstrou o valor da *yoga* (técnicas científicas para chegar à realização divina) não apenas em vida, como também na morte. Semanas após haver partido, sua face inalterada brilhava com o divino esplendor da incorruptibilidade.

O Sr. Harry T. Rowe, diretor do Cemitério de *Forest Lawn*, de Los Angeles (onde o corpo do grande mestre jaz temporariamente), enviou à *Self-Realization Fellowship* uma carta autenticada da qual se extraem os seguintes trechos:

“A ausência de quaisquer sinais visíveis de decomposição no cadáver de Paramahansa Yogananda constitui o mais extraordinário caso de nossa experiência. (...) Nenhuma desintegração física era visível no corpo, mesmo vinte dias após a morte. (...) Nenhum indício de bolor revelava-se em sua pele e nenhum dessecação (secagem) ocorreu nos tecidos orgânicos. Tal estado de preservação perfeita de um corpo, até onde vão nossos conhecimentos dos anais mortuários, não tem paralelo. (...) Ao receber o corpo de Yogananda, os funcionários do cemitério esperavam observar, através da tampa de vidro do ataúde, os costumeiros e progressivos sinais de decomposição física. Nossa admiração crescia à medida que os dias passavam sem trazer qualquer mudança visível no corpo em observação. O corpo de Yogananda estava aparentemente num estado fenomenal de imutabilidade.

“Nenhum odor de decomposição emanou de seu corpo em qualquer momento. (...) A aparência física de Yogananda em 27 de março, pouco antes de ser colocada a tampa de bronze no ataúde, era a mesma de 7 de março. Ele parecia, em 27 de março, tão cheio de frescor e intocado pela corruptibilidade como na noite de sua morte. Em 27 de março não havia,

em absoluto, motivo para se afirmar que seu corpo houvesse sofrido qualquer desintegração física visível. Por essas razões, declaramos novamente que o caso de Paramahansa Yogananda é único em nossa experiência.”

RECURSOS ADICIONAIS AOS ENSINAMENTOS DE *KRIYA* YOGA DE PARAMAHANSA YOGANANDA

A *Self-Realization Fellowship* dedica-se a auxiliar sem restrições os que buscam a verdade em todo o mundo. Para informações a respeito de nossas séries anuais de aulas e conferências públicas, meditações e serviços inspiradores em nossos templos e centros em todo o mundo, agendamento de retiros e outras atividades, convidamos o leitor a visitar nosso *website* ou nossa Sede Internacional:

www.yogananda.org

Self-Realization Fellowship
3880 San Rafael Avenue
Los Angeles, CA 90065-3219 U.S.A.
Tel.: +1 (323) 225-2471
Fax: +1 (323) 225-5088

LIÇÕES DA SELF-REALIZATION FELLOWSHIP

Orientação pessoal e instruções de Paramahansa Yogananda acerca das técnicas de meditação iogue e princípios de uma vida espiritual

Se você se sentiu atraído pelas verdades espirituais apresentadas em *A Ciência da Religião*, está convidado a inscrever-se para receber as *Lições da Self-Realization Fellowship*.

Durante suas viagens, Paramahansa Yogananda ministrou aulas aos aspirantes à verdade que estavam interessados num estudo mais profundo de seus ensinamentos. Essas instruções pessoais foram mais tarde compiladas, sob sua orientação, numa série especial de *Lições da Self-Realization Fellowship*. Paramahansa Yogananda criou esta série de lições para estudo em casa, a fim de dar aos buscadores sinceros da verdade a oportunidade de aprenderem e praticarem as antigas técnicas de meditação iogue apresentadas neste livro – inclusive a ciência de *Kriya Yoga*. As *Lições* também contêm a orientação prática dele para que se alcance o bem-estar físico, mental e espiritual.

As *Lições da Self-Realization Fellowship* estão disponíveis a uma taxa nominal (apenas para ajudar a cobrir os custos de impressão e correio). A todos os estudantes é dada, gratuitamente, por monges e monjas da *Self-Realization Fellowship*, orientação pessoal em sua prática.

Para mais informações...

Para solicitar um pacote abrangente de informações suplementares sobre as *Lições*, visite www.srflessons.org.

Também publicada pela Self-Realization Fellowship...

AUTOBIOGRAFIA DE UM IOGUE

Paramahansa Yogananda

Esta consagrada autobiografia apresenta o retrato fascinante de um dos maiores vultos espirituais contemporâneos. Com envolvente franqueza, eloquência e fino humor, Paramahansa Yogananda narra as passagens inspiradoras de sua vida: as experiências de sua infância extraordinária, os encontros com muitos santos e sábios durante sua busca na juventude, por toda a Índia, de um instrutor iluminado, os dez anos de treinamento no eremitério de um respeitado mestre iogue e os trinta anos que viveu – e durante os quais ensinou – na América. Registra também seus encontros com Mahatma Gandhi, Rabindranath Tagore, Luther Burbank, a estigmatizada católica Theresa Neumann e outras personalidades espirituais do Oriente e do Ocidente.

A [Autobiografia de um Iogue](#) é, a um tempo, belo relato de uma vida excepcional e introdução profunda à ciência milenar da *yoga*, com sua tradição imemorial de meditação. O autor explica claramente as leis sutis, mas definidas, implícitas tanto nos fatos corriqueiros da vida cotidiana quanto nos acontecimentos extraordinários que costumam ser chamados milagres. A história absorvente de sua vida se torna, então, o pano de fundo de um exame penetrante e inesquecível dos mistérios supremos da existência humana.

Publicado em 1946 e ampliado por Paramahansa Yogananda em 1951, o livro tem sido reimpresso permanentemente pela *Self-Realization Fellowship*. Considerada um clássico espiritual moderno, a obra já foi traduzida em mais de 50 idiomas e é amplamente utilizada como livro de texto e de referência em escolas e universidades. Esta edição completa é a única que reúne todas as modificações que o autor desejou para a versão final do texto, inclusive o extenso material que ele acrescentou à edição original de 1946. *Best-seller* permanente desde sua primeira edição, há mais de 70 anos, a *Autobiografia de um Iogue* tem conquistado o coração de milhões de leitores ao redor do mundo.

“Um raro relato.”

The New York Times

“Mantenho exemplares da *Autobiografia de um Iogue* espalhados pela casa e constantemente a dou de presente a pessoas que precisam mudar de vida. Eu digo: Leia isto, porque este livro toca o coração de todas as religiões.”

George Harrison

“Essas páginas revelam, com clareza e força incomparáveis, uma vida fascinante, uma personalidade de tão inaudita grandeza que, do começo ao fim, o leitor fica com o fôlego suspenso. (...) É preciso creditar a essa importante biografia o poder de deflagrar uma revolução espiritual.”

Schleswig-Holsteinische Tagespost, Alemanha

LIVROS DE PARAMAHANSA YOGANANDA

Disponíveis nas livrarias ou por intermédio da:

Distribuidora Omnisciência

www.omnisciencia.com.br



Autobiografia de um Iogue

A Segunda Vinda de Cristo — (Volumes I, II e III)

A ressurreição do Cristo interior

Deus Fala com Arjuna: O Bhagavad Gita — (Volumes I e II):

Ciência régia da realização divina

A Eterna Busca do Homem

O Romance com Deus

Jornada para a Autorrealização

A Ciência da Religião

A Yoga do Bhagavad Gita:

Introdução à ciência universal da Índia para a realização divina

Afirmações Científicas de Cura

Meditações Metafísicas

Assim Falava Paramahansa Yogananda

Onde Existe Luz:

Discernimento e inspiração para enfrentar os desafios da vida

No Santuário da Alma:

Como orar para obter a resposta divina

Paz Interior:

Como ser calmamente ativo e ativamente calmo

Como Falar com Deus

A Lei do Sucesso

Viva Sem Medo

Para Ser Vitorioso na Vida

Por Que Deus Permite o Mal e Como Superá-lo

Diário Espiritual:

Um pensamento inspirador para cada dia do ano

LIVROS DE OUTROS AUTORES

Swami Sri Yukteswar

A Ciência Sagrada

Sri Daya Mata

“Só o Amor”:

Como viver espiritualmente num mundo em transformação

No Silêncio do Coração:

Como criar um relacionamento amoroso com Deus

Intuição:

Orientação da alma para as decisões da vida

COLEÇÃO “A ARTE DE VIVER”

Livretos contendo palestras de Paramahansa Yogananda ou de discípulos seus

Paramahansa Yogananda

A Cura pelo Poder Ilimitado de Deus

Mrinalini Mata

O Relacionamento Guru-Discípulo

Irmão Anandamoy

Casamento Espiritual

COLEÇÃO INFANTOJUVENIL

Dois Sapos em Apuros

(Baseado numa fábula narrada por Paramahansa Yogananda)

DVD (DOCUMENTÁRIO)

AWAKE: A Vida de Yogananda

Um filme de CounterPoint Films

O catálogo completo das publicações da *Self-Realization Fellowship*, incluindo CDs e DVDs, está disponível em nosso *website* ou pode ser solicitado diretamente à nossa Sede Internacional.

Self-Realization Fellowship
3880 San Rafael Avenue • Los Angeles, CA 90065-3219 U.S.A.
Tel.: +1 (323) 225-2471
Fax: +1 (323) 225-5088

www.srfbooks.org

OBJETIVOS E IDEAIS DA *SELF-REALIZATION FELLOWSHIP*

Estabelecidos por
Paramahansa Yogananda, Fundador
Irmão Chidananda, Presidente

Disseminar entre as nações o conhecimento de técnicas científicas definidas para atingir a experiência pessoal e direta de Deus.

Ensinar que o propósito da vida é a evolução, mediante o esforço pessoal, da consciência mortal limitada do homem para a Consciência de Deus e, para esse fim, estabelecer templos da *Self-Realization Fellowship*, no mundo todo, para a comunhão com Deus, e estimular o estabelecimento de templos individuais para Deus nos lares e nos corações dos homens.

Revelar a unidade básica e a completa harmonia entre o Cristianismo original ensinado por Jesus Cristo e a *Yoga* original ensinada por Bhagavan Krishna, e mostrar que esses princípios da verdade são o fundamento científico comum de todas as verdadeiras religiões.

Apontar a divina e única estrada preferencial para a qual todas as sendas das verdadeiras crenças religiosas levam afinal: a estrada da meditação em Deus, diária, científica e devocional.

Libertar o homem de seu tríplice sofrimento: a doença física, as desarmonias mentais e a ignorância espiritual.

Estimular o “viver com simplicidade e pensar com elevação” e difundir o espírito de fraternidade entre todos os povos, ensinando-lhes o eterno alicerce de sua unidade: a filiação a Deus.

Demonstrar a superioridade da mente sobre o corpo, e da alma sobre a mente.

Vencer o mal com o bem, a tristeza com a alegria, a crueldade com a afabilidade, a ignorância com a sabedoria.

Unir a ciência e a religião mediante a compreensão da unidade de seus princípios subjacentes.

Preconizar a compreensão cultural e espiritual entre o Oriente e o Ocidente e o intercâmbio de suas características distintivas mais refinadas.

Servir a humanidade como seu próprio Eu ampliado.

GLOSSÁRIO ³

alma. Espírito individualizado. A alma é a natureza verdadeira e imortal do homem e de todas as formas dotadas de vida; reveste-se, apenas temporariamente, dos corpos causal, astral e físico. A natureza da alma é o Espírito: Alegria sempre-existente, sempre-consciente, sempre-nova.

Arjuna. Excelso discípulo a quem Bhagavan Krishna transmitiu a mensagem imortal do *Bhagavad Gita* (*); um dos cinco príncipes Pandava e figura-chave da grande epopeia hindu, o *Mahabharata*.

Autorrealização. Paramahansa Yogananda definiu Autorrealização da seguinte maneira: “Autorrealização é o conhecimento – no corpo, na mente e na alma – de que somos um com a onipresença de Deus; de que não temos que orar para que ela venha a nós, que não estamos meramente sempre próximos dela, mas de que a onipresença de Deus é nossa própria onipresença; de que somos parte Dele agora, tanto quanto haveremos sempre de ser. Só o que precisamos é aperfeiçoar nosso conhecimento.”

avatar. Do sânscrito *avatara*, composto pelas raízes *ava*, “para baixo”, e *tri*, “passar”. As almas que alcançam a união com o Espírito e, depois, voltam à Terra para ajudar a humanidade são chamadas avatares, encarnações divinas.

avidya. Literalmente, “não conhecimento”, ignorância; manifestação, no homem, de *maya*, a ilusão cósmica (*). Essencialmente, *avidya* é a ignorância do homem quanto à sua natureza divina e à única realidade: o Espírito.

Babaji. Ver [Mahavatar Babaji](#).

Bhagavad Gita. “Cântico do Senhor”. Antiga escritura indiana, composta de dezoito capítulos do sexto livro (*Bhishma Parva*) da epopeia *Mahabharata*. Apresentado sob a forma de um diálogo entre o avatar (*) Senhor Krishna e seu discípulo Arjuna, na véspera da histórica batalha de *Kurukshetra*, o *Gita* é um profundo tratado da ciência da *Yoga* (união com Deus) e uma receita intemporal de felicidade e êxito na vida cotidiana. Além de histórico, o *Gita* é também uma alegoria, uma dissertação espiritual a respeito da batalha interior entre as tendências boas e más do homem. Dependendo do contexto, Krishna simboliza o guru, a alma ou Deus; Arjuna representa o devoto aspirante. Mahatma Gandhi escreveu a respeito dessa escritura universal: “Aqueles que meditam no *Gita*, dele extraem uma alegria renovada e novos significados a cada dia. Não há um só emaranhado espiritual que o *Gita* não possa desembaraçar.”

As citações do *Bhagavad Gita* neste livro são da própria tradução de Paramahansa Yogananda, em seu livro *Deus Fala com Arjuna: O Bhagavad Gita – Ciência régia da realização divina* (publicado pela *Self-Realization Fellowship*).

Bhagavan Krishna. Avatar (*) que viveu como rei na Índia antiga, séculos antes da era cristã. Um dos significados atribuídos à palavra *Krishna* nas escrituras hindus é “Espírito Onisciente”. Assim, *Krishna*, como *Cristo*, é um título espiritual que denota a grandeza divina do avatar – sua unidade com Deus. O título *Bhagavan* significa “Senhor”. Em sua infância, Krishna vivia como vaqueiro, encantando os companheiros com a música de sua flauta. Nesse papel, Krishna representa, alegoricamente, a alma que toca a flauta da meditação para guiar todos os pensamentos extraviados de volta para o curral da onisciência.

Bhakti Yoga. Via espiritual de acesso a Deus, com ênfase no amor de entrega total como o principal meio para se chegar à união e comunhão divinas. Ver [Yoga](#).

Brahman (Brahma). Espírito Absoluto. *Brahman* é às vezes escrito em sânscrito *Brahma* (com um “a” breve no final); mas o significado é o mesmo de *Brahman*: o Espírito ou Deus-Pai, não o conceito limitado e pessoal de “Brahma, o Criador” da tríade *Brahma-Vishnu-Shiva* (escrito com um “a” longo no final, *Brahmâ*). Ver [Brahma-Vishnu-Shiva](#).

Brahma-Vishnu-Shiva. Três aspectos da imanência de Deus na criação. Representam a função trinitária da Inteligência Crística (*Tat*) que guia as atividades de criação, preservação e destruição da Natureza Cósmica. Ver [Trindade](#).

bulbo raquiano. Essa estrutura, na base do crânio (topo da medula espinal) é o principal ponto de entrada da energia vital (*prana*) no corpo. É a sede do sexto centro cerebrospectral, cuja função consiste em receber e distribuir a energia cósmica. A força vital é armazenada no sétimo centro (*sahasrara*), na parte superior do cérebro. Desse reservatório, ela se distribui por todo o corpo. O centro sutil no bulbo raquiano é o principal comutador que controla a entrada, o armazenamento e a distribuição da força vital.

centro crístico. *Kutastha* ou *ajna chakra*, no ponto entre as sobrancelhas, diretamente relacionado, por polaridade, ao bulbo raquiano (*); centro da vontade, da concentração e da Consciência Crística (*); sede do olho espiritual (*).

chakras. Em *Yoga*, os sete centros de vida e consciência, ocultos na coluna vertebral e no cérebro, que vitalizam os corpos astral e físico do homem. Esses centros são denominados *chakras* (“rodas”), porque a energia concentrada em cada um assemelha-se a um cubo de roda, de onde partem raios de luz e energia vital. Em ordem ascendente, são estes os *chakras*: *muladhara* (o cóccigeo, na base da coluna); *svadhisthana* (o sacro, cinco centímetros acima do *muladhara*); *manipura* (o lombar, oposto ao umbigo); *anahata* (o dorsal, oposto ao coração); *vishuddha* (o cervical, na base do pescoço); *ajna* (tradicionalmente localizado entre as sobrancelhas, mas, na realidade, diretamente ligado por polaridade ao bulbo raquiano; ver também [bulbo raquiano](#) e [olho espiritual](#)); e *sahasrara* (na parte superior do cérebro).

Os sete centros são saídas divinamente planejadas ou “alçapões”, através dos quais a alma desceu ao corpo e pelos quais precisa reascender, pelo processo da meditação. Em sete etapas sucessivas, a alma escapa para a Consciência Cósmica. Em sua ascensão consciente pelos sete centros cerebrospectrais abertos ou “despertados”, a alma percorre a estrada para o Infinito, o verdadeiro caminho pelo qual ela precisa inverter sua trajetória anterior e voltar a unir-se a Deus.

Os tratados de *Yoga* geralmente consideram *chakras* apenas os seis centros inferiores, referindo-se ao *sahasrara* separadamente, como um sétimo centro. Todos os sete, porém, costumam ser comparados a flores de lótus, cujas pétalas se abrem ou se voltam para cima, durante o despertar espiritual, quando a vida e a consciência ascendem pela coluna vertebral.

chitta. Sentimento intuitivo; o composto da consciência, intrínsecos ao qual estão: *ahamkara* (egoísmo), *buddhi* (inteligência) e *manas* (mente ou consciência dos sentidos).

Consciência Cósmica. O Absoluto; o Espírito transcendente existindo para além da criação; Deus-Pai. Também significa o estado meditativo de *samadhi*, união com Deus tanto dentro da criação vibratória quanto para além dela. Ver [Trindade](#).

Consciência Crística. A consciência projetada de Deus, imanente em toda a criação. Nas escrituras cristãs, é chamada de “o Filho unigênito”, o único reflexo puro de Deus-Pai na criação; nas escrituras hindus, chama-se *Kutastha Chaitanya* ou *Tat*, a consciência universal ou inteligência cósmica do Espírito, presente em toda a criação. (Os termos “Consciência Crística” e “Inteligência Crística” são sinônimos, como também “Cristo Cósmico” e “Cristo Infinito”.) É a consciência universal, a unidade com Deus manifestada por Jesus, Krishna e outros avatares. Os grandes santos e iogues a conhecem, na meditação, como o estado de *samadhi* (*), em que suas consciências passam a identificar-se com a inteligência divina presente em cada partícula da criação; eles sentem o universo inteiro como seu próprio corpo. Ver [Trindade](#).

Consciência de Krishna. Consciência Crística; *Kutastha Chaitanya*. Ver [Consciência Crística](#).

consciência, estados de. Em consciência mortal, o homem experimenta três estados: consciência de vigília, consciência de sono e consciência de sonho. Mas ele não experimenta sua alma, a superconsciência, nem experimenta a Deus. O homem-Cristo, sim. Assim como o homem mortal tem consciência de todo o seu corpo, o homem crístico está cênscio de todo o universo, que sente como seu próprio corpo. Para além do estado de consciência crística está a consciência cósmica: a experiência da unidade com Deus, não só em Sua consciência absoluta, além da criação vibratória, como também em Sua onipresença, manifestada nos mundos dos fenômenos.

corpo astral. Corpo sutil do homem, feito de luz, *prana* ou vitátrons; o segundo dos três envoltórios que abrigam sucessivamente a alma: o corpo causal (*), o corpo astral e o corpo físico. Os poderes do corpo astral dão vida ao corpo físico, assim como a eletricidade ilumina a lâmpada. O corpo astral tem 19 elementos: inteligência, ego, sentimento, mente (consciência dos sentidos), cinco instrumentos de conhecimento (poderes sensórios nos órgãos físicos de visão, audição, olfato, paladar e tato), cinco instrumentos de ação (poderes executivos nos instrumentos físicos de procriação, excreção, fala, locomoção e exercício da habilidade manual) e cinco instrumentos de força vital que realizam as funções de circulação, metabolismo, assimilação, cristalização e eliminação.

corpo causal. Essencialmente, como alma, o homem é um ser de corpo causal. Esse corpo é a matriz ideativa para os corpos astral e físico. O corpo causal compõe-se de 35 ideias elementares, correspondentes aos 19 elementos do corpo astral (*), mais os 16 elementos materiais, básicos, do corpo físico.

Cristo. O título honorífico de Jesus: Jesus, o Cristo. Esse termo também significa a inteligência universal de Deus, imanente na criação (algumas vezes denominada Cristo Cósmico ou Cristo Infinito), ou é empregado ao se referir aos grandes mestres que alcançaram a união com essa Consciência Divina. (A palavra grega *Christos* significa “ungido”, o mesmo valendo para a palavra hebraica *Messiah*.) Ver também [Consciência Crística](#) e [Kutastha Chaitanya](#).

dharma. Os princípios eternos de justiça que sustentam toda a criação; o dever inerente ao ser humano de viver em harmonia com esses princípios. Ver [Sanatana Dharma](#).

discípulo. Aspirante espiritual que, desejando ser apresentado a Deus, procura um guru e, com esse objetivo, estabelece com ele um relacionamento espiritual eterno. Na *Self-Realization Fellowship*, o relacionamento guru-discípulo se estabelece com *diksha*, iniciação, em *Kriya Yoga*. Ver também [guru](#) e [Kriya Yoga](#).

egoísmo. O princípio do ego, *ahamkara* (lit., “eu faço”), é a causa básica do dualismo ou aparente separação entre o homem e seu Criador. *Ahamkara* leva os seres humanos a submeterem-se ao jugo de *maya* (*), pela qual o sujeito (ego) falsamente aparece como objeto; as criaturas imaginam-se criadoras. Eliminando a consciência do ego, o homem desperta para sua identidade divina, sua unidade com a Vida Única: Deus.

elementos (cinco). A Vibração Cósmica, ou *Om*, estrutura toda a criação física, inclusive o corpo físico do homem, manifestando-se como cinco *tattvas* (elementos): terra, água, fogo, ar e éter (*). São forças estruturais, de natureza vibratória e inteligente. Sem o elemento terra, não haveria o estado de matéria sólida; sem o elemento água, não haveria o estado líquido; sem o elemento ar, não haveria o estado gasoso; sem o elemento fogo, não haveria calor; sem o elemento éter, não haveria tela sobre a qual projetar o filme cósmico. No corpo, *prana* (energia cósmica vibratória) entra no bulbo raquiano e divide-se em cinco correntes elementares, por ação dos cinco centros, ou *chakras* (*), inferiores: coccígeo (terra), sacro (água), lombar (fogo), dorsal (ar) e cervical (éter). A terminologia sânscrita para esses elementos é: *prithivi, ap, tej, prana e akash*.

energia cósmica. Ver [prana](#).

Espírito Santo. A sagrada Vibração Cósmica Inteligente que Deus projetou para dar estrutura e sustentação à criação a partir de Sua própria Essência vibratória. Corresponde, portanto, à Sagrada Presença de Deus, o Seu Verbo, presente em todo o universo e em cada forma, veículo do perfeito reflexo universal de Deus, a Consciência Crística (*). O Consolador, a Mãe Natureza Cósmica, *Prakriti* (*). Ver [Om](#) e [Trindade](#).

“Espírito Santo” é sinônimo de “Sopro Sagrado” – termo usado em algumas traduções modernas da Bíblia. São, ambos, traduções das mesmas palavras em grego e hebraico. O hebraico *ruach* e o grego *pneuma* são usados em conotação com uma série de ideias: espírito, respiração e vento – em geral, o princípio vital do homem e do cosmos. (O mesmo se dá no latim, em que *inspiração* refere-se tanto ao alento inspirado quanto ao espírito divino e criativo, e no sânscrito, em que *prana* significa tanto a respiração quanto a sutil força vital astral que sustenta o corpo, e a Energia Cósmica Vibratória, que sustenta e apoia cada partícula da criação.)

éter. Em sânscrito, a palavra *akash*, traduzida como “éter” e “espaço”, refere-se ao mais sutil dos elementos vibratórios do mundo material. (Ver [elementos](#).) Deriva de *â*, “para”, e *kasha*, “ser visível, aparecer”. *Akasha* é a “tela” sutil sobre a qual tudo que existe no universo material torna-se perceptível. “O espaço dá dimensão aos objetos; o éter separa as imagens”, disse Paramahansa Yogananda. “O espaço, permeado pelo éter, é a fronteira entre o céu, ou mundo astral, e a terra”, ele explicou. “Todas as forças mais sutis que Deus criou são compostas de luz ou formas-pensamento, e estão apenas escondidas por trás de uma vibração específica que se manifesta como éter.”

Eu [Self]. Com letra maiúscula, designa o “*atman*”, a alma, diferente do eu comum, que constitui a personalidade ou ego. O Eu é o Espírito individualizado, cuja natureza é alegria sempre-existente, sempre-consciente, sempre-nova. Pela meditação, obtém-se a experiência desses atributos divinos da natureza da alma. [Dependendo do contexto, *Self* foi traduzido pelos termos Eu, Auto- ou Si-Mesmo. (Nota da Editora)]

força vital. Ver [prana](#).

guru. Mestre espiritual. Embora a palavra *guru* seja muitas vezes usada incorretamente para designar

qualquer professor ou instrutor, um verdadeiro guru, divinamente iluminado, é aquele que, ao alcançar o autodomínio, experimentou sua identidade com o Espírito onipresente. Tal indivíduo está singularmente qualificado para guiar os que buscam a verdade em sua jornada interior para a realização divina.

Quando um devoto está preparado para buscar Deus com determinação, o Senhor envia-lhe um guru. Deus guia o discípulo por meio da sabedoria, da inteligência, da Autorrealização e dos ensinamentos desse mestre. Seguindo os ensinamentos e a disciplina do mestre, o discípulo satisfaz o desejo de sua alma pelo maná da percepção de Deus. Um guru verdadeiro, designado por Deus para ajudar os buscadores sinceros em resposta ao profundo anseio de suas almas, não é um professor comum: é um veículo humano, cujo corpo, palavra, mente e espiritualidade são usados por Deus como canais para atrair almas perdidas de volta a seu lar de imortalidade. Um guru é a encarnação viva da verdade das escrituras. É o agente da salvação, ordenado por Deus em resposta à exigência de um devoto para libertar-se da escravidão à matéria.

“Manter-se na companhia do Guru”, escreveu Swami Sri Yukteswar em *A Ciência Sagrada*, “é não apenas estar em sua presença física (porque isso algumas vezes é impossível), mas significa principalmente conservá-lo em nossos corações, estarmos unificados com ele em princípio e nos sintonizarmos com ele.” Ver [mestre](#).

Gurus da *Self-Realization Fellowship*. Os Gurus da *Self-Realization Fellowship* (*Yogoda Satsanga Society of India*) são Jesus Cristo, Bhagavan Krishna e a linhagem de excelsos mestres da idade contemporânea: Mahavatar Babaji, Lahiri Mahasaya, Swami Sri Yukteswar e Paramahansa Yogananda. Demonstrar a harmonia e a unidade essenciais entre os ensinamentos de Jesus Cristo e os preceitos da *Yoga* de Bhagavan Krishna é parte integrante da missão da SRF. Todos esses Gurus, por seus ensinamentos universais e mediação divina, contribuem para que se cumpra a missão da *Self-Realization Fellowship*: oferecer a todos os homens uma ciência espiritual, prática, de realização divina.

A transferência do manto espiritual a um discípulo designado para levar avante a linhagem à qual seu guru pertence denomina-se *guru parampara*. Assim, a linhagem direta de gurus de Paramahansa Yogananda é formada por Mahavatar Babaji, Lahiri Mahasaya e Swami Sri Yukteswar.

Antes de deixar o corpo, Paramahansaji afirmou ser a vontade de Deus que ele fosse o último na linhagem dos Gurus da *Self-Realization Fellowship*. Nenhum discípulo sucessor ou líder de sua organização jamais assumirá o título de guru. “Quando eu me for”, ele disse, “os ensinamentos serão o guru. (...) Por meio dos ensinamentos, vocês estarão em sintonia comigo e com os grandes Gurus que me enviaram.”

Quando perguntado sobre a sucessão na presidência da *Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India*, Paramahansaji afirmou: “Sempre haverá homens e mulheres de realização divina na liderança desta organização. Eles já são conhecidos de Deus e dos Gurus, e servirão como meus sucessores espirituais e representantes em todas as questões de ordem espiritual e administrativa.”

homem. A palavra é derivada da mesma raiz do sânscrito *manas*, mente – a capacidade exclusivamente humana de pensar com racionalidade. A ciência da *yoga* trata da consciência humana na perspectiva do Eu (*atman*), essencialmente andrógino. Como não há, em português, outro termo que transmita essas verdades psicológicas e espirituais sem excessiva inaptidão literária, retivemos nesta publicação o uso da palavra *homem* e termos correlatos – não no sentido

estreito e exclusivo, quando se refere a apenas a metade da raça humana, mas em seu sentido original, mais amplo.

ilusão cósmica. Ver [maya](#).

intuição. Faculdade onisciente da alma que permite ao homem experimentar a percepção direta da verdade sem a intermediação dos sentidos.

iogue. Indivíduo que pratica *Yoga* (*). Quem pratica uma técnica científica para alcançar a realização divina é um iogue. Pode ser casado ou solteiro, pessoa de responsabilidades mundanas ou que tenha feito votos religiosos formais.

Jnana Yoga. (Pronuncia-se *gyana ioga* [“gy” como “gui” em “guitarra”].) Senda de união com Deus, pela transmutação do poder discernidor do intelecto na sabedoria onisciente da alma.

karma. Efeitos de ações passadas, desta vida ou de vidas anteriores; do sânscrito, *kri*, fazer. A lei equilibradora do *karma*, exposta nas escrituras hindus, é a da ação e reação, causa e efeito, semeadura e colheita. No processo da justiça natural, cada homem, por seus pensamentos e ações, vem a ser o modelador de seu destino. Quaisquer energias que ele próprio, sábia ou insensatamente, tenha posto em movimento, voltam para ele, a seu ponto de partida, como um círculo completando inexoravelmente a si mesmo. Entender o *karma* como lei de justiça serve para libertar a mente humana do ressentimento contra Deus e contra o homem. O *karma* de uma pessoa a segue, encarnação após encarnação, até que seja cumprido ou espiritualmente transcendido. Ver [reencarnação](#).

As ações cumulativas dos seres humanos em suas comunidades, nas nações ou no mundo como um todo constituem o *karma* coletivo, que produz efeitos locais ou de ampla extensão, segundo o grau e a predominância do bem ou do mal. Pensamentos e ações de cada homem, portanto, contribuem para o bem ou para o mal do mundo e de todos os povos que nele vivem.

Karma Yoga. Caminho para Deus por meio da ação e do serviço desinteressados. Pelo serviço altruísta, pela oferta a Deus dos frutos de suas ações e por enxergá-Lo como o único Fazedor, o devoto liberta-se do ego e alcança a experiência de Deus. Ver [Yoga](#).

Krishna. Ver [Bhagavan Krishna](#).

Kriya Yoga. Sagrada ciência espiritual que se originou na Índia, há milênios. Inclui determinadas técnicas de meditação cuja prática devotada leva à realização divina. Paramahansa Yogananda explicou que a raiz sânscrita da palavra *kriya* é *kri*, fazer, agir e reagir; a mesma raiz encontra-se na palavra *karma*, o princípio natural de causa e efeito. *Kriya Yoga* é, portanto, “união (*yoga*) com o Infinito por meio de uma certa ação ou rito (*kriya*).” *Kriya Yoga* é exaltada por Krishna, no *Bhagavad Gita* e por Patânjali, no *Yoga Sutras*. Revivida nesta era por Mahavatar Babaji (*), *Kriya Yoga* é a *diksha* (iniciação espiritual) concedida pelos Gurus da *Self-Realization Fellowship*. Desde o *mahasamadhi* (*) de Paramahansa Yogananda, a *diksha* é dada por seu representante espiritual autorizado, o(a) presidente da *Self-Realization Fellowship/Yogoda Satsanga Society of India* (ou alguém por ele[a] indicado). Os membros da *Self-Realization* qualificam-se para receber *diksha* após preencherem certos requisitos espirituais preliminares. Quem recebe *diksha* é um *kriya* iogue ou *kriyaban*. Ver também [guru](#) e [discípulo](#).

kundalini. A poderosa corrente de energia vital criadora que reside em uma passagem sutil espiralada, na base da coluna vertebral. Na consciência comum de vigília, a força vital do corpo

desce do cérebro para a coluna e flui através dessa passagem espiralada de *kundalini*, conferindo vida ao corpo físico e mantendo presos à forma mortal os corpos astral (*) e causal (*) e a alma que neles habita. Nos estados superiores de consciência, que são o objetivo da meditação, a energia de *kundalini* é revertida, de maneira a ascender de volta pela coluna vertebral, para despertar as faculdades espirituais que permanecem adormecidas nos centros cerebrosais (*chakras*). Também denominada “força serpentina”, em virtude de sua configuração espiralada.

Kutastha Chaitanya. Consciência Crística (*). A palavra sânscrita *kutastha* significa “aquilo que permanece inalterado”; *chaitanya* significa consciência.

Lahiri Mahasaya. *Lahiri* era o sobrenome de Shyama Charan Lahiri (1828-1895). *Mahasaya*, um título religioso sânscrito, significa “de mente vasta”. Lahiri Mahasaya foi discípulo de Mahavatar Babaji e guru de Swami Sri Yukteswar (guru de Paramahansa Yogananda). Lahiri Mahasaya foi o discípulo a quem Mahavatar Babaji revelou a antiga, quase perdida, ciência de *Kriya Yoga* (*). Um *Yogavatar* (“Encarnação da *Yoga*”), foi figura seminal no reavivamento da *yoga* na Índia moderna ao instruir e abençoar inúmeros buscadores que o procuravam, sem levar em conta sua casta ou credo. Foi um mestre semelhante a Cristo, dotado de poderes miraculosos, mas também um homem de família com responsabilidades profissionais, que demonstrou para o mundo moderno como se pode alcançar uma vida equilibrada ideal ao se combinar a meditação com o desempenho correto dos deveres externos. A vida de Lahiri Mahasaya está descrita no livro *Autobiografia de um Iogue*.

Lições da Self-Realization Fellowship. Os ensinamentos de Paramahansa Yogananda, enviados a estudantes do mundo inteiro em uma série de lições disponíveis a todas as pessoas que buscam sinceramente a verdade. Essas lições contêm as técnicas de meditação iogue ensinadas por Paramahansa Yogananda, incluindo, para os que preenchem certos requisitos, a técnica de *Kriya Yoga* (*).

Mãe Divina. O aspecto de Deus que é ativo na criação, a *shakti* ou o poder do Criador Transcendente. Outros termos para esse aspecto da Divindade são *Om*, *Shakti*, Espírito Santo, Vibração Cósmica Inteligente, Natureza ou *Prakriti*. Também o aspecto pessoal de Deus, que corporifica o amor e as qualidades compassivas próprias da mãe.

As escrituras hindus ensinam que Deus é tanto imanente quanto transcendente, tanto pessoal quanto impessoal. Ele pode ser buscado como o Absoluto; como uma de Suas qualidades eternas manifestas, quais sejam, amor, sabedoria, bem-aventurança, luz; na forma de um *ishta* (deidade); ou concebido como Pai, Mãe ou Amigo.

Mahavatar Babaji. O imortal *Mahavatar* (“grande avatar”) que, em 1861, deu iniciação em *Kriya Yoga* (*) a Lahiri Mahasaya e, desse modo, devolveu ao mundo a antiga técnica de salvação. Perenemente jovem, ele tem vivido há séculos no Himalaia, concedendo uma bênção permanente ao mundo. Sua missão tem sido auxiliar os profetas no desempenho de suas missões específicas. Muitos títulos indicativos de sua altíssima estatura espiritual lhe têm sido conferidos, mas o *mahavatar* geralmente usa o simples nome de Babaji, do sânscrito *baba*, “pai”, acrescido do sufixo *ji*, que denota respeito. Mais informações sobre sua vida e missão espiritual encontram-se no livro *Autobiografia de um Iogue*. Ver [avatar](#).

mal. A força satânica que obscurece a onipresença de Deus na criação, manifestando-se como desarmonias no homem e na natureza. É, também, um termo amplo que define tudo o que seja contrário à lei divina (ver [dharma](#)), que leva o homem a perder a consciência de sua unidade

essencial com Deus e que o impede de alcançar a realização divina.

Mantra Yoga. Comunhão divina obtida pela repetição concentrada e devocional de certos sons de palavras-raízes que têm uma potência vibratória espiritualmente benéfica. Ver [Yoga](#).

maya. Poder ilusor intrínseco à estrutura da criação, por meio do qual o Um aparece como muitos. *Maya* é o princípio da relatividade, da inversão, do contraste, da dualidade, dos pares de opostos; é o Satã (literalmente, em hebraico, “o adversário”) dos profetas do Antigo Testamento; e o “diabo” a quem Cristo descreveu de maneira pitoresca como “assassino” e “mentiroso”, porque “não há verdade nele” (João 8:44).

Paramahansa Yogananda escreveu:

“A palavra sânscrita *maya* significa ‘a medidora’. Trata-se do poder mágico na criação por meio do qual surge uma aparência de limitação e divisão no Imensurável e Indivisível. *Maya* é a própria Natureza – os mundos dos fenômenos, sempre em fluxo transicional, como antíteses à Imutabilidade Divina.

“No plano de Deus e em Seu jogo (*lila*), a única função de Satã ou *Maya* é tentar desviar o homem do Espírito para a matéria, da Realidade para a irrealidade. ‘O diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo’ (I João 3:8). Isto é, a manifestação da Consciência Crística, dentro do próprio ser do homem, destrói facilmente as ilusões ou ‘obras do diabo’.

“*Maya* é o véu de transitoriedade da Natureza, o incessante devir da criação; o véu que cada homem precisa levantar para ver, por trás, o Criador – o sempre Imutável, a Realidade eterna.”

meditação. Em sentido geral, a concentração interiorizada com o objetivo de perceber Deus. A verdadeira meditação, *dhyana*, é a experiência consciente de Deus por meio da percepção intuitiva. É alcançada somente depois que o devoto atingiu a concentração fixa que o capacita a desligar sua atenção dos sentidos e a permanecer inteiramente livre das impressões sensoriais provenientes do mundo exterior. *Dhyana* é o sétimo passo do Caminho Óctuplo da *Yoga*, descrito por Patânjali, no qual o oitavo é *samadhi*, comunhão, unidade com Deus. Ver [Patânjali](#).

mente superconsciente. O poder onisciente da alma, que percebe a verdade diretamente; intuição.

mestre. Quem alcançou o autodomínio. Paramahansa Yogananda salientou que “as qualificações que distinguem um mestre não são físicas, mas espirituais. (...) A prova de que alguém é um mestre está apenas na sua capacidade de entrar, à vontade, no estado de não respiração (*savikalpa samadhi*) e de alcançar a bem-aventurança imutável (*nirvikalpa samadhi*).” Ver [samadhi](#).

Paramahansa também afirma: “Todas as escrituras proclamam que o Senhor criou o homem à Sua onipotente imagem. O controle sobre o universo parece sobrenatural, mas, na verdade, esse poder é natural e inerente a todos os seres humanos que alcançam a ‘lembrança correta’ de sua origem divina. Homens de realização divina (...) estão livres do princípio do ego (*ahamkara*) e de seus surtos de desejos pessoais; as ações dos verdadeiros mestres estão em harmoniosa conformidade com *rita*, justiça natural. Nas palavras de Emerson, todos as grandes almas tornam-se ‘não virtuosas, mas a Virtude; então, a finalidade da criação é cumprida e Deus Se mostra satisfeito’.”

mundo astral. Esfera sutil da criação do Senhor, um universo de luz e cores, composto de forças mais sutis que as atômicas, ou seja, vibrações de energia vital ou vitátrons (ver [prana](#)). Toda criatura, todo objeto, toda vibração no plano material tem uma duplicata astral, pois no universo

astral (o céu) está o projeto do nosso universo físico. Por ocasião da morte física, a alma humana, em seu corpo astral de luz, vai para um dos planos astrais, superiores ou inferiores, de acordo com seu mérito, para continuar a evolução espiritual na liberdade maior desse domínio sutil. Ali permanece, por um tempo predeterminado pelo *karma*, até renascer no plano físico.

mundo causal. Por trás do mundo físico de matéria (átomos, prótons, elétrons) e do mundo astral sutil de energia vital luminosa (vitátrons), existe o mundo causal ou ideativo, o mundo dos pensamentos (ideátrons). Depois que o homem evoluiu o suficiente para transcender os universos físico e astral, ele habita o universo causal. Na consciência dos seres causais, os universos físico e astral reverterem à sua essência-pensamento. Tudo o que o homem físico pode fazer na imaginação, o homem causal pode fazer na realidade – sendo o pensamento em si a única limitação. Por fim, o homem desprende-se do último envoltório da alma, o corpo causal, para unir-se ao Espírito onipresente, que está para além de todos os domínios vibratórios.

olho espiritual. O olho único da intuição e da percepção onipresente, localizado no centro crístico (*ajna chakra, Kutastha*), entre as sobrancelhas. O devoto que medita profundamente contempla o olho espiritual como um anel de luz dourada que circunda uma esfera de cor azul-opalino, em cujo centro está uma estrela branca de cinco pontas. Microcosmicamente, essas formas e cores sintetizam, respectivamente, o reino vibratório da criação (Natureza Cósmica, Espírito Santo); o Filho ou inteligência de Deus na criação (Consciência Crística) e o Espírito sem vibração, para além de toda a criação (Deus-Pai).

O olho espiritual é a porta de acesso aos estados supremos de consciência divina. Em meditação profunda, à medida que a consciência do devoto penetra o olho espiritual, para os três reinos ali sintetizados, ele experimenta sucessivamente os seguintes estados: superconsciência ou a alegria sempre nova da percepção da alma e da unidade com Deus como *Om* (*) ou o Espírito Santo; consciência crística, unidade com a inteligência universal de Deus em toda a criação; e consciência cósmica, unidade com a onipresença de Deus que está, simultaneamente, além e dentro da manifestação vibratória. Ver também, [consciência, estados de](#); [superconsciência](#); [Yoga](#).

Explicando uma passagem de Ezequiel (43:1-2), Paramahansa Yogananda escreveu: “Através do olho divino na testa (oriental), o iogue faz deslizar sua consciência para a onipresença, ouvindo o Verbo ou *Om*, o som divino ‘de muitas águas’: as vibrações de luz que constituem a única realidade da criação”. Eis as palavras de Ezequiel: “Então me levou à porta, à porta que olha para o caminho do oriente. E eis que a glória do Deus de Israel vinha do caminho do oriente; e a sua voz era como a voz de muitas águas, e a terra resplandeceu por causa da sua glória.”

Jesus também se referiu ao olho espiritual: “Sendo pois o teu olho único, também todo o teu corpo será luminoso. (...) Vê pois que a luz que em ti há não sejam trevas” (Lucas 11:34-35).

Om (Aum). A palavra-raiz ou radical sonoro que, em sânscrito, simboliza o aspecto de Deus que cria e mantém todas as coisas; Vibração Cósmica. O *Aum* (*Om*) dos *Vedas* tornou-se a palavra sagrada *Hum* dos tibetanos, o *Amin* dos muçulmanos e o *Amém* dos egípcios, gregos, romanos, judeus e cristãos. As grandes religiões do mundo declaram que todas as coisas criadas tiveram origem na energia vibratória cósmica de *Om* ou *Amém*, o Verbo ou Espírito Santo. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. (...) Todas as coisas foram feitas por ele (o Verbo ou *Om*), e sem ele nada do que foi feito se fez” (João 1:1,3).

Amém, em hebraico, significa *seguro*, *fiel*. “Isto diz o *Amém*, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus” (Apocalipse 3:14). Assim como um som é produzido pela vibração

de um motor em funcionamento, também o som onipresente de *Om* dá testemunho fiel do funcionamento do “Motor Cósmico” que sustenta toda a vida e todas as partículas da criação por meio da energia vibratória. Nas *Lições da Self-Realization Fellowship* (*), Paramahansa Yogananda ensina técnicas de meditação cuja prática traz a experiência direta de Deus como *Om* ou Espírito Santo. Essa bem-aventurada comunhão com o divino Poder invisível (“o Consolador, o Espírito Santo” – João 14:26) é a verdadeira base científica da oração.

paramahansa. Título espiritual que designa um mestre (*). Só um verdadeiro guru está autorizado a conferi-lo a um discípulo qualificado. *Paramahansa* significa, literalmente, “cisne supremo”. Nas escrituras hindus, o *hansa* ou cisne simboliza o discernimento espiritual. Swami Sri Yukteswar conferiu esse título a seu amado discípulo Yogananda, em 1935.

Patânjali. Renomado expoente da *yoga*, sábio da antiguidade cujo *Yoga Sutras* descrevem os princípios da senda iogue, dividindo-a em oito passos: (1) proibições morais (*yama*); (2) prescrições corretas (*niyama*); (3) postura de meditação (*asana*); (4) controle da força vital (*pranayama*); (5) interiorização da mente (*pratyahara*); (6) concentração (*dharana*); (7) meditação (*dhyana*); e (8) união com Deus (*samadhi*).

prana. Centelhas de energia inteligente, mais sutis que as atômicas e que constituem a vida; nos tratados que compõem as escrituras hindus, recebem a designação coletiva de *prana*, traduzido por Paramahansa Yogananda como “vitátrons”. Essencialmente, pensamentos condensados de Deus; substância do mundo astral (*) e princípio vital do cosmos físico. No mundo físico, há duas espécies de *prana*: (1) a energia cósmica vibratória, onipresente no universo, que estrutura e mantém todas as coisas; (2) o *prana* específico ou a energia que permeia e sustenta cada corpo humano por meio de cinco correntes ou funções. A corrente *prana* executa a função de cristalização; a corrente *vyana*, de circulação; a corrente *samana*, de assimilação; a corrente *udana*, de metabolismo; e a corrente *apana*, de eliminação.

pranayama. Controle consciente do *prana* (vibração ou energia criadora que ativa e sustenta a vida no corpo). A ciência iogue de *pranayama* é o método consciente e direto de desligar a mente das funções vitais e das percepções sensoriais que prendem o homem à consciência do corpo. Assim, *pranayama* deixa a consciência do homem livre para comungar com Deus. Todas as técnicas científicas que resultam em união da alma com o Espírito podem ser classificadas como *yoga*, sendo *pranayama* o maior método iogue para se alcançar a união divina.

Raja Yoga. O caminho “régio” ou mais elevado para a união com Deus. Ensina a meditação (*) científica como o método supremo para a realização divina, incluindo o que há de mais essencial e elevado em todas as outras formas de *yoga*. Os ensinamentos de *Raja Yoga* da *Self-Realization Fellowship* oferecem um programa de vida que conduz ao perfeito desenvolvimento do corpo, da mente e da alma, fundamentado na meditação de *Kriya Yoga* (*). Ver [Yoga](#).

reencarnação. A doutrina de que os seres humanos, compelidos pela lei da evolução, encarnam-se reiteradamente, em vidas progressivamente mais elevadas – retardadas por ações erradas e desejos e aceleradas por esforços espirituais –, até alcançarem a Autorrealização e a união com Deus. Tendo assim transcendido as limitações e as imperfeições da consciência mortal, a alma liberta-se para sempre da reencarnação compulsória. “A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca mais sairá” (Apocalipse 3:12).

respiração. “O fluxo de inumeráveis correntes cósmicas para o interior do homem, através da respiração, causa inquietude em sua mente”, escreveu Paramahansa Yogananda. “Dessa forma, a respiração o mantém preso ao mundo efêmero dos fenômenos. Para escapar dos sofrimentos da transitoriedade e entrar no reino bem-aventurado da Realidade, o iogue aprende a aquietar a respiração por meio da meditação científica.”

rishis. Videntes, seres excelsos que manifestam a sabedoria divina; especificamente, os sábios iluminados da antiga Índia, a quem os Vedas foram intuitivamente revelados.

sadhana. Senda de disciplina espiritual. Instruções específicas e práticas de meditação prescritas pelo guru a seus discípulos que, pela observância fiel, alcançam afinal a realização divina.

samadhi. O passo mais elevado do Caminho Óctuplo da *Yoga*, descrito pelo sábio Patânjali (*). Atinge-se o *samadhi* quando a pessoa que medita, o processo da meditação (pelo qual a mente, interiorizada, se afasta dos sentidos) e o objeto da meditação (Deus) tornam-se Um. Paramahansa Yogananda explicou que “nos estados iniciais de comunhão com Deus (*savikalpa samadhi*), a consciência do devoto funde-se com o Espírito Cósmico; sua força vital é retirada do corpo, que então parece ‘morto’, ou imóvel e rígido. O iogue possui plena consciência de seu estado físico de animação suspensa. Todavia, à medida que progride para estados espirituais mais elevados (*nirvikalpa samadhi*), comunga com Deus sem a imobilidade física; e o faz em sua consciência normal de vigília, até em meio aos exigentes deveres mundanos.” Ambos os estados caracterizam-se pela união com a bem-aventurança sempre nova do Espírito, mas o estado de *nirvikalpa* só é experimentado por mestres de altíssimo adiantamento.

Sanatana Dharma. Literalmente, “religião eterna”. O nome dado ao conjunto de ensinamentos védicos que veio a chamar-se Hinduísmo, depois que os gregos denominaram o povo que habitava às margens do rio Indo de *indus* ou *hindus*. Ver [dharma](#).

Satã. Literalmente, em hebraico, “o adversário”. Satã é a força universal consciente e independente que mantém a tudo e a todos iludidos com a consciência não espiritual da finitude e da separação de Deus. Para conservar esse estado, Satã usa as armas de *maya* (ilusão cósmica) e *avidya* (ilusão individual, ignorância). Ver [maya](#).

Self-Realization Fellowship. Sociedade religiosa internacional, não sectária, fundada por Paramahansa Yogananda, nos Estados Unidos, em 1920 (e como *Yogoda Satsanga Society of Índia*, na Índia, em 1917), para divulgar, em âmbito mundial, os princípios espirituais e as técnicas de meditação de *Kriya Yoga* (*) e para promover um maior entendimento entre pessoas de todas as raças, culturas e credos a respeito da única Verdade subjacente a todas as religiões. (Ver [Objetivos e ideais da Self-Realization Fellowship](#).)

Paramahansa Yogananda explicou que o nome *Self-Realization Fellowship* significa “associação com Deus por meio da Autorrealização e amizade com todas as almas que buscam a verdade”.

De sua sede central internacional, em Los Angeles, a organização publica os escritos, conferências e palestras informais de Paramahansa Yogananda (inclusive a série abrangente de *Lições da Self-Realization Fellowship*, para estudo por correspondência, e a revista *Self-Realization*, que ele criou em 1925); produz gravações em áudio e vídeo a respeito dos seus ensinamentos; supervisiona templos, retiros, centros de meditação, programas para jovens e comunidades monásticas da Ordem da *Self-Realization*; conduz palestras e aulas em cidades do

mundo inteiro; e coordena o Círculo Mundial de Orações, uma rede de grupos e indivíduos que se dedicam a orar pelos que têm alguma necessidade física, mental ou espiritual e pela paz e harmonia globais.

Som Cósmico. Ver [Om](#).

Sri. Título de respeito. Quando usado antes do nome de um religioso, significa “santo” ou “reverendo”.

Sri Yukteswar, Swami. Swami Sri Yukteswar Giri (1855-1936), o *Jnanavatar* (“Encarnação da Sabedoria”) da Índia; guru de Paramahansa Yogananda e *paramguru* de todos os membros *kriyabans* da *Self-Realization Fellowship*. Sri Yukteswarji foi discípulo de Lahiri Mahasaya. A pedido de Mahavatar Babaji, guru de Lahiri Mahasaya, escreveu *A Ciência Sagrada*, um tratado a respeito da unidade subjacente às escrituras cristãs e hindus, e treinou Paramahansa Yogananda para sua missão espiritual de âmbito mundial: a disseminação da *Kriya Yoga* (*). Paramahansaji descreveu com amor a vida de Sri Yukteswarji em *Autobiografia de um Iogue*.

superconsciência. Consciência da alma: pura, intuitiva, onividente, sempre bem-aventurada. O termo é às vezes usado de forma genérica para designar os diversos estados de *samadhi* (*) experimentados na meditação, mas especificamente refere-se ao primeiro estado de *samadhi*, quando a pessoa transcende a consciência do ego e se percebe como alma, feita à imagem de Deus. Seguem-se depois os estados superiores de realização: consciência crística (*) e consciência cósmica (*).

Trindade. O Espírito converte-Se na Trindade quando Se manifesta na criação: Pai, Filho e Espírito Santo, ou *Sat*, *Tat* e *Om*. O Pai (*Sat*) é Deus como Criador, existindo além da criação (Consciência Cósmica). O Filho (*Tat*) é a inteligência onipresente de Deus dentro da criação (Consciência Crística ou *Kutastha Chaitanya*). O Espírito Santo (*Om*) é o poder vibratório de Deus tornado objeto e convertido na criação.

Vedas. Os quatro textos que compõem as escrituras hindus: *Rig Veda*, *Sama Veda*, *Yajur Veda* e *Atharva Veda*. São, basicamente, uma literatura de cânticos, rituais e recitações, com o objetivo de vitalizar e espiritualizar todas as fases da vida e da atividade humanas. Na imensa literatura da Índia, os Vedas (da raiz sânscrita *vid*, “saber”) são os únicos textos aos quais não se atribui autor. O *Rig Veda* assinala uma origem divina aos hinos e informa que são provenientes de “épocas antigas”, revestidos de nova linguagem. Diz-se que os Vedas, revelações divinas feitas aos *rishis* ou “videntes” através das eras, possuem *nityatva*, “finalidade intemporal”.

Vibração Cósmica Inteligente. Ver [Om](#).

vitátrons. Ver [prana](#).

Yoga. Do sânscrito *yuj*, “união”. O significado mais elevado da palavra *yoga* na filosofia hindu é união da alma individual com o Espírito por meio de métodos científicos de meditação. Dentro de um espectro mais amplo na filosofia hindu, *Yoga* é um dos seis sistemas ortodoxos: *Vedanta*, *Mimamsa*, *Sankhya*, *Vaisesika*, *Nyaya* e *Yoga*. Existem vários tipos de métodos de *yoga*: *Hatha Yoga*, *Mantra Yoga*, *Laya Yoga*, *Karma Yoga*, *Jnana Yoga*, *Bhakti Yoga* e *Raja Yoga*. O que a *Self-Realization Fellowship* ensina é *Raja Yoga*, a *yoga* “régia” ou “completa” que Bhagavan Krishna exalta, no *Bhagavad Gita*, a seu discípulo Arjuna: “Considera-se o iogue maior do que os ascetas que disciplinam o corpo, maior até do que os que seguem o caminho da sabedoria ou o caminho da

ação; sê tu, ó Arjuna, um iogue!” (*Bhagavad Gita* VI:46). O sábio Patânjali, expoente máximo da *Yoga*, delineou oito etapas definidas pelas quais o *raja* iogue alcança o *samadhi*, ou união com Deus. São elas: (1) *yama*, conduta moral; (2) *niyama*, observâncias religiosas; (3) *asana*, postura correta para acalmar a inquietude corporal; (4) *pranayama*, controle do *prana*, as correntes vitais sutis; (5) *pratyahara*, interiorização; (6) *dharana*, concentração; (7) *dhyana*, meditação; e (8) *samadhi*, experiência superconsciente; união com Deus.

Yogoda Satsanga Society of India. O nome pelo qual é conhecida, na Índia, a Sociedade fundada por Paramahansa Yogananda em 1917. Sua sede central, *Yogoda Math*, fica situada às margens do rio Ganges, em Dakshineswar, perto de Calcutá. A *Yogoda Satsanga Society* tem um *math* filial em Ranchi, Jharkhand (antiga Bihar), e muitos outros centros sucursais. Além dos centros de meditação espalhados por toda a Índia, existem vinte e duas instituições educacionais, desde o nível primário até o universitário. *Yogoda*, palavra cunhada por Paramahansa Yogananda, é derivada de *yoga*, “união, harmonia, equilíbrio”; e *da*, “aquilo que confere”. *Satsanga* é composta de *sat*, “verdade”, e *sanga*, “associação”. Para o Ocidente, Paramahansaji traduziu o nome indiano como *Self-Realization Fellowship* (*).

¹ O caminho específico de meditação e comunhão com Deus, ensinado por Paramahansa Yogananda, é conhecido por *Kriya Yoga*, uma sagrada ciência espiritual originada há milênios na Índia. O livro *Autobiografia de um Iogue*, de Sri Yogananda, oferece uma introdução geral à filosofia e aos métodos de *Kriya Yoga*. Instruções minuciosas quanto às técnicas são postas à disposição dos estudantes das *Lições da Self-Realization Fellowship* que se qualifiquem a recebê-las.

² Na Índia, a obra de Paramahansa Yogananda é conhecida pelo nome de *Yogoda Satsanga Society*.

³ O símbolo (*) indica remissão a termos constantes do Glossário.



“Em ensinamentos que superficialmente parecem simples, Jesus aprofundou-se muito mais do que a maioria das pessoas compreende. (...) Ele ensinou a ciência completa da yoga, o caminho transcendente da união divina por meio da meditação.”

Paramahansa Yogananda
autor da *Autobiografia de um Iogue*

Neste livro extraordinário, Paramahansa Yogananda revela a *yoga* oculta dos Evangelhos e confirma que Jesus, assim como os antigos sábios e mestres do Oriente, não apenas conhecia a *yoga*, como também ensinou essa ciência universal de realização divina a seus discípulos mais próximos.

Uma compilação da celebrada obra de três volumes do autor (*A Segun-*

da Vinda de Cristo: A ressurreição do Cristo interior), este livro penetrante e compacto transcende os séculos de dogmas e incompreensão que obscureceram os ensinamentos originais de Jesus, demonstrando que ele ensinou um caminho unificador pelo qual os aspirantes de todas as religiões podem entrar no reino de Deus.

OS TEMAS INCLUEM:

- Os “anos desconhecidos” que Jesus passou na Índia
- A antiga ciência da meditação: como tornar-se um Cristo
- O verdadeiro significado do batismo
- De que modo os princípios e métodos da *yoga* são equivalentes aos ensinamentos dos maiores santos e místicos cristãos



*O Legado Espiritual de
Paramahansa Yogananda*

RELIGIÃO / ESPIRITUALIDADE



Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.



z-library.sk

z-lib.gs

z-lib.fm

go-to-library.sk



[Official Telegram channel](#)



[Z-Access](#)



<https://wikipedia.org/wiki/Z-Library>